

ABRIU A CORRIDA PARA A DG/AAC



Primeiros quatro candidatos explicam projectos

A cerca de um mês de eleições para a Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra, as primeiras listas apresentam as candidaturas. Em declarações exclusivas ao Jornal Universitário de Coimbra - A CABRA, os estudantes apresentam projectos e falam da necessidade de se discutir a academia e o ensino superior público. Apesar das diferentes propostas que se perfilam para os corpos gerentes da AAC, todos são unânimes ao afirmar que o primeiro objectivo é a defesa da academia e os interesses dos estudantes. São, para já, quatro os candidatos que se adiantam e que, em linhas gerais, explicam as principais directrizes dos projectos.

Num ano de profundas alterações no sistema do ensino superior, o confronto de ideias, entre listas e candidatos, promete agitar a academia de Coimbra e contribuir para o esclarecimento da realidade deste sector.

Desde contestar a reforma legislativa à criação de novas iniciativas para a academia, os candidatos encaram as eleições como um espaço privilegiado de debate. **PÁG. 8 e 9**



Miguel Duarte
"É necessário credibilizar a AAC e os estudantes junto da opinião pública"



Vasco Nogueira
"É natural que avançássemos como culminar de um trabalho colectivo"



Paulo Leitão
"O ensino superior tem que ser uma aposta do Estado"



Hugo Queiroz
"Revolta-me que as pessoas dêem esta luta como perdida"

Universidade Entrevista a Seabra Santos



O reitor da Universidade de Coimbra (UC) entende que o aumento das propinas não deve compensar a diminuição do orçamento transferido

para as universidades e sublinha que o Estado deve assumir as suas responsabilidades. Fernando Seabra Santos acredita que o novo quadro legislativo representa um novo paradigma para o ensino superior, salientando que algumas das decisões que têm sido tomadas, a nível governamental, "conduzem objectivamente a um favorecimento do ensino privado em relação ao ensino público".

Falando do futuro da instituição e do sector, Seabra Santos acredita que as normas que vão passar a dirigir o sistema do ensino superior vão prejudicar gravemente as universidades. No entanto, salienta que a UC é uma das instituições "com mais facilidade em manter-se".

Quanto à contestação estudantil, o reitor mostra-se reservado nas suas declarações, acusando a comunicação social de imprimir um carácter unidireccional à luta dos estudantes.

PÁG. 2 a 4



JONAS BATISTA

GREVE GERAL HOJE

Os estudantes do ensino superior boicotam hoje as aulas como forma de protesto contra as políticas governamentais. Entre as principais causas estão a actual lei das propinas e as deficiências ao nível da acção social. A onda de contestação promete continuar, com uma manifestação nacional em Lisboa, já no início do próximo mês.

Isto numa altura em que a nova ministra da Ciência e do Ensino Superior teve uma reunião atribulada com os dirigentes estudantis e revelou já dificuldades em levar o barco a bom porto. **Pág 7**

CAV Balanço de oito meses

Numa altura em que o Centro de Artes Visuais/Encontros de Fotografia comemora oito meses de existência e inaugura a quinta exposição, denominada "TrabalhoWork", A CABRA faz um balanço da produção naquele espaço, antecipa a nova mostra e dá a conhecer as ideias de Albano Silva Pereira, principal responsável pelo projecto.

PÁG.21

Vítor Oliveira

O treinador da Académica fala sobre a saída de Dário e desabafa sobre o futebol português, em entrevista **Págs 18 e 19**

Palestina

Tensão agudiza-se no território com ataques de parte a parte. **Pág 13**

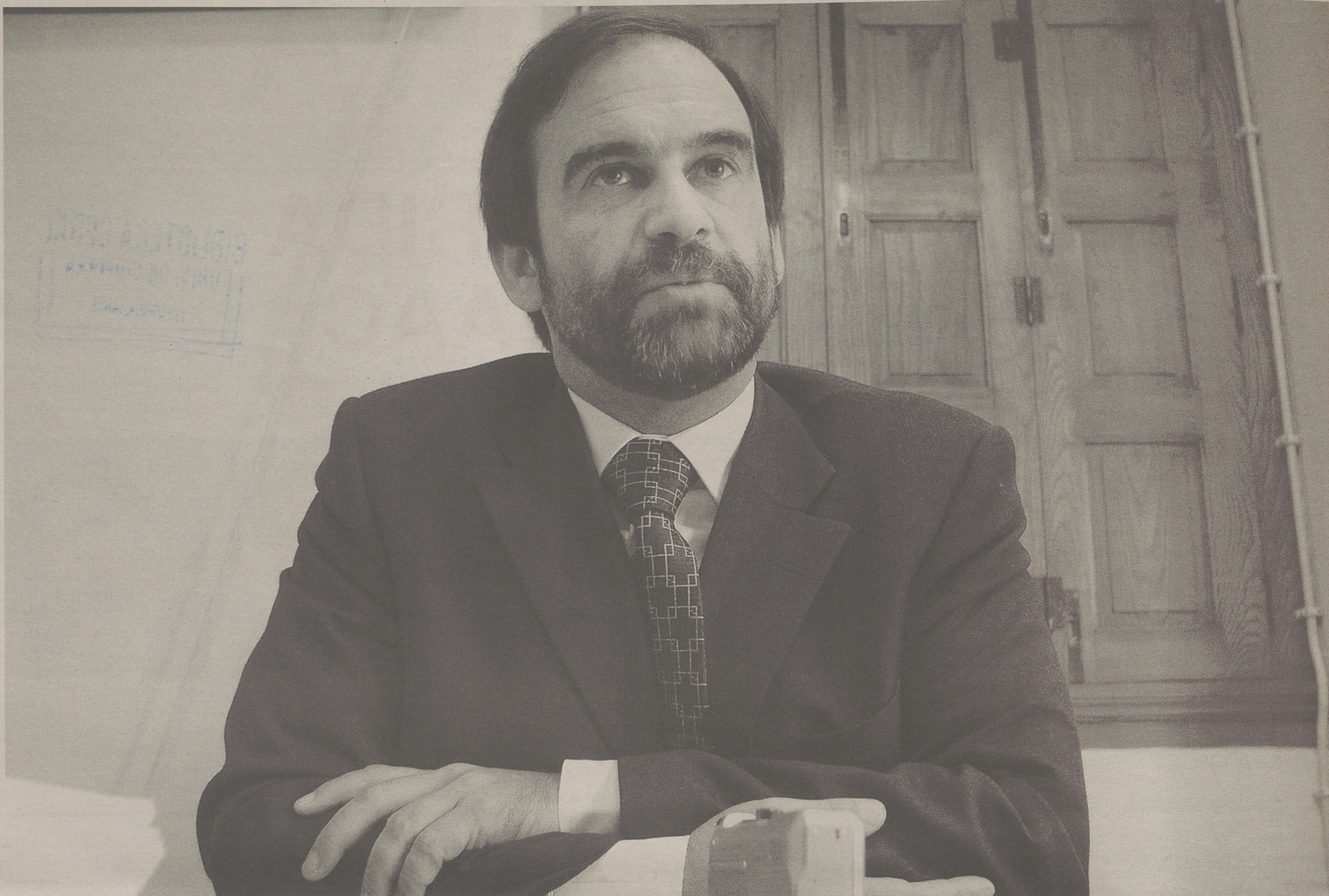
SUMÁRIO

Destaque	2	Reportagem	14
Opinião	5	Ciência	16
Academia	7	Desporto	17
Universidade	10	Cultura	20
Cidade	11	Artes Feitas	24
Nacional	12	Agenda	26
Internacional	13	Vinte&três	27

OS CONCERTOS...
OS COPOS...
AS PESSOAS...
A EMOÇÃO...

DE 23 A 28 OUT
A LATADA NA RUC

107.9 FM
Rádio Universidade de Coimbra
www.RUC.pt



"O reitor não pode usar a universidade como veículo de imposição das suas próprias ideias políticas", afirma Seabra Santos

“A nova legislação representa um novo paradigma”

Reitor da Universidade de Coimbra crítico com o ministério da Ciência e Ensino Superior

Firme na convicção de que o Estado se tem demitido da sua responsabilidade, o reitor da Universidade de Coimbra (UC) declara que o ensino superior está prestes a entrar numa outra era, marcada pela lógica de concorrência entre instituições. Fernando Seabra Santos em discurso directo

**Tiago Azevedo
Paulo Nuno Vicente**

Em entrevista ao Jornal Universitário de Coimbra - A CABRA, o reitor da UC comenta os temas que têm marcado a agenda do ensino superior em Portugal. Das reformas encaetadas pela tutela ao movimento de contestação estudantil, Seabra Santos faz o diagnóstico de um sector

em reestruturação.

Foi eleito reitor com um programa de candidatura assente em quatro ideias-chave. Uma delas a afirmação da UC. Acredita que está a conseguir passar “extra-muros” uma ideia positiva da universidade?

Tem sido pelo menos essa a minha intenção. O meu programa tinha como título genérico “Fazer Univers(c)idade” e a intenção era aproximar a universidade da cidade e da sociedade, fazê-la desempenhar um papel de instituição cidadã ligada aos problemas da sociedade. Além disso, tentar uma maior aproximação da UC à realidade empresarial, à realidade cultural da cidade. Suponho que tem sido reconhecida a prossecução desses objectivos, que naturalmente é um trabalho de todos os dias e que em nenhuma circunstância se pode considerar acabado. É minha convicção que, nesse sentido, já foram dados alguns passos importantes e de que a cidade já percebeu que tem uma universidade a dialogar mais com ela, a fechar-se menos sobre si mesma. E penso que os universitários já deram conta que é da

sua responsabilidade a assunção destes objectivos.

No plano nacional, a UC tem sabido afirmar-se enquanto sinónimo de qualidade de ensino?

Esses objectivos são muito difíceis de medir e não se concretizam seguramente em meia dúzia de meses. Há um trabalho continuado. Digo muitas vezes que me envolvi numa maratona - as maratonas não se ganham ao sprint, mas com trabalho aturado, mantendo uma orientação firme na direcção assumida. Se é possível encontrar alguns indicadores que o demonstrem, este ano, nas primeiras fases de colocação, a UC foi a terceira mais procurada (preencheu 87% das vagas declaradas), muito pouco distante das duas universidades que ficaram à nossa frente e a uma enorme distância das que a seguiram. A média nacional foi de 81%, nós tivemos 87%. Saber se isso tem a ver com alguma modificação que a imagem da UC tenha perante a opinião pública é, se calhar, demasiado pretensioso.

Já demonstrou a posição que tem em relação às novas reformas.

Acha que a nova Lei de Financiamento e a Lei de Autonomia, que está agora a ser discutida, caminham para a privatização do ensino superior público?

Penso que não se pode interpretar isso das minhas palavras. Respeitando, obviamente, opiniões diferentes, parece-me que a nova legislação representa um novo paradigma para o ensino superior. Passamos a entrar numa outra era, em que deixa de existir um sistema de ensino superior e passa a existir um conjunto de instituições de ensino superior. Justifico isso chamando a atenção para as possibilidades que se nos abrem em função da aprovação da Lei de Financiamento e, sobretudo, a partir da aprovação da Lei de Autonomia. Não decorre das minhas afirmações acusar o Governo de estar a privatizar o ensino superior. Mas, algumas das decisões que têm sido tomadas conduzem objectivamente a um favorecimento relativo do ensino privado em relação ao ensino público. Suponho que o próprio Ministério da Ciência e do Ensino Superior (MCES) o tenha reconhecido quando recuou na proposta inicial que fez, por exemplo, em relação à fixa-

ção das vagas.

Decerto tomou conhecimento do editorial do jornal “Público” do passado dia 16. Como é que reage face às acusações proferidas no texto?

Não me espanta nada. É a sua linha editorial. O jornal tem, aliás, censurado algumas das minhas propostas de colaboração. É um jornal que tem servido de defensor intransigente das posições com as quais não concordo. Lamento que se tenham utilizado expressões que não foram as que usei. As pessoas podem discordar umas das outras mantendo o nível do discurso e argumentação que sejam minimamente dignos. Parece-me que tal não aconteceu.

Orçamento de Estado

Já é conhecido o Orçamento de Estado para 2004 (OE) e o montante transferido para as instituições de ensino superior vai diminuir em cerca de 1,3 por cento. No entanto, fala-se num reforço da acção social. Acha que esse reforço vai colmatar a quebra de financiamento das instituições do ensi-

no superior?

Acho que é muito errado dizer que uma coisa compensa a outra, porque são duas realidades diferentes. A realidade mostra que isso não vai acontecer. Aceitaria que me fosse dito "Vamos autorizar o aumento das propinas, mas dotar os serviços de acção social para, garantidamente, não deixar ninguém fora do sistema por não ter capacidade económica". Aliás, é essa a publicidade oficial do Governo. E nós sabemos que isso não é assim: o aumento para os serviços de acção social nunca garantirá, no contexto da sociedade portuguesa, que uns tantos estudantes providos de famílias mais desfavorecidas e que têm capacidades para ser bons técnicos possam entrar no ensino superior. O aumento verificado nos orçamentos da acção social, apesar de importante, não é suficiente.

Admite, então, que, com a fixação da propina no valor máximo haverá muitos estudantes excluídos do acesso ao ensino superior?

Temo que assim seja. Não sei se serão muitos porque, de facto, não há estudos nessa matéria. Lamento que se tomem decisões destas ao mais alto nível sem serem fundamentadas em estudos da realidade em que vivemos. Suponho que é o único país que se pretende desenvolvido que toma decisões deste tipo, que podem, inclusive, influenciar a evolução dos indicadores sociais e económicos - é sabido que da existência de um conjunto significativo de quadros qualificados depende o desenvolvimento económico do país. Existem estudantes que provêm de famílias tão desfavorecidas que têm acesso a bolsas de estudo que compensam as propinas; há uma franja intermédia de estudantes que não são de maneira nenhuma muito abastados e provêm de famílias remediadas e que têm, frequentemente, dificuldades em manter os seus filhos a estudar fora de casa.

Acha que a medida implementada pelo MCES de dar a escolher entre a propina mínima e a propina máxima leva a que as instituições adoptem o valor máximo, uma vez que, dessa forma, não se podem queixar de falta de financiamento?

Tentei defender a propina mínima no interior de Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas (CRUP). Defendi-a publicamente, em todas as ocasiões. Defendi, inclusive, o não aumento das propinas. Quando se tornou patente que a maior parte das instituições estavam a atirar para outros valores, tive de defender a UC. Não sei como é que o poderia fazer de outro modo. Bati-me até ao fim por aquilo em que acredito e por aquilo que sei ser o interesse dos estudantes. Entendo que o aumento das propinas não deve compensar a diminuição do orçamento transferido para as universidades e que o Estado devia assumir as suas responsabilidades. Não sendo assim, a posição da UC não pode ser outra senão esta.

CRUP "a rebenatar pelas costuras"

Existe alguma cisão no seio do CRUP?

É difícil encontrar duas posições exactamente idênticas no Conselho de Reitores. O CRUP não é um órgão de representação das universidades. Não tem qualquer poder. Não se substitui às universidades. É um órgão de coordenação que faz sugestões, mas que não podem vincular a posição de nenhuma universidade. Cada universidade mantém a sua autonomia. Apesar da posição que foi conseguida in extremis, no dia 9 de

Setembro, em boa parte por insistência minha, as coisas já estavam a rebenatar pelas costuras. Nesse mesmo dia já uma universidade tinha fixado, em Senado, a propina máxima.

Concorda que a implementação

de um ritmo de competição no ensino e de uma lógica de concorrência entre as instituições é contra a Constituição da República Portuguesa...

Concordo. Mas enquanto não houver outra interpretação tem de ser esta a prevalecer. Lamento que seja assim. Se o objectivo é matar uma vintena de instituições do ensino superior então compreendo aquilo que está a ser feito. Naturalmente não acredito que se inverta a política depois disso acontecer. Agora, a manter-se esta política, sem ajudas adicionais a algumas instituições, não tenho dúvida que daqui a meia dúzia de anos...

Vai ocorrer um "genocídio" das instituições de ensino superior...

Genocídio não será, mas vai haver muito mais instituições com muito mais dificuldades do que têm hoje. Espero que não seja o caso da UC, que apesar de tudo é uma grande universidade e é daquelas que vai ter mais facilidade em manter-se.

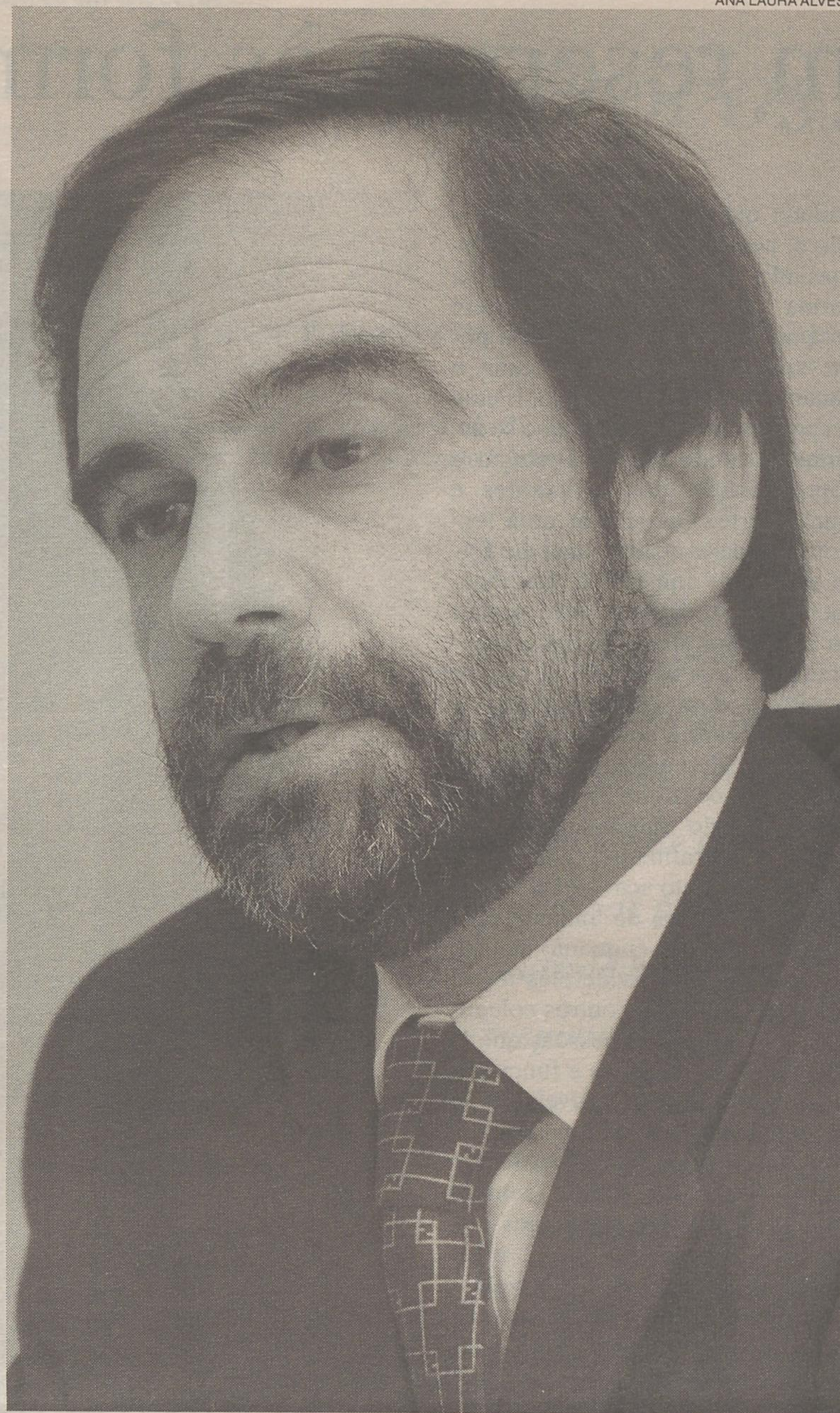
Sente-se emparedado entre o argumento social e a lógica de mercado imposta às universidades?

Não. Sinto apenas que a forma como julgo dever ser organizado o sistema de ensino superior não é aquela que prevalece actualmente. Não é por isso que vou deixar de ser reitor. Vou tentar fazer o melhor possível pela UC, no contexto que se me apresenta.

Autonomia igual desresponsabilização?

É da opinião que o Estado confundiu autonomia com desresponsabilização?

Digo isso, mas não foi agora que confundiu. Desde a aprovação da primeira Lei de Autonomia, em 1988, nunca foram definidos quais devem ser os deveres e os direitos de cada uma das partes. Eu sempre disse que a autonomia devia ser um contrato entre o Estado e as instituições de ensino superior e, como qualquer contrato, requer-se que ele defina objectivamente quais as obrigações de ambas as partes. Quando assistimos, por exemplo no campo financeiro, a uma indefinição total dos financiamentos, que variam de ano para ano em função da opinião que um secretário de Estado ou um



Seabra Santos considera que se envolveu numa maratona

ministro tem nessa matéria, compreendemos que a Autonomia nunca assentou sobre bases sólidas e sempre foi permitido ao Estado ter uma interpretação própria de termos contratuais que deviam ter sido definidos, e que nunca o foram.

"Não posso defender o interesse dos estudantes, nem a minha opinião, contra o interesse da universidade"

Teve já conhecimento do resultado da reunião entre a ministra e o presidente do CRUP?

Muito vagamente. Falei ao telefone com o Dr. Adriano Pimpão. Soube que se terá falado muito pouco de financiamento e muito

mais de outras preocupações que são também as da UC. Nomeadamente, a tentativa de repor nos carris um diálogo que estava difícil com o ministro Pedro Lynce. O ministro apregoava com frequência a participação de muitas dezenas de pessoas e de instituições no seu processo de alteração legislativa, o certo é que muito poucas das propostas das universidades foram consideradas. Tinha havido nas últimas semanas trocas de cartas relativamente duras da parte dos reitores para o ex-ministro Pedro Lynce. O que esteve no centro das preocupações do professor Adriano Pimpão, nesta primeira reunião com a ministra Maria da Graça Carvalho, foi tentar reatar o diálogo.

Uma das afirmações da nova ministra foi que pretende colmatar as falhas no financiamento com a celebração de contratos-programa. Que contratos-pro-

grama pode, especificamente, a UC celebrar?

Temos a esperança de que sejam estabelecidos pelo menos dois contratos-programa com a UC. O primeiro, com o objectivo de salvaguardar a responsabilidade de manter as nossas instalações históricas. Nesse campo, a UC é a universidade que com mais legitimidade pode reivindicar um contrato-programa. O segundo, sobre o financiamento dos estabelecimentos anexos das unidades específicas. Só isso retiraria ao orçamento global da UC a responsabilidade de afectar uma parte significativa de verbas para esse fim e canalizá-las ao fim a que se destinam, que é o apoio ao ensino e investigação.

Com que olhos viu a demissão de Pedro Lynce do cargo de ministro da Ciência e do Ensino Superior? Terá sido uma situação oportuna uma vez que coincidiu com o início do ano lectivo?

Independentemente das posições de cada um, tenho de reconhecer que a política portuguesa tem falta de convicção e do empenho que o Dr. Pedro Lynce põe nas suas atitudes. Tenho pena que tenha saído nas circunstâncias em que saiu, por uma questão menor que, muito provavelmente, nem sequer foi da sua responsabilidade. Conheço-o o suficiente para ter a certeza de que agiu de boa fé e, portanto, lamento que os políticos quando estão tão empenhados no exercício dos seus cargos saiam por razões tão pouco elevadas. Gostava de dizer que considero o ex-ministro uma pessoa de bem. Tenho por ele o maior respeito, independentemente da discordância de pontos de vista.

Projectos para futuro**Para quando um Pólo III?**

A preparação do Pólo III começou há mais de 4 anos e começa agora a ganhar forma. O primeiro edifício da faculdade de Medicina vai estar pronto dentro de um ano. Em 2004, vão ser iniciados 4 novos edifícios: a Biblioteca Central, a faculdade de Farmácia, uma Cantina e uma residência. Em 2005, vão ser iniciados outros dois: a unidade central e a sub-unidade 3. A sub-unidade 2 e a sub-unidade 4 ficam para mais tarde. Suponho que, entre 2007 e 2008, teremos o Pólo III construído.

Não urge resolver, por exemplo, o problema da faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física?

Tem sido um projecto muito demorado. Quer por força do ministério, quer, durante algum tempo, por culpa da própria faculdade, que demorou imenso a responder à sua parte do trabalho na altura em que era preciso fazer o programa preliminar. Há quase um ano que esperamos que o ministério nos autorize a abertura de um concurso para realização do projecto. A reitoria funcionou sempre no limite daquilo que era tecnicamente possível.

Falando do património da UC. É sabido que vai trabalhar na candidatura do Paço das Escuelas a Património da Humanidade...

Tenho pouca vontade de falar desse dossier com frequência. Por uma razão muito simples: porque é um dossier ao que tudo indica vai demorar alguns anos, portanto, é daqueles projectos de que não se pode falar todos os dias senão esgota-se a matéria antes que aconteça, correndo-se o risco de gerar expectativas exageradas nas pessoas ou deslocadas no tempo. É possível que, a muito curto prazo, se prepare uma pequena apresentação pública das intenções. A partir daí, vamos deixar de falar publicamente desse projecto e trabalhar para a sua prossecução. Vai ser um grupo técnico de trabalho e uma comissão científica de acompanhamento. Vão ser anos de intenso trabalho técnico e político. Não quero, portanto, alimentar a lume brando uma questão que se vai arrastar durante tanto tempo.

Na última quarta-feira, apresentou um novo vice-reitor para a área da investigação científica. Considera positivo o trabalho que o anterior grupo fez durante cerca de oito meses?

O trabalho preliminar desenvolvido foi muito útil para que eu pudesse avaliar o funcionamento e os objectivos do próximo vice-reitor para a investigação. Os resultados desse trabalho vão ser visíveis no início das funções do professor João Carlos Marques. Espero que se possa consolidar a investigação científica enquanto núcleo duro de uma grande universidade como é a UC. Entendi que era necessário escolher uma pessoa, não só com experiência de investigação científica directa, mas uma grande experiência na organização do trabalho de investigação, na orientação de teses de mestrado e doutoramento e na direcção de um grande instituto de investigação.

Reitor com reservas às formas de luta

Embora compreendendo as reivindicações dos estudantes, Seabra Santos manifesta-se contra o impedimento sistemático do funcionamento dos órgãos democráticos

Apresentou no Senado uma proposta de propina mínima, para este ano, e de máxima, para o ano. Porquê essa proposta? Foi alvo de pressões dos Conselhos Directivos? Por exemplo, da Faculdade de Medicina, que tem autonomia financeira e cujos cursos ministrados exigem mais dinheiro que, por exemplo, na Faculdade de Letras?

Não. Penso que os termos da proposta são conhecidos. Tenho mantido uma política de total transparência. No próprio dia em que apresentei ao Senado essa proposta uma cópia dela foi enviada aos órgãos de comunicação social. Contudo, não deixei de assumir a responsabilidade do cargo que ocupo e o que se passa é que o reitor não pode usar a universidade como veículo de imposição das suas próprias ideias políticas, conduzindo a uma orientação que pode levar a um beco sem saída. Penso que os estudantes compreenderão, quando tiverem ocasião de reflectir um pouco mais sobre este assunto e quando tiverem oportunidade de separar aquilo que é o seu interesse imediato daquilo que é o interesse da UC, que aquilo que eu defendo é a UC e, neste contexto, não posso defender o interesse dos estudantes, nem a minha opinião, contra o interesse da UC. O interesse da UC, num contexto de competição, quando a quase totalidade das universidades que fazem parte do nosso campeonato - as grandes universidades públicas portuguesas - já se pronunciaram que a muito curto prazo vão adoptar a propina máxima, não podemos uma perda de competitividade que resulta de 1,6 milhões de contos por ano de investimento na UC.

Não haverá estudantes que pensam que, o que o reitor dá com uma mão tira com a outra?

Não estou a dar, nem a tirar. Apenas digo que é incompreensível que o Estado tenha atirado para as instituições a responsabilidade da fixação das propinas. Trata-se de uma desagregação da autoridade do Estado. Sei que são termos muito duros e nunca vi ninguém usar termos tão duros a defender não só o não aumento das propinas, como a não desresponsabilização das universidades com a fixação do seu valor. No entanto, uma coisa é aquilo que pensamos, outra coisa são as leis que são feitas por quem tem direito de as fazer. Podemos não concordar com ela, mas aos reitores compete respeitar a lei e fazê-la cumprir.

Como é que vê a acção dos estudantes senadores?

Posso compreender uma atitude

isolada que procura marcar posição e, nesse contexto, não fico demasiado decepcionado. De uma forma geral, entendo que, quem está num órgão de gestão, não pode simultaneamente boicotar o funcionamento desse órgão. É uma responsabilidade grande que se assume. É sabido que, em Portugal, a representação dos estudantes é muito forte. Quem tem uma responsabilidade institucional tão forte não pode impedir o funcionamento desse órgão e deve aceitar os resultados das votações democráticas. As pessoas têm de aceitar a vitória com contentamento, e têm de aceitar a derrota com 'fair-play'. Critico a posição dos estudantes por ocasionalmente promoverem o não funcionamento do órgão. Naturalmente, entendo a atitude enquanto acto isolado e enquanto tentativa de marcar uma posição, mas não enquanto recurso sistemático. Depois de eles terem saído dirigi-me aos outros colegas e disse-lhes que as pessoas que lá não estavam, docentes e funcionários, eram tão responsáveis como os estudantes ao não permitir a continuação dos trabalhos do Senado. Tenho-me batido sempre pela presença dos estudantes nos órgãos. Fazer aquilo que os estudantes fizeram no dia 1 e no dia 7 é dar argumentos a quem entende que os estudantes não estão lá a fazer nada. Temos que perceber que o próximo ano é de revisão estatutária em que muitas pessoas vão querer retirar simplesmente os estudantes dos órgãos. Temos de nos dotar de argumentos que nos permitam defender a continuação dos estudantes nos órgãos de gestão.

Ainda José Reis

Não sei se teve conhecimento da entrevista a José Reis...

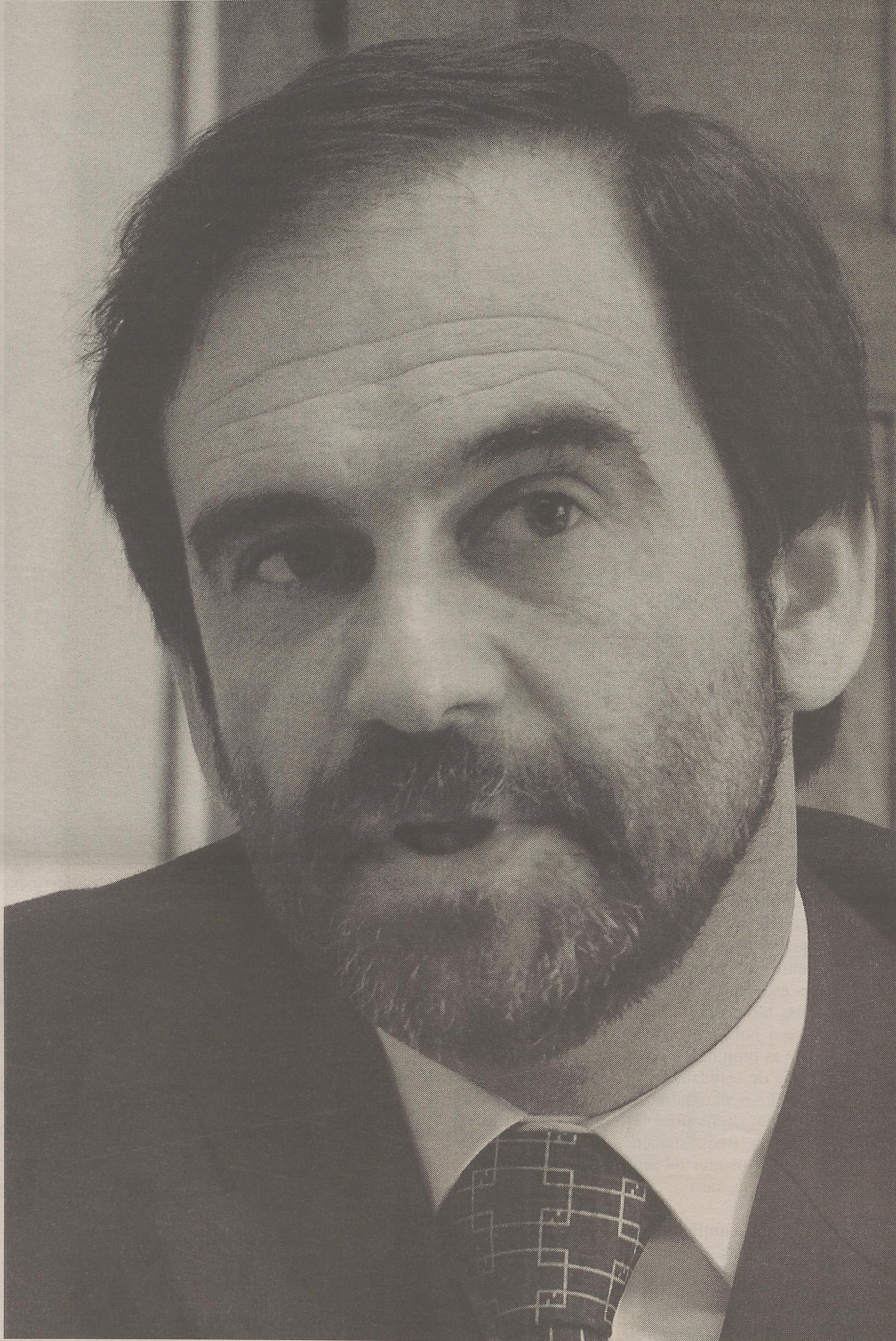
Li na dialogal. Tento não perder tempo com coisas que não têm grande importância.

José Reis acusa-o de estar "refém dos estudantes".

É uma das afirmações que não compreendo, uma vez que, como eu, esteve no Senado. Obviamente, tem direito a expor livremente as suas ideias. A proposta que eu fiz não agrada aos estudantes, e foi por isso que eu não a fiz, embora tenha sido aprovada por unanimidade na reunião de planeamento. Contudo, não vi o Dr. José Reis formalizar outra proposta mais consistente que a minha.

Na mesma entrevista, José Reis declara que a proposta do reitor era insensata e que revelava um medo de estipular um valor de propina. Teme a contestação estudantil?

O que é que pode ser mais claro do que preparar as pessoas, com um ano de antecedência, para um aumento que é brutal? Poderia adoptar a postura mais cómoda de fixar a propina no mínimo este ano e dizer "para o ano logo se vê". Isso iria contra a minha convicção e se, hoje, penso que a única saída possível é avançar para o valor



Seabra Santos despreocupado com recentes declarações de José Reis a seu respeito

máximo, tenho a obrigação de preparar, hoje, os estudantes e as famílias. Obviamente, não pretendo que todos concordem com a minha justificação. Embora, constate que há um consenso vastíssimo, entre professores e funcionários, em torno desta proposta.

Alternativas para a luta

Concorda que a luta dos estudantes devia ser canalizada para outros motes

que não os actuais?

Parece-me que quem tem empujado o carácter unidireccional da luta dos estudantes têm sido os órgãos de comunicação social. Constato com frequência que é empolada a questão do financiamento e o "Não pagamos". Verifico que a comunicação social foca-

liza com muito mais facilidade a questão das propinas e assuntos associados do que outras matérias. Penso que tal é deliberado. O Estado também não tem interesse em repisar nesta questão a não ser quando ela distrai a opinião pública de assuntos que deviam ser muito mais discutidos. Esta nova Lei de Financiamento promove alterações que vão fazer com que o Estado, em 2004, poupe na melhor das hipóteses 1 milhão de contos, na totalidade das universidades portuguesas. O orçamento global de funcionamento é cerca de 140 milhões de contos. Estamos a ver o que representa um milhão em 140 milhões...Não é por aqui que o Estado vai contribuir para o equilíbrio das finanças públicas, para atingir os 3% do Pacto de Estabilidade. Iria a algum lado se encarasse de frente os problemas orçamentais que muitos outros sectores da Administração Pública têm e

não as universidades. Refiro-me, nomeadamente, ao Serviço Nacional de Saúde, à derrapagem nas obras públicas, à incrível dificuldade controlarmos o nosso sistema fiscal. São exemplos significativos para compreendermos que, no contexto geral, o financiamento das universidades é, no âmbito geral da nossa Administração Pública, uma questão irrisória.

Quer comentar a decisão tomada pelos estudantes da universidade em Assembleia Magna de não dialogarem com a nova ministra?

É uma posição delicada e difícil de justificar perante a opinião pública. As pessoas gostam naturalmente que haja diálogo e entendem mal que à partida se recuse esse diálogo. Mas, admito que seja possível que os dirigentes estudantis possam justificar convenientemente essa posição.

EDITORIAL

Guerra aberta

Quinze dias após ter tomado posse, a nova ministra da Ciência e do Ensino Superior, Maria Graça Carvalho, enfrenta fogo cruzado. De um lado, os estudantes cerram fileiras e preparam-se para uma contestação de rua que se prevê bastante dura. Do outro, são os próprios reitores a apontar o dedo à responsável pela tutela do ensino superior, acusando-a de desinvestimento nas universidades portuguesas. Mas vamos por partes.

Duas semanas após ter sido apresentada como a nova ministra para a Ciência e Ensino Superior, Maria Graça Carvalho não conseguiu aproximar os dirigentes estudantis das posições por si defendidas e, consequentemente, do Governo. De resto, o simbólico episódio do abandono dos presidentes das Associações Académicas de Aveiro, de Lisboa e da Universidade da Beira Interior da primeira reunião entre a tutela e o corpo discente (e, antes disso, a recusa em participar nesse encontro por parte do presidente da Associação Académica de Coimbra) é bastante representativo do ambiente que se vive de parte a parte.

A contestação ao ministério levada a cabo pelos alunos necessita urgentemente de um manto de credibilidade. Mais do que terem razão, os estudantes precisam de ser organizados e inteligentes para provarem que os seus argumentos são os mais válidos

Quanto aos reitores, ainda que num registo mais contido, também não deixaram de demonstrar o seu desagrado para com a forma dogmática, inflexível e imperativa como a actual ministra preferiu conotar-se, logo à partida, com as posições defendidas pelo seu antecessor, em vez de ouvir, primeiro, os seus principais interlocutores. De resto, fruto desta clara cisão entre tutela e reitores foram as declarações cáusticas do presidente do Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas, Adriano Pimpão, também à saída da sua primeira reunião com Maria Graça Carvalho, acusando o executivo liderado por Durão Barroso de colocar o ensino superior em risco. Já antes, num dos mais politizados discursos reitorais de abertura solene das aulas dos últimos anos, o reitor da Universidade de Coimbra, Seabra Santos, tinha acusado o ministério de desinvestimento no ensino superior e de mercantilização das universidades portuguesas.

Posto isto, e apesar de tanto instituições como alunos procurarem obter, genericamente, os mesmos objectivos junto do Governo, o certo é que esta não é uma luta fácil. Não o é, não tanto pelo brilhantismo do opositor, mas antes pela dificuldade em conseguir o aliado mais fundamental para levar a bom porto esta batalha - a opinião pública.

Neste momento, a contestação ao ministério da Ciência e do Ensino Superior levada a cabo pelos alunos necessita urgentemente de um manto de credibilidade. Mais do que terem razão, os estudantes precisam de ser organizados e inteligentes para realmente comprovarem que os seus argumentos são os mais válidos. E isso passa, indubitavelmente, pela conquista da opinião pública, da opinião das pessoas anónimas e pela sua consequente identificação e simpatia com a causa estudantil.

Neste ponto, têm sido altamente negativas e desanimadoras as últimas declarações proferidas pelo Presidente da República, Jorge Sampaio, que, inicialmente de forma mais velada, mas agora às claras, decidiu vir publicamente demonstrar-se contra as manifestações protagonizadas pelos estudantes do ensino superior. Mais do que um volte-face ao seu passado como dirigente estudantil na Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa aquando da crise académica de 1962, esta tomada de posição significou também a queda de um mito entre os movimentos estudantis: a crença de que o Presidente da República era um seu sub-reptício aliado, imiscuído nos obscuros meandros do poder. Noutra perspectiva, e em termos menos sombrios, traduziu-se num claro marginalizar e menosprezar das causas estudantis que, assim, se vêem cada vez mais solitárias frente às instituições de poder.

É pois sem "rei nem lei", que o corpo discente parte hoje para mais uma jornada de luta. Uma greve nacional que, mais do que querer parar as universidades, procura ser um catalisador para a sua dinamização futura. Hoje, como num longínquo dia 24 de Março de 1962, os estudantes preparam-se para defender os seus ideais. Mas hoje, ao contrário dessa data, Jorge Sampaio já não está do mesmo lado da barricada, e é agora mais um elemento insonso da política portuguesa, que pede aos estudantes que se mobilizam que abduquem da sua cidadania e que se conformem.

Carta ao director

Equívocos...

Vasco Ramos *

CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA PORTUGUESA

Artigo 74.º (Ensino)

1. Todos têm direito ao ensino com garantia do direito à igualdade de oportunidades de acesso e êxito escolar.

2. Na realização da política de ensino incumbe ao Estado:

[...]

e) Estabelecer progressivamente a gratuidade de todos os graus de ensino;

Sobre as políticas deste governo para o ensino superior público, tenho as seguintes considerações a fazer:

1. Em relação ao aumento das propinas e sendo que nenhuma lei pode ir contra o disposto na Constituição, parece-me claro que esta lei viola claramente a alínea e) pois vai precisamente no sentido oposto (da não gratuidade). Por outro lado, eu até sou a favor do pagamento de propinas, mas nunca nestes moldes. Defendo uma propina única como uma taxa de frequência do ensino superior público e nunca como um preço estabelecido consoante o estabelecimento de ensino e consoante o curso que se frequenta, que só contribui para que o acesso ao ensino superior seja um privilégio de elites económico-sociais e não de elites intelectuais. A propina única pode parecer injusta pois todos pagam o mesmo mas julgo que a solução para isso seria a isenção do seu pagamento para os mais carenciados e, para os restantes casos, deduções nos impostos, consoante os rendimentos das famílias. Assim, o valor desta propina única seria secundário uma vez que os mecanismos antes referidos trariam o equilíbrio desejado entre famílias de diferentes rendimentos. No entanto, para o aumento da propina seria necessário alterar a Constituição para evitar atropelos legais.

2. Também não concordo com a restante política educativa deste governo, que me parece orientada por uma lógica económico-financeira em detrimento da qualidade do ensino superior público e acabando por favore-

cer o ensino superior privado. Exemplo disso mesmo é o corte de vagas no ensino superior público, que não se ficou só pelos cursos com pouca procura ou pelos cursos com notas de acesso negativas, afectando também cursos com muita procura e com notas de acesso razoavelmente altas, alguns dos quais da área de ciências e tecnologia na qual existe falta de profissionais qualificados.

Assim, com uma política educativa que é um equívoco, penso que as contestações estudantis são justificadas mas, nomeadamente aquelas fomentadas pela Associação Académica de Coimbra, pecam pela sua forma. Na minha opinião, a actuação desta Direcção-Geral de saudavelmente irreverente (se é que alguma vez o foi) passou a profundamente irresponsável, não conseguindo assim mobilizar os estudantes. Vítor Hugo Salgado, numa aparente constante sede de protagonismo de que é exemplo a sua obsessão em liderar o movimento estudantil nacional, tem sido um mau exemplo de um dirigente associativo

de formas de luta a que temos assistido não tem mostrado isso. São equívocos a mais. Mas felizmente Novembro trará uma nova Direcção-Geral. Doce Novembro!

* Estudante de Engenharia Informática na Faculdade de Ciência e Tecnologia da UC



Nota de Redacção

A partir da edição passada, o Jornal Universitário de Coimbra - A CABRA passou a contar com uma secção de cartas ao director. Esperamos assim abrir as nossas páginas à participação da comunidade estudantil e universitária e funcionar como uma plataforma de discussão. Esperamos também obter um maior

"feedback" em relação à qualidade do nosso trabalho e lançar uma nova interactividade entre o jornal e os leitores que, de resto, pretendemos que se estenda através do nosso novo site - www.acabra.net.

Quanto às cartas destinadas a esta secção - incluindo as remetidas por e-mail - devem indicar o nome

e a morada do seu autor, bem como um contacto telefónico. O Jornal Universitário de Coimbra - A CABRA reserva-se o direito de seleccionar os textos publicados, eventualmente reduzindo-os. Não se devolvem os textos originais, nem se prestam informação postal ou telefónica sobre eles.

SANTUÁRIO



O Rock invade a cidade

Rua Almeida Garret 7-9 Coimbra
www.santuariobar.com

Estudantes em greve nacional

“Jamais baixaremos os braços”, afirma o presidente da DG/AAC

Depois de iniciativas locais, a onda de contestação que se faz sentir no sector do ensino superior público prossegue hoje com uma greve geral

Marília Frias
Maria João Lopes

O movimento estudantil está apostado em lutar contra as políticas do governo para o ensino superior. Depois da greve de hoje, a manifestação em Lisboa no dia 5 é o próximo grande evento na agenda da contestação.

As questões que preocupam os estudantes prendem-se com o aumento de propinas, as prescrições, as causas do insucesso escolar e com a redução do peso dos estudantes nos órgãos. Os estudantes questionam ainda a gestão das instituições do ensino superior, que acusam de pouco democrática. Para além destas questões, na Assembleia Magna reflectiu-se ainda sobre as consequências da demissão do ministro da Ciência e do Ensino Superior e sobre a política de continuidade que a nova ministra sublinhou.

Os estudantes resolveram protestar através de diversas iniciativas. Para além da greve activa, que termina hoje, optou-se pela politização da Festa das Latas e Imposição das Insígnias e por marcar presença, no próximo dia 29, no jogo de futebol Académica - Benfica. Politizar a Latada implica interromper a serenata durante cinco minutos e utilizar o cortejo para representar o funeral do ensino superior. O recinto da festa vai ter como temática decorativa a política educativa actual e a informação vai circular dentro e fora de portas. Ainda durante as noites da Latada vai passar no pavilhão do Estádio Universitário um “spot” subordinado à temática da contestação. Para além destes eventos, os estudantes pretendem sublinhar uma tomada de posição simbólica nas Galerias da Assembleia da República aquando da apresentação da Lei de Autonomia, interpor uma acção judicial contra o Governo por publicidade enganosa e entupir a caixa de correio electrónica do ministério, com mensagens de protesto.

Todos por uma causa

Empenhados na mobilização de todos os estudantes estiveram a Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra (DG/AAC) e os núcleos da Associação Académica de Coimbra. A DG/AAC distribuiu panfletos na rua e até os papéis que se colocam no tabuleiro nas cantinas continham informação. Desta forma, quem frequenta a universidade ficou a saber que estudar vai custar mais. Também as repúblicas



Estudantes do ensino superior cortaram o trânsito na ponte de Santa Clara, em protesto contra as políticas para o sector

contribuíram para a luta. No largo D. Dinis foi erguida uma tenda que pretende ser um ponto privilegiado de discussão, informação e protesto. Mas o apelo à luta percorreu todo o país, nomeadamente pelo Comboio da Educação, que também fez paragem em Coimbra.

Em campanha de sensibilização estiveram ainda envolvidos o Movimento por um Superior Ensino Superior e o movimento Muda AAC.

Palavras solenes

No dia 15, a abertura solene da universidade ficou marcada por aquilo a que os estudantes chamaram “encerramento solene”.

Para o reitor da Universidade de Coimbra, Seabra Santos, “ao deixar a cada universidade pública a responsabilidade de fixar as propinas dos seus cursos, a nova lei vem misturar alhos com bugalhos. Vem pôr os reitores, os senados e os conselhos directivos a brincar ao mercado”. Apesar de não ser contra a propina, que até considera “socialmente admissível” e em certos casos “aconselhável”, Seabra Santos bateu-se contra o seu aumento.

Victor Hugo Salgado começou o seu discurso pedindo um momento de silêncio. Um momento que pretende, segundo o dirigente, denunciar “uma concepção de ensino superior enquanto despesa e não enquanto investimento”. E para demonstrar esta realidade, enumera o aumento de propinas, a introdução de prescrições, o corte no orçamento e no número de vagas associado à diminuição do peso dos estudantes nos órgãos e à redução de autonomia das instituições. “Poder-se-á dizer que são as medidas mais negativas das últimas décadas para o ensino superior público e só tendem para a extinção do mesmo”, acrescenta, antes de concluir o discurso dizendo que os estudantes jamais baixarão os braços.

Meia hora de silêncio na ponte

Cerca de 1200 estudantes percorreram as ruas de Coimbra na passada quinta-feira. Gritaram palavras de ordem contra a política educativa, pararam o trânsito e sentaram-se durante meia hora, em silêncio, na ponte de Santa Clara.

A manifestação acabou no está-

dio universitário com o discurso do presidente da DG/AAC. Victor Hugo Salgado reafirmou o seu apoio em relação à faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física, contestou as propinas e reivindicou um ensino superior gratuito e de qualidade. Explicou ainda por que não iria falar com a ministra: “Quando tomou posse disse que não ia mudar uma vírgula ao mandato anterior e depois, para acalmar os ânimos, vem dizer que quer reunir com os estudantes...” Mas, as críticas à política educativa não se ficaram por aqui. As promessas que não foram cumpridas não passaram em branco. O dirigente gritou bem alto ao afirmar que prometeram acção social e aumentaram o preço do prato único nas cantinas, e que prometeram investimento e cortaram no orçamento. Para finalizar, apelou à magna do próximo dia 3, a realizar no Teatro Académico de Gil Vicente, e à manifestação nacional em Lisboa, no próximo dia 5.

Críticas a Victor Hugo

Em relação ao editorial publicado quinta-feira no jornal “Público”, Victor Hugo Salgado prefere não comentar o seu conteúdo: “Tenho a capacidade de discutir todas as questões que me são colocadas, críticas ou não, com os estudantes que represento e que eu saiba a pessoa que escreveu o artigo não é estudante da Universidade de Coimbra”. No editorial, o director do “Público” chamava mal-educado a Victor Hugo Salgado por se recusar a reunir com a ministra. “Amanhã até peço desculpa à sra. ministra se disser que acaba com as propinas, com as prescrições e que vai apostar no ensino superior”, rebateu o presidente da DG/AAC.

De norte a sul...

A onda de contestação percorre todo o país e desde o fim de Setembro aumenta o tom dos protestos estudantis contra os políticas governamentais para o ensino superior. As acções diferem em todas as academias, mas todas elas pretendem reunir esforços na greve geral do dia 21 de Outubro e na manifestação nacional em Lisboa, no dia 5 de Novembro.

Entre o fim de Setembro e o início de Outubro todas as academias reuniram em Assembleia Magna ou numa Reunião Geral de Alunos (RGA) a fim de decidir quais as formas de luta a adoptar. Acordaram-se manifestações locais (algumas no dia da abertura oficial das respectivas universidades), encerramentos temporários de faculdades e politização da recepção ao caloiro em vários pontos do país. No Porto, foi mesmo decretado o estado de “Crise Académica”.

O argumento dos milhares de estudantes que saíram para a rua nestes últimos dias é que o ensino “é um bem público tendencialmente gratuito como consta da Constituição da República Portuguesa” e que “um aumento tão significativo do valor das propinas poderá significar o abandono de alunos desta instituição” como, de resto, consta da moção apresentada pela Associação Académica da Universidade de Aveiro em RGA. Este documento acrescenta ainda que “é da função da tutela, fixar o valor das propinas a nível nacional”, em vez de atirar a “batata quente” para os senados universitários. De resto, e para evitar que tal pudesse ocorrer, em várias universidades os alunos invadiram a reunião do senado de forma a garantir a não fixação do montante da propina, e assim obrigarem o ministério da tutela a ser ele o responsável pela fixação da propina no valor mínimo, como previsto na lei. Foi o que aconteceu no Porto e em Coimbra. Noutras academias, como no Minho e no Algarve, preferiu-se fazer uma declaração de voto ou uma manifestação à porta do senado, respectivamente. Neste último caso o senado decidiu adiar a reunião.

Entretanto, são de salientar as várias iniciativas locais que se têm sucedido por todo o país. Desde a utilização de apitos, durante um minuto, num “buziño”, no Porto, à entrega de uma moção ao governador civil pedindo a revogação imediata da actual Lei de Financiamento do Ensino Superior. Em Aveiro, várias têm sido as formas de luta escolhidas pelos estudantes para marcar a sua oposição às opções governamentais. Já na Beira Interior verificou-se uma ocupação espontânea da reitoria, ao passo que em Lisboa formou-se um pelotão de bicicletas. Destacam-se ainda um cordão humano à volta de um dos edifícios da Universidade de Évora e uma campanha de protesto “Operação Coração” na qual cada estudante deveria contribuir com um cêntimo para apoiar a instituição universitária do Algarve.

Reunião acaba mais cedo

A ministra da Ciência e do Ensino Superior, Maria da Graça Carvalho, reuniu na sexta-feira com 15 dirigentes estudantis para debater os problemas que afectam o ensino superior. Porém, a recusa da ministra em discutir a revogação da lei das propinas acabou por levar a que alguns estudantes abandonassem a sala mais cedo do que o previsto.

O presidente da Associação Académica da Universidade de Aveiro, José Ricardo Alves, foi o primeiro a abandonar a sala. Seguiram-se os dirigentes da Associação Académica da Universidade da Beira Interior e da Associação Académica de Lisboa. Esta última já manifestou, em comunicado, a intenção de não voltar a negociar com a tutela.

A Federação Académica do Porto, uma das que permaneceu até ao fim, fez um balanço negativo da prestação da ministra.

Quatro candidatos procuram a

“Mostrar que a Académica está viva”

A um mês de eleições - agenda das para os dias 26 e 27 de Novembro - são quatro os candidatos que apresentam os seus projectos e admitem estar dispostos a discutir a academia e o ensino superior. Apesar das divergências, todos consideram as eleições para a Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra um espaço privilegiado para o debate e consciencialização. Num ano marcado por alterações profundas no ensino superior, que afectam directamente a UC, os candidatos tecem críticas à actuação do Ministério da Ciência e do Ensino Superior e prometem não esquecer a luta contra a actual reforma.

O Movimento por um Superior Ensino Superior (MSES), que apresenta Vasco Nogueira, estudante de Medicina, como candidato à presidência da DG/AAC, volta este ano a disputar as eleições. O MSES afirma desenvolver um trabalho contínuo, que pretende envolver todos os estudantes na discussão sobre o ensino superior, ao mesmo tempo que não acredita que os outros projectos reúnam condições para representar os estudantes da UC.

Miguel Duarte, estudante de Economia e actual administrador da DG/AAC, prepara-se para concorrer, procurando inovar nas formas como se debate o ensino superior: não se deve só dizer quais são os problemas que afectam este sector, mas explicá-los e fazer entender as alternativas que existem. Para tal, considera importante que os estudantes se aproximem mais da AAC.

Hugo Queiroz, da faculdade de Direito, também considera importante aproximar os estudantes da academia, salientando que é importante preparar os futuros licenciados. Apresenta como principal medida a criação de um observatório, constituído por diversos elementos da universidade e da sociedade, que permitirá fazer uma análise profunda do mercado de trabalho.

Da mesma forma, Paulo Leitão, estudante de Engenharia Civil, acha importante que a AAC se mostre mais à sociedade civil e, maioritariamente, às camadas mais jovens. A organização de debates sobre os mais variados temas representaria uma maior intervenção cívica e um alargamento dos horizontes da própria academia de Coimbra.

O próximo acto eleitoral para a academia de Coimbra promete ser disputado, pelo menos devido à pluralidade de projectos e iniciativas que os candidatos apresentam. De entre os nomes que inicialmente se mencionaram, houve quem optasse por não avançar. É o caso de Vânia Alvarez, que se perfilou como uma possível candidata e que agora rejeita essa hipótese, pois não reuniu “a equipa que pretendia para encerrar o projecto”.

Tiago Azevedo

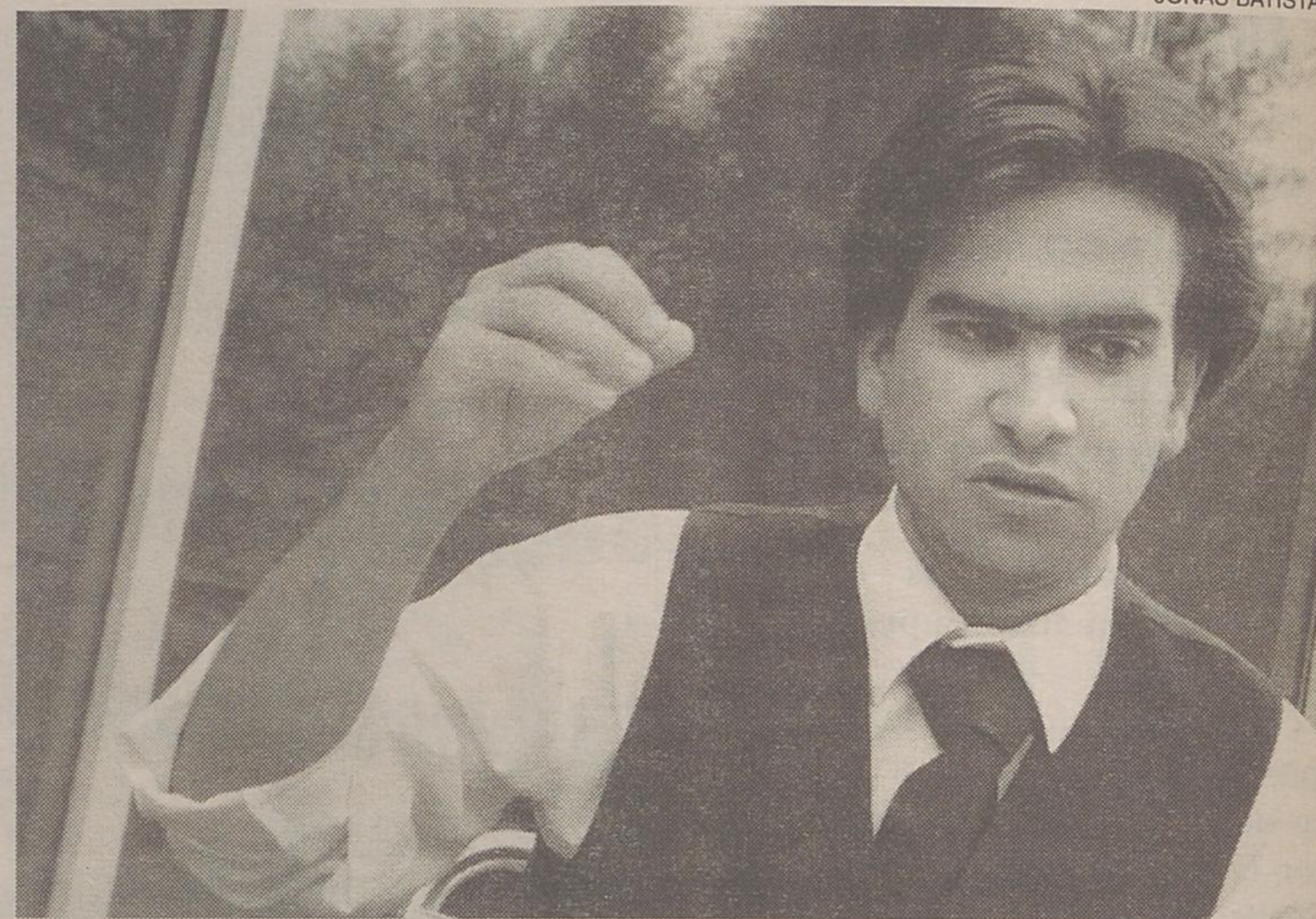
Hugo Queiroz, antigo presidente do núcleo de estudantes da Faculdade de Direito, prepara uma candidatura baseada na aposta na área das saídas profissionais, propondo a criação de um observatório que estude a realidade do mercado de trabalho

Apontando a área das saídas profissionais como um sector em “claro sub-rendimento” e apelidando Coimbra de “ponto de partida”, Hugo Queiroz salienta a importância de se investir no apoio aos recém-licenciados. Fala da criação de um observatório, constituído por empregadores, estudantes e elementos dos directivos das faculdades, elementos da reitoria da universidade e também representantes da Câmara Municipal de Coimbra, de forma a garantir uma “maior mobilização de esforços” e um “conhecimento mais aprofundado do mercado de trabalho, resultante de uma orgânica pré-definida”.

O estudante de Direito salienta que o projecto nasceu da percepção do “estado do ensino superior” e também

em virtude “da pouca dinâmica que esta direcção-geral tem apresentado”. Para Hugo Queiroz, este é um projecto que “defende abertamente uma académica mais forte, mais trabalhadora, mais interventiva e mais mobilizadora”, o que não aconteceu o ano passado devido “às guerrilhas entre Victor Hugo Salgado e Nuno Mendes [presidente da Federação Académica do Porto]”. O estudante salienta ainda a “falta de união” entre os vários órgãos da AAC, afirmando que “só se pode ser líder [de um movimento nacional] se também se for dentro da academia”.

No que diz respeito à estrutura do projecto, Hugo Queiroz refere que ainda se está “na fase de discussão” mas acredita numa “grande participação, pois as pessoas revêm-se nas propostas que apresentamos”. Rejeitando qualquer tipo de filiação, o candidato não acredita numa “académica subordinada a entidades partidárias”, pois a AAC tem a “sua própria força e projecção”. De qualquer modo, sublinha que as pessoas ligadas a estruturas partidárias “têm algo que devia ser aproveitado”, sem, no entanto, subordinar o “movimento associativo”. Quanto à pluralidade de projectos, o estudante considera positivo pois demonstra “uma académica com um estado político forte”, com movimentos que apresentam vontade de discutir e que demonstram “que o que interessa é a AAC”. Salienta também que este é



Hugo Queiroz

um modo de fazer circular mais informação, “consciencializando mais estudantes e mostrando que a académica está viva”.

Quanto às actuais preocupações, Hugo Queiroz destaca três matérias que contribuem “negativamente para o ensino superior”. Entre os principais problemas, é apontado o dedo “à actual lei de financiamento, à introdução do sistema de prescrições e à redução do peso dos estudantes nos órgãos de gestão”. De acordo com o estudante, esta última medida é a “mais preocupante” pois o que se pretende fazer é

“cortar a voz aos estudantes”. Para já, salienta que os “moldes de luta estão definidos pela direcção-geral” e que neste momento é mais importante trabalhar-se em conjunto. Assim, não pretende que as eleições “contribuam para quebrar uma união interna”, pois a “academia está mobilizada para argumentar e contestar contra as medidas implementadas”. E acrescenta que a luta por um ensino superior gratuito e de qualidade não está perdida, porque existe mobilização: “Revolta-me que as pessoas dêem a luta por perda”, finaliza.

“A candidatura não se baseia no ‘tacho’”

Vasco Nogueira, estudante de Medicina, vai encabeçar a lista do Movimento por um Superior Ensino Superior (MSES). Assumindo-se como um grupo aberto a todos os estudantes, este movimento pretende intervir no espaço da academia

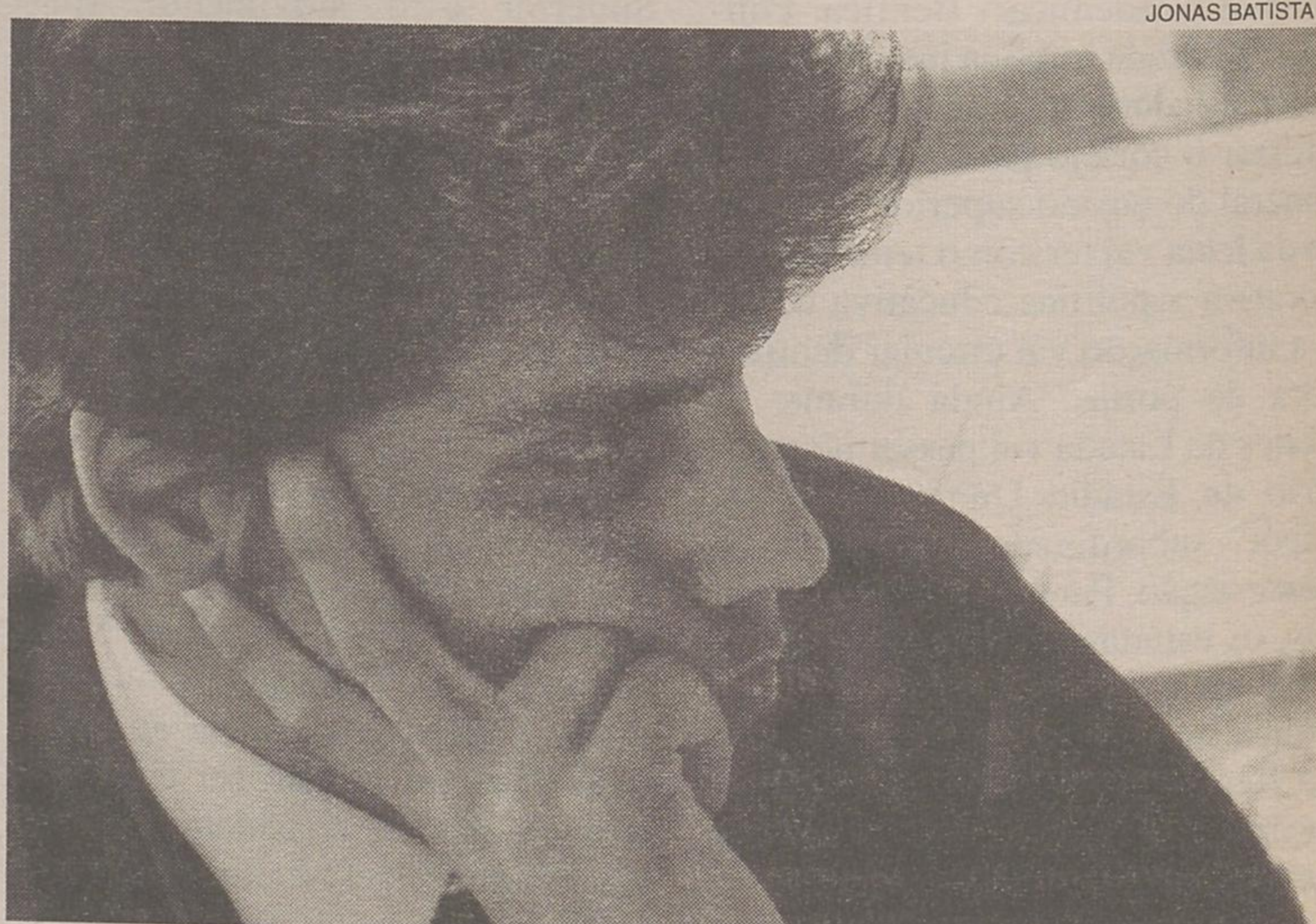
De acordo com Vasco Nogueira, o trabalho realizado ao longo do ano passado é um processo “contínuo e colectivo que, naturalmente, culminou na candidatura” à Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra (DG/AAC). Não considerando que o projecto do MSES se resume às eleições, Vasco Nogueira, revela que o movimento existe para “intervir, consciencializar e mobilizar os estudantes” e que actua “durante o ano inteiro”.

Seguindo as ideias do ano passado, Alfredo Campos, estudante de Sociologia e membro do MSES, explica que esta é uma plataforma de discussão e que as abordagens são feitas “numa perspectiva de abertura” pois o grupo “baseia-se na di-

versidade e na união” em torno de uma ideia para, deste modo, gerar uma “melhor participação colectiva”. O princípio orientador é “discutir a academia e o ensino superior” sem rejeitar qualquer “participação dos estudantes”. Alfredo Campos salienta ainda que a principal razão para a candidatura deve-se a “não acreditarmos que surjam listas que reúnam as condições necessárias para representar os estudantes”.

O movimento assume-se como apartidário, garantindo que o único ideal que defende é o de “um ensino gratuito e de qualidade”. Considera ser um grupo aberto a estudantes com “ideais de esquerda e de direita” para promover o debate “sem espaços para partidarismos”, pois o importante é que se “lute pelo mesmo motivo” e o objectivo é “reunir todo o tipo de sensibilidades”.

Vasco Nogueira considera que a actual estratégia do governo é desfavorável ao ensino superior público: “Gasta mais um estudante deslocado no ensino superior público, do que um no ensino privado”, exemplifica. Também Alfredo Campos critica a acção do ministério da tutela e apelida de “hipócrita e cobarde” a atitude de remeter para as instituições a função de fixar o valor das propinas. A aposta nas áreas de “política educativa e acção social” tor-



Vasco Nogueira

na-se então as principais linhas orientadoras de uma candidatura que pretende “consciencializar todos os estudantes”. Alfredo Campos sublinha também que o movimento ainda não tem uma lista estruturada pois a “candidatura não se baseia no ‘tacho’”. Contudo, já há “uma ideia do que se pretende” caso o candidato do MSES saia vencedor.

Falando nas eleições que se aproximam, Vasco Nogueira refere que a existência de muitos projectos é “positivo para a discussão” mas que “ainda é cedo” para se falar em ex-

pectativas. O importante para este estudante é “continuar a consciencializar os estudantes para a luta do momento” para mais tarde “estruturar os projectos” para as eleições. Assim, não se preocupa com a realidade da academia pois afirma-se “à vontade para falar da casa” uma vez que está ligado à AAC e aos órgãos da universidade. Por essa razão, sublinha que consegue ter “visão da faculdade, da universidade e da academia” sem precisar de “estudar à pressa os apontamentos que alguém escreveu”.

presidência da AAC

“É necessário inovar na abordagem”

Miguel Duarte, actual administrador da DG/AAC, pretende criar uma equipa que traga “novo sangue” para a academia. Ressalvando que a lista será composta por poucos elementos da equipa de Victor Hugo Salgado, admite “inovar na forma de argumentar”

Segundo Miguel Duarte, a candidatura vai consistir em “duas bandeiras fundamentais”. Ao nível de política educativa, pretende “inovar na abordagem”, de forma a “criar uma maior sensibilização no estudante, passando informação diferente”. Em vez de “passar uma mensagem final”, o estudante de Economia considera importante a “credibilização junto da opinião pública” através da “explicação dos argumentos que nos levam a discutir as questões finais”.

Aproximar os estudantes da academia é a “segunda bandeira” do projecto de Miguel Duarte que, apesar de afirmar que esta é uma “bandeira agitada há muito tempo”, sub-

linha que a ideia vai “assentar em tentar consertar todos os elementos da academia”. O objectivo é “sentar à mesma mesa” os órgãos representativos dos mais variados sectores para “debater a aproximação do estudante à casa”. Esta acção parte da tentativa de “instituir uma estrutura organizada” que inclua todas as partes. Como projecto há ainda a criação de um novo gabinete que irá agir directamente nas escolas secundárias, explicando “o que é a AAC e o funcionamento da universidade”. O objectivo é consciencializar os estudantes que optam pela vida universitária para as condições do mercado de trabalho.

Quanto ao grupo que pretende avançar, Miguel Duarte afirma-se conhecedor da realidade da AAC, mas que não vai poder contar com muitas pessoas com quem já trabalhou e que abandona por razões naturais. Deste modo, a aposta recai em pessoas “que nascem para o associativismo e que se podem interessar por esta actividade”. Trata-se de “uma forma de integrar novas pessoas no movimento” que marcam “um novo período na vida da academia”. O processo passa agora pela conversa com vários estudantes num sistema que caminha “passo a passo”.

O administrador da DG/AAC não esconde a filiação na Juventude So-



Miguel Duarte

cialista. No entanto, salienta que a “actividade partidária é outro tipo de participação cívica”, que não se pode misturar com o associativismo, pois este tem “características muito próprias, que fazem dele único e da qual faz parte a independência”. Assim, refere que qualquer equipa para a DG/AAC “deve primar pela diversidade” e admitir estudantes com diferentes ideais.

Miguel Duarte sente-se preparado “para ser candidato e ganhar”. Mas também acredita que as restantes listas tenham conhecimento da acade-

mia e da realidade do ensino superior e que o mais importante é o “projecto que cada um apresentar”. Para já, diz ter apoio de muitas pessoas que permitem “o desdobrar e a maximização dos esforços”.

Afirma ser necessário “explicar aos estudantes que no nosso país existem nove por cento de licenciados contra uma média europeia de 25 por cento”, o que “leva a perceber que a democracia cultural está longe de acontecer” e que é preciso que o “Estado assuma o papel de promotor no acesso ao ensino superior”.

“Temos de trabalhar em conjunto”

Aproximar a DG/AAC aos núcleos das faculdades é uma das principais apostas de Paulo Leitão, estudante de Engenharia Civil. Alargar os horizontes da academia e agir mais na sociedade são também prioridades

Paulo Leitão, antigo elemento do núcleo de Engenharia Civil, com experiência na área dos Inter-núcleos na AAC, é um candidato que pretende dar continuidade às políticas de contestação, procurando inovar, principalmente, na área de intervenção cívica.

O candidato pretende apostar na criação de um “gabinete de estudos estatísticos”, que permita ter um conhecimento mais aprofundado da realidade do ensino superior, e na discussão “das questões que estão relacionadas com a nossa faixa etária”. Os principais temas dizem respeito à “empregabilidade dos vários cursos, as políticas da juventude, ao apoio à habitação quando se termina a licenciatura”. Mas o estudante salienta que é importante debater te-

mas respeitantes à sociedade civil, onde os estudantes também se integram.

Questões como “o planeamento familiar, o aborto e o HIV” são assuntos da actualidade que preocupam “todos os cidadãos activos”. Mas a principal razão para organizar os debates que “interessam à juventude em geral” é a possibilidade de se “apontar ao elenco governativo, não só falhas no âmbito da educação, mas também falhas nas chamadas políticas da juventude”.

Quanto às directrizes do projecto, realça a necessidade de se “aproximar os pelouros da direcção-geral aos núcleos de estudantes”. Segundo os planos apresentados, alguns pelouros “terão um coordenador que fará a ligação directa aos núcleos”. Já em termos externos, o objectivo da contestação é “garantir acções noutros tipos de áreas”. O projecto prevê uma maior aposta no discurso “virado para a cidade e não para só para os estudantes”. Uma vez que a restante comunidade também “pode exercer pressão junto do elenco governativo”, é preciso que “se conquiste a sociedade para as causas estudantis”.

Apresentando-se contra “movimentos partidários no seio da AAC”, Paulo Leitão não esconde a filiação na Juventude Social-Democrata. No entanto, acrescenta que a militância



Paulo Leitão

não interfere com o projecto que pretende encabeçar. Quanto às eleições que se avizinham, acredita num “panorama muito bom” devido aos diversos projectos que se perfilam. Na opinião do estudante, esta será uma boa forma de “agitar a academia, até em termos de contestação” pois apesar das suas diferentes características “todos os projectos devem defender os interesses dos estudantes”. Para já, defende que se deve estar “solidário e em consonância com os esforços da direcção-geral” pois o inimigo é externo.

Considerando que neste momento “há margem de manobra mais do que suficiente para um crescendo de mobilização”, o candidato sublinha que a “reforma do ensino superior parte logo de um pressuposto errado” e que, sendo o “ensino superior uma aposta do Estado”, devia ser o este “o principal responsável pelo financiamento do ensino superior público”. Quanto ao fim da paridade nos órgãos de gestão, Paulo Leitão salienta esta medida vai “pôr em causa uma conquista que já deu muitos frutos”.

Eleições DG/AAC - 2003

10 UNIVERSIDADE

Particular e Cooperativo não adere à manifestação

Estudantes vão apresentar “pretensões” à ministra

Cisão no sector pode deixar os alunos do ensino superior público sozinhos no movimento de contestação ao governo

Guilherme Oliveira

A Federação Nacional do Ensino Superior Particular e Cooperativo concordou este domingo com o aumento das propinas e afastou-se da manifestação nacional agendada pelo movimento associativo do ensino superior para o dia 5 de Novembro.

José Alberto Rodrigues, presidente da Federação Nacional do Ensino Superior Particular e Cooperativo (FNESPC), adiantou ainda que a federação pediu ontem uma audiência à ministra da Ciência e do Ensino Superior (MCES) para lhe apresentar seis pretensões aprovadas numa assembleia geral este domingo no Porto.

O dirigente associativo assegura que se o MCES garantir a curto/médio prazo grande parte das pretensões dos estudantes do ensino superior e cooperativo “ficará então de consciência tranquila e não iremos participar na manifestação nacional”. Contudo, José Alberto avisa que se “a senhora ministra não for receptiva às nossas pretensões vamos aderir à manifestação nacional”.

José Rodrigues é a favor do aumento das propinas, afirmando ter a “profunda convicção” de que “vai haver um reforço de acção social escolar”. Na opinião do presidente da FNESPC, “o que hoje em dia acon-



Próxima manifestação em Lisboa, no dia 5 de Novembro, divide ensino superior público e privado

tece no ensino superior público é que a maior parte dos estudantes são estudantes com muitas posses”, mas admite que para aqueles que “não as têm deverá o sistema de acção social acompanhá-los de forma eficaz e bastante eficiente”.

Para o dirigente associativo, a FNESPC prefere o diálogo e moderação, considerando que têm existido excessos da parte do Ministério da Ciência e do Ensino Superior que “tentou aprovar leis sem primeiro aprovar aquela que seria a base de todas as outras, a lei de bases”. Também os estudantes têm sido cometidos alguns excessos, pois José Alberto considera “um excesso o facto de fechar pontes, invadir senados e

reuniões democráticas”.

A FNESPC pretende um aumento da acção social escolar directa para o ensino superior privado, bem como a possibilidade dos estudantes do ensino superior privado terem também acesso a acção social indirecta (residência e cantinas), e que a contratualização seja uma realidade, “ou seja, que haja um contrato entre a instituição e o estudante, que salguarde os direitos e os deveres desse mesmo estudante”, afirma José Alberto. Na mira da FNESPC estão também as comissões de avaliação que avaliam os cursos das instituições, pois para o dirigente estudantil têm que ser “comissões de avaliação imparciais”, formadas pelo

mesmo número de professores do ensino privado e do ensino público.

O líder da FNESPC considera também o aumento da dedução à colecta uma prioridade, pois para o estudante “é vergonhoso o que se pode deduzir em sede de IRS em despesas em educação”.

Já o regime de prescrições não tira o sono a José Alberto, pois nas suas palavras: “Não me faz confusão nenhuma o regime das prescrições, até acho bem”. Contudo, o presidente da FNESPC alerta que não se poderá imputar o insucesso escolar apenas aos estudantes, mas também “à fraca formação pedagógica dos docentes, às fracas instalações infraestruturais do ensino superior pú-

blico” e também a “uma fraca acção social escolar”. “Somos a favor das prescrições, se forem acompanhadas por um investimento e por um aumento na qualidade de ensino superior em Portugal”, conclui José Alberto.

O fim da paridade entre professores e alunos nos órgãos de gestão das instituições de ensino é para o dirigente associativo “uma guerra que o anterior ministro escusava de comprar, uma vez que os professores continuariam a manter o seu poder, porque arranariam sempre forma de ganhar as suas lutas”. Apesar de eliminação da paridade não ser uma bandeira de luta para a FNESPC, é contudo “importante que ao tirar o peso dos estudantes haja um reforço das competências do conselho pedagógico” afirma José Alberto.

Quando questionado acerca da possibilidade de a posição tomada pela FNESPC ser interpretada como uma reviravolta no seu discurso aquando do último Plenário Nacional de Estudantes, realizado em Coimbra, onde afirmou estar com a luta dos colegas do ensino superior público, José Alberto é peremptório a negá-lo. O dirigente associativo reitera que a FNESPC continua “a estar de alguma forma sensível com o ensino superior público”. Mas prossegue: “Nunca disse que estaríamos a 200 por cento a 300 por cento na reivindicação nas questões a nós não nos dizem nada”. Se as suas reivindicações não forem ouvidas pelo MCES, o representante dos estudantes do ensino privado e cooperativo irá conversar com os seus colegas do ensino superior público, colocando as suas bandeiras no mesmo patamar e “vamos partir para a luta, vamos partir para a guerra”.

Um porto de abrigo

Criado há quatro anos, o Gabinete de Aconselhamento Psicopedagógico (GAP) dos Serviços de Acção Social da Universidade de Coimbra tem desenvolvido trabalhos de apoio aos estudantes com problemas psico-sociais

Isidro Fagundes
Bruno Fernandes

O principal objectivo do GAP é intervir a nível da promoção do sucesso escolar. Para a coordenadora científica do gabinete, Anabela Pereira, “parte-se do princípio de que, se o aluno está bem, provavelmente estuda me-

lhor”. Sendo assim, tenta-se identificar os problemas dos estudantes, ajudar a resolvê-los e prevenir complicações no futuro.

As consultas de psicologia são a área de intervenção mais importante do GAP. Segundo dados do gabinete, foram realizadas 466 consultas entre Outubro de 2000 e Dezembro de 2002, tratando questões como a depressão, distúrbios alimentares, desordens emocionais e ansiedade. No entanto, “muitos dos problemas têm mesmo a ver com os métodos de estudo, em saber lidar com os professores e com os colegas”, afirma a coordenadora. Como solução, o serviço dispõe de um programa de métodos de estudo, que conta com dois módulos de seis semanas, um em cada semestre. As sessões começam em Novembro e os interessados podem inscrever-se gratuitamente na secretaria dos serviços de acção social.

Para além disso, o GAP oferece o serviço de Apoio de Alunos por Alunos, que tem como

prioridade ajudar os estudantes, nomeadamente os recém-chegados, na integração na vida académica. Os alunos voluntários que prestam este serviço frequentam acções de formação básica e contínua durante todo o ano e ajudam os colegas mais novos que moram em residências universitárias. “Um caloiro pode estar deprimido, com saudades de casa, e pode bater a qualquer hora à porta do colega mais velho, que está preparado para escutá-lo”, afirma Anabela Pereira.

O GAP intervém, ainda, no plano social, através da concessão de apoios a estudantes bolseiros e residentes. Oferece, também, acompanhamento individual em situações como dificuldades de adaptação, problemas de saúde física e mental e encaminhamento de casos psicológicos mais graves.

Há dois anos, o gabinete tem vindo a desenvolver uma investigação sobre o nível de stress entre os alunos da universidade e o seu impac-

to no insucesso académico. No ano passado, foram realizadas cerca de 900 entrevistas. Para Anabela Pereira, os resultados foram “surpreendentes pois revelaram que o stress é causado não só pela vida académica, mas também ao lidar-se com relações afectivas e sociais”.

Quanto aos estudantes que recorrem aos serviços do GAP, a coordenadora revela que há alunos de todos os anos. Apesar de serem os caloiros e os do segundo ano aqueles que mais precisam de ajuda na adaptação à vida universitária, finalistas e veteranos também são atendidos. Em média, os cursos que apresentam maiores problemas são os de Letras e de Ciências, mas o gabinete também tem ajudado alunos de todas as faculdades, muitas vezes por razões que têm a ver com os próprios cursos: “Os estudantes que vêm da faculdade de Direito, por exemplo, apresentam problemas mais relacionados com as provas orais e de carácter social”.



Orçamento de Estado para 2004 dota projecto do metropolitano ligeiro de superfície com três milhões de euros

Verbas do metro reforçadas no Parlamento

Início da obra está previsto para 2005

Projecto sofreu um passo fundamental após a atribuição de três milhões de euros, apesar das recentes críticas

**Liliana Carona
Patrícia Lourenço
Joana Montenegro**

Resolver o problema do atravessamento da cidade e do tráfego (que se encontra no limite de saturação), bem como encontrar soluções adequadas ao nível ambiental e fazer a requalificação da zona nevrálgica de Coimbra são algumas das dificuldades que Armando Pereira, presidente do Conselho de Administração da Metro Mondego espera ver ultrapassadas com a construção do metro e que “irão permitir a devolução da cidade de Coimbra aos seus habitantes”.

Em declarações ao Jornal Universitário de Coimbra - A CABRA, Armando Pereira considera que foram muitos os atrasos e dificuldades em relação à execução deste projecto e, percorridos sete anos após a criação da Metro Mondego ainda se espera pelo despacho conjunto de homologação do actual Governo, que pretende, assim, corrigir uma insuficiência do executivo anterior.

O metro ligeiro de superfície circula em espaço próprio e tem uma grande capacidade de integração em área urbana. Possui uma elevada capacidade de lugares, com acesso facilitado para a entrada e saída de passageiros devido ao seu piso re-

baixado. A utilização da última tecnologia de sinalização e controlo e a melhoria das condições de acesso às carruagens são factores que garantem a segurança deste meio de transporte. Para além de diminuir o ruído e a emissão de gases, o metro é ainda potencializador do desencorajamento do uso do transporte individual no acesso à cidade.

No âmbito de promover uma melhor rede de transportes urbanos e melhorar a qualidade de vida e condições ambientais de Coimbra, procura-se, com este projecto, uma complementaridade com outros meios de transporte. “Só assim este investimento fará sentido”, afirma Armando Pereira. De entre os vários benefícios que o projecto proporcionará destacam-se uma maior protecção ambiental através da redução dos combustíveis fósseis (o metropolitano funcionará a tracção eléctrica), a promoção da qualidade de vi-

da urbana, o alargamento das deslocações pendulares e a extensão dos horários.

O trajeto do metro

O projecto do Metro Mondego começa em 1994, após o reconhecimento da saturação da malha urbana conimbricense. O Estado consagra, através de um decreto-lei, a constituição de uma sociedade concessionária que explorasse um sistema de Metropolitano Ligeiro de Superfície nos municípios de Coimbra, Lousã e Miranda do Corvo. Em 1996 foi criada a sociedade Metro Mondego, SA, sendo os seus accionistas as Câmaras Municipais de Coimbra, Lousã e Miranda do Corvo, a CP e o Metropolitano de Lisboa. O Governo decide dotar a empresa de capitais para o projecto em 1999, tornando-se o Estado, em 2001, o accionista maioritário da Metro Mondego SA, com 53 por cento do capital público.

O restante é dividido pelos três municípios (14 por cento cada), pela REFER e pela CP (2,5 por cento cada). Os principais objectivos desta sociedade consistem na elaboração de um estudo para a concepção, planeamento e construção do projecto, visando as infraestruturas mais apropriadas e necessárias para o metropolitano de superfície, substituindo assim o antigo ramal da Lousã.

A proposta de Orçamento de Estado (OE) para 2004, apresentada a semana passada na Assembleia da República, destinou à Metro Mondego três milhões de euros, uma soma muito superior às anteriores dotações do Plano de Investimentos e Despesas de Desenvolvimento da Administração Central (PIDDAC). A verba é muito superior à necessária para despesas correntes e de consultadoria; assim, com o excedente poderão iniciar-se os processos de expropriações em 2004. Embora a decisão da Comissão de Acompanhamento (que supervisiona as parcerias público/privado) ainda não seja conhecida, esta verba faz prever um resultado positivo. Após a entrega de propostas dos consórcios concorrentes ao projecto, e respeitando-se a declaração previamente conseguida sobre o impacto ambiental, estas vão ser analisadas e apenas duas integrarão o lote final de escolhas. Depois da selecção final, a proposta para a execução do projecto Metro Mondego vai ser entregue à União Europeia para ser candidata aos fundos comunitários. O início das obras está assim previsto para 2005, pois a candidatura aos fundos europeus acarreta uma espera de perto de seis meses.

O património em questão

Nas últimas semanas, as críticas emanadas do Instituto de História de Arte da Faculdade de Letras têm sido audíveis, tendo este instituto pedido a Carlos Encarnação a não inserção do metro na malha urbana de Coimbra. A direcção deste instituto criticava essencialmente a demolição de uma parte da Baixa, e os casos especiais da Rua Direita, do Jardim da Sereia e do Jardim da Manga.

Pedro Dias, presidente do Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras afirma que o metro é “de extrema necessidade”, embora existam dentro da cidade, “melhores soluções”, de que é exemplo a Linha Azul. Pedro Dias, que faz questão de referir que esta é apenas a sua visão, diferenciando-a da posição pública do instituto a que preside, salienta os dois locais em que o projecto se torna “inaceitável”: a zona do rio, de grande valor histórico, e a do Jardim da Sereia, onde se põe em causa o património arquitectónico da cidade. Apesar da oposição, o Instituto Português do Património Arquitectónico e a Câmara Municipal de Coimbra aprovaram o projecto.

Recuperação do centro histórico em marcha

Sandra Dias

O centro histórico de Coimbra foi recentemente reconhecido pelo Governo como “área crítica de recuperação e reconversão urbanística”. Segundo um estudo da autarquia, cinco por cento dos 422 edifícios da zona estão em ruína, encontrando-se 30 por cento em mau estado e 34 por cento em estado razoável.

Na sequência deste reconhecimento está a adesão da autarquia ao Regime de Apoio à Recuperação Habitacional em Áreas Urbanas Antigas - o REHABITA. Trata-se de um plano de renovação que trará mais verbas e poder de intervenção ao executivo de Carlos Encarnação e um maior envolvimento da parte dos proprietários. De fora ficam no entanto ainda a identificação sócio-cultural da zona e a modernização das áreas de comércio e serviços.

A discussão da recuperação do centro histórico principiou em 1990, quando o então responsável municipal, Manuel Machado, tentou avançar com um projecto-piloto de intervenção num dos quarteirões da Alta. Seguiram-se algumas obras de recuperação aos edifícios camarários e alguns espaços públicos desta zona. Só mais recentemente o problema parece ter encontrado alguma fluência, nomeadamente com o mandato de Carlos Encarnação, que desde o início declarou como prioritárias todas as acções que visassem a recuperação da zona.

Ar inquieta autarquia

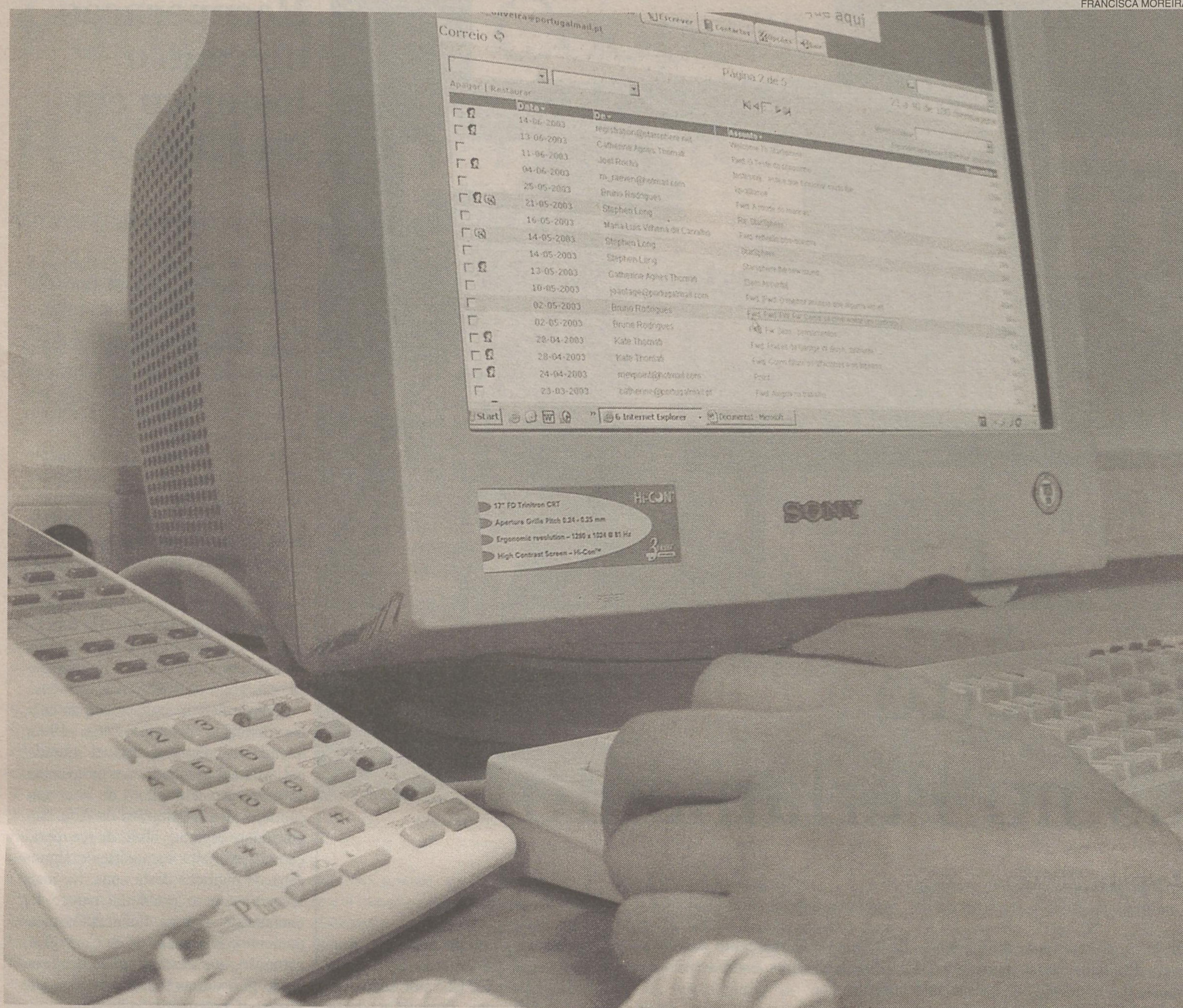
Marco Pereira

A emissão de resíduos tóxicos para a atmosfera acima do permitido por lei, por parte da CIMPOR, preocupa o presidente da Câmara Municipal de Coimbra (CMC).

Carlos Encarnação pediu já à Direcção Regional de Economia toda a legislação referente à medição das emissões de gases para a atmosfera por parte das indústrias cimenteiras. Uma resposta deverá dar entrada na CMC nos próximos dias. A edilidade pretende saber como agir quando as cimenteiras não respeitam os limites estabelecidos por lei, informando-se sobre as formas de sanção a estas mesmas empresas.

A lei sobre os resultados das medições é de 1995, o que leva o autarca a levantar a possibilidade de alterações se esta apresentar falhas. A edilidade receia eventuais consequências para a saúde da população. O vereador Nuno Freitas admitiu solicitar à Administração Regional de Saúde do Centro e ao Centro Regional de Saúde Pública informações sobre o andamento dos estudos epidemiológicos realizados à população de Souselas.

12 NACIONAL



FRANCISCA MOREIRA

Nova lei para o sector das comunicações electrónicas é aprovada amanhã na Assembleia da República

Nova lei para as comunicações electrónicas

União Europeia obriga à actualização do diploma que regula o sector

As comunicações electrónicas vão ter nova regulamentação. O PS acusa o Governo de “andar a reboque” da proposta socialista

**Cristina Bastos
Vitor Rodrigues Oliveira
Carlos Portela**

A Assembleia da República (AR) vai escolher amanhã, quarta-feira, a nova lei que regulamenta o sector das comunicações electrónicas. Em cima da mesa estão dois documentos, a Lei de Bases das Comunicações Electrónicas - apresentada pelo Partido Socialista - e uma proposta de lei do Governo. Ambas pretendem adaptar ao direito interno as directivas da União Europeia (UE) sobre esta matéria.

As imposições comunitárias pro-

curam actualizar as regras sobre o acesso, autorização de funcionamento, condições de acessibilidade dos utilizadores e protecção dos dados do sector. Medidas estas que procuram dar resposta à evolução de um campo em constante transformação.

Aprovadas em Março de 2002 pelo Parlamento Europeu e pelo Conselho da UE, as directivas deveriam ter sido transpostas para a legislação nacional até Julho deste ano. Mas Portugal, bem como cerca de metade dos países-membros, não tinha feito até essa data as adaptações impostas pela comunidade. Uma situação que levou ao alargamento do prazo por quatro meses.

Assim, ainda que o período para a aplicação ao direito interno tenha sido estendido, o deputado socialista Ramos Preto lembra que, se as directivas comunitárias “não estiverem transpostas até ao prazo que está estabelecido pela Comissão Europeia, haverá sanções”.

PS acusa Governo de inércia

A coligação PSD-CDS/PP não fica isenta de acusações. Ramos Preto aponta o dedo à inação do Governo nesta área. O membro da Comissão Especializada das Obras Públicas, Transportes e Comunicações da AR acusa o executivo de Durão Barroso de só ter avançado com uma proposta de lei a 30 de Setembro, já fora do limite inicialmente definido. Um atraso que motivou o PS a apresentar ao Parlamento um projecto de lei ainda no mês de Junho.

Para Ramos Preto, o “Governo, atento a este impulso legislativo do PS, agiu a reboque da posição socialista”. Todavia, Bessa Guerra, deputado social-democrata da mesma comissão, defende o Governo ao salientar que o atraso na proposta se deve à “preocupação de ter um projecto mais completo e coerente”. No seu entender, a proposta de lei da coligação “dá uma outra condição de funcionamento à entidade reguladora e à entidade para a concorrência”.

O objectivo é então “arrumar a dimensão das comunicações electrónicas”.

Apesar de algumas diferenças entre a proposta do Governo e o projecto do PS, estas respondem a uma mesma necessidade: implementar as directivas comunitárias no plano nacional.

A verdadeira disparidade surge, assim, na comparação destas iniciativas com a lei ainda em vigor, que data de 1997. Tanto o PS como a coligação propõem um regime sancionatório, que pune o uso indevido para fins comerciais de programas ou equipamentos informáticos, bem como um aperfeiçoamento das competências da autoridade reguladora. Outra novidade prende-se com a regulação da privacidade dos dados.

Para amanhã está agendada a votação das duas iniciativas, mas fonte da Comissão Especializada adiantou que se está a tentar atingir um consenso para levar uma só proposta a plenário.

Orçamento de Estado em discussão

Carina Valério

A nova proposta de Orçamento de Estado (OE) para 2004 obriga as contas públicas portuguesas, pelo terceiro ano consecutivo, a recorrer a receitas extraordinárias para controlar o défice orçamental.

A proposta de Orçamento de Estado para 2004 tem como objectivos principais a consolidação das despesas públicas e a recuperação da competitividade económica. Para conseguir conter o défice abaixo dos três por cento do Produto Interno Bruto (PIB), o Estado ver-se-á de novo obrigado a recorrer a receitas extraordinárias através da alienação de património e da cessação de créditos fiscais a privados.

Jerónimo de Sousa, deputado do PCP, afirma que este OE “acentua os problemas económicos e sociais do país”, na medida em que “corta radicalmente no investimento público” e principalmente “reflecte o objectivo de aplicar o garrote aos salários dos trabalhadores da Administração Pública”.

Relativamente à provável subida do desemprego, Miguel Portas, do Bloco de Esquerda, afirma que este “continuará a subir enquanto esta for uma política para a demissão do Estado das suas obrigações e responsabilidades”. Para o deputado, este OE é “claramente regressivo nas principais áreas sociais e educativas” e “carrega os impostos no trabalho assalariado, baixando-os para as empresas sem associar essa quebra à criação de emprego”.

Eduardo Ferro Rodrigues, secretário-geral do Partido Socialista e elemento da bancada parlamentar socialista, afirmou na semana passada à comunicação social que este OE vem consolidar a grave situação económica do país, pois não procura regressar a uma lógica de crescimento já que as quebras previstas no investimento público podem levar à perda de fundos estruturais da União Europeia.

Relativamente aos ministérios, os orçamentos para a Educação e Justiça registam descidas notórias. O primeiro decresce 4,2 por cento, correspondendo a quatro por cento do PIB, e o segundo vê-se também reduzido (de 1177,6 milhões de euros para 1129,6 milhões de euros). Alguns ministérios registam subidas, nomeadamente o Ministério da Ciência e Ensino Superior (MCES) que contará com mais 127 milhões de euros vendo o seu orçamento aumentado em 7,2 por cento. Já quanto às despesas de funcionamento, os serviços de ciência e tecnologia e as instituições de ensino superior vão ser sujeitos a um decréscimo de 3,8 e 0,8 por cento, respectivamente. A despesa total do MCES corresponderá a 1,4 por cento do PIB.

O Governo prevê para 2004 um aumento do PIB entre os 0,5 e 1,5 por cento e a Ministra das Finanças, Manuela Ferreira Leite, acredita que o défice orçamental se situe nos 2,8 por cento do PIB.

INTERNACIONAL 13

Sírios e americanos sofrem ataques

Novos contornos no conflito israelo-palestiniano

Numa demonstração de força, Israel ataca alvo próximo de Damasco

Pedro Costa Gomes

Israel realizou um raide aéreo ao território sírio na manhã de 5 de Outubro. O local bombardeado, Ein Saheb, situa-se apenas a 22 quilómetros a noroeste de Damasco, capital da Síria. Israel afirmou que a área estava a ser usada como campo de treino de grupos terroristas palestinos, caso do Hamas e da Jihad Islâmica. A Síria negou essas afirmações dizendo ter sido atingida uma área civil. O local foi no entanto imediatamente selado pelas autoridades do território após o bombardeamento, o que levantou suspeitas. Desde 1973 que Israel não atacava directamente este seu país vizinho.

A operação foi interpretada pela imprensa internacional como sendo uma resposta a um atentado suicida na noite anterior. Este ocorreu num restaurante da cidade portuária de Haifa, foi realizado por uma advogada palestina e matou 19 pessoas. A terrorista terá conseguido atravessar um portão não vigiado da barreira que Israel está a construir para separar o seu território da Cisjordânia. No local em que a terrorista conseguiu atravessar, a construção já está finalizada. Os serviços secretos israelitas afirmam ter

captado uma mensagem de Damasco congratulando uma célula terrorista em Jenin pelo atentado. Segundo análise da "The Economist", Israel demonstrou que pode atacar impunemente a Síria e, em suma, a mensagem que procurou transmitir foi a de que é forte, a Síria é fraca e "as regras do jogo mudaram". O estado judaico terá mesmo "indicado" a Damasco que pretende o encerramento de representações de movimentos terroristas palestinos, a expulsão dos seus líderes, a retirada de tropas do Líbano e o desarmamento do Hezbollah.

Ataque aos EUA

Entretanto, um comboio de veículos com diplomatas norte-americanos foi alvo de um atentado à bomba, quarta-feira passada, na Faixa de Gaza. Três guarda-costas da embaixada dos EUA perderam a vida após uma violenta explosão perto da aldeia de Beit Hanoun, na estrada que liga o norte ao sul da Faixa de Gaza. Agentes do FBI que se dirigiram ao local foram apedrejados e viram-se impedidos de realizar qualquer investigação.

Nesta Intifada iniciada há 3 anos, é a primeira vez que diplomatas norte-americanos são atacados. É possível que se tenha aberto uma nova frente no conflito israelo-palestiniano que poderá ter passado a ter como alvo cidadãos norte-americanos, considerados pelo mundo árabe como aliados de Israel. Nenhum movimento terro-

rista reivindicou a autoria da operação. Apesar das animosidades, todos os principais movimentos políticos e terroristas palestinos vêem como essencial manter os Estados Unidos em quaisquer negociações com Israel. Em ligação ao atentado, cinco elementos do Comité da Resistência Popular foram entretanto detidos. O comité é uma organização dissidente da Fatah, de Yasser Arafat, que realizou já alguns ataques ao longo da última Intifada. A sua base principal situa-se em Rafah, no sul da Faixa de Gaza. Após um conjunto de operações nos últimos dias nessa cidade, Israel deixou mais de 1200 palestinos sem casa.

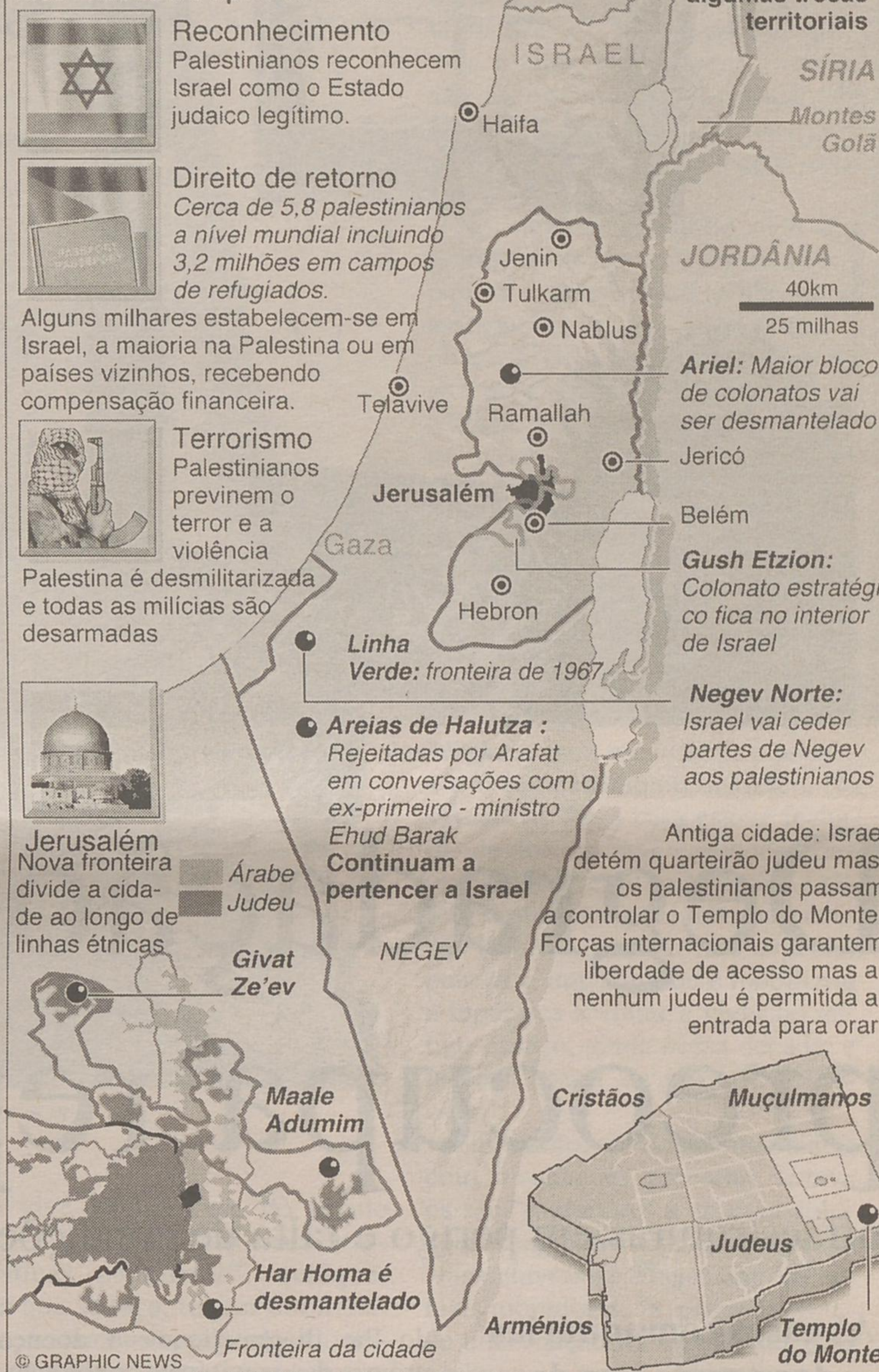
No dia anterior ao atentado que alvejou os diplomatas americanos, os EUA vetaram uma resolução no Conselho de Segurança da ONU. O documento em questão considerava a barreira entre a Cisjordânia e Israel ilegal à luz da lei internacional e pedia também que a sua construção fosse imediatamente parada.

Novo plano de paz

Um novo acordo de paz israelo-palestiniano foi divulgado na Jordânia a 10 de Outubro. O "Acordo de Genev", designação com que ficou conhecido, resultou de uma série de encontros secretos, organizados pelo Governo suíço. Ao longo de dois anos políticos da oposição israelita e figuras influentes do lado palestino estiveram em negociações. Yossir Beilin, ex-ministro da justiça israelita, e Yasser Abed Rabbo, ex-ministro palestino, encontram-se entre os interlocutores. Embora o documento não seja oficial, já recebeu do lado palestino o apoio de Yasser Arafat. O mesmo não acontece no lado dos dirigentes israelitas, com Ariel Sharon a considerar o compromisso uma traição da esquerda trabalhista com vista a fazer cair o seu Governo de coligação. O primeiro-ministro israelita considera também inalienável o "Roteiro para a Paz" fomentado pelo

O "Acordo de Genev" como plano de paz alternativo

O acordo de paz não oficial elaborado por elementos da oposição israelita e por responsáveis palestinos - a ser formalmente adoptado em Genev no próximo mês - não tem o apoio de Sharon



Dez anos de atentados suicidas

O primeiro atentado suicida em Israel realizado por uma organização terrorista palestina deu-se em Abril de 1993. Antes de Abril de 2003, de acordo com o Jaffee Center for Strategic Studies, da Universidade de Telavive, os palestinos realizaram mais de 250 atentados suicidas. Entre estes 135 foram levados a cabo pelo Hamas, 70 por membros da Jihad Islâmica, e 39 pela Fatah. Um terço dos suicidas eram estudantes universitários ou licenciados, aproximadamente 40 tinham o liceu e os restantes tinham apenas educação básica. Esta distribuição representa um nível de formação muito acima da média entre a população palestina. Todos os terroristas suicidas, incluindo cinco mulheres, eram árabes muçulmanos.

Cimeira aprova revitalização económica

Líderes europeus acordaram diversas medidas de reabilitação no plano económico mas adiaram importantes decisões para Dezembro próximo

Gustavo Sampaio

Essencialmente dedicada à discussão de assuntos relacionados com a actual condição económica e com o funcionamento dos mecanismos internos de decisão da União Europeia (UE), a Cimeira de Bruxelas reuniu representantes dos Governos dos 15 Estados-membros e dos dez futuros aderentes ao longo dos passados dias 16 e 17 de Outubro. As decisões

previamente consideradas mais importantes, relacionadas sobretudo com a aprovação da nova Constituição Europeia, foram contudo adiadas para a próxima cimeira que está agendada para o mês de Dezembro, na cidade de Roma.

Na conjuntura económica, os 25 chefes de Estado europeus aprovaram o lançamento de um conjunto de projectos ao nível das infra-estruturas de transportes, energia e telecomunicações, assim como programas de inovação e investigação científica. Foi igualmente anunciada a intenção de definir na próxima cimeira um célere programa de investimento com base nos países que estão em melhores condições para estimular o relançamento da economia. Os líderes governamentais fizeram um apelo à Comissão Europeia para que, em estrita colaboração com o Banco Europeu de Investimentos (BEI), defina quais os Estados-

membros capazes de encabeçar a retoma económica e que avalie o peso de cada país no reforço do mercado interno, bem como a sua viabilidade económica e financeira e o impacto que representa sobre o crescimento e a capacidade de mobilização de capitais privados.

O presidente da Comissão, Romano Prodi, referiu que o orçamento comunitário, em conjunto com o BEI, poderá disponibilizar cerca de 5 mil milhões de euros anuais para a prossecução dos referidos projectos. Os 25 sublinharam que a concretização deste programa económico terá forçosamente de ser compatível com o Pacto de Estabilidade para o euro.

No contexto das negociações para a reforma do Tratado da UE, que decorrem desde o dia 4 de Outubro no quadro de uma conferência intergovernamental, não se verificou qualquer progresso em relação às clivagens existentes. Permanece o impasse negocial entre

um grupo de países (França, Alemanha, Itália, Bélgica, Holanda e Luxemburgo) com pretensões de adoptar sem grandes alterações o projecto de Constituição elaborado pela Convenção Europeia, liderada pelo francês Giscard d'Estaing, e um outro grupo maioritário de países (com destaque para a Espanha e a Polónia) que discordam com o texto actual e pretendem realizar diversas alterações ao nível das disposições institucionais previstas no documento.

Quanto à questão da imigração, essencialmente levantada pela presidência italiana da UE e com a corroboração de países como a Espanha e o Reino Unido, não apresentou desenvolvimentos consideráveis. Pelo contrário, foi rejeitada uma referência no texto final da cimeira ao estabelecimento de quotas para os trabalhadores imigrantes ao nível europeu e nacional.

"quarteto" EUA, UE, Rússia e ONU. Foram conseguidos consensos em importantes questões como o direito de retorno dos refugiados palestinos e

a soberania sobre o Templo do Monte na velha Jerusalém. Os palestinos deverão reconhecer o Estado de Israel como o Estado do povo judaico.



Infiltrações e perigo de derrocada de soalhos são os principais problemas que a Real República do Bota-Abaixo enfrenta no seu dia-a-dia

Degradação dos edifícios preocupa repúblicos

Infraestruturas em perigo e falta de condições de habitabilidade são os principais problemas

As casas comunitárias dos estudantes de Coimbra lutam pela sobrevivência, ao mesmo tempo que resistem ao passar dos anos e aos perigos de infraestruturas precárias. Isto sem falar na falta de interesse dos senhorios

**João Baía
Margarida Matos
Paula Velho**

Portas que não conhecem trinco. Janelas que se abrem e, simultaneamente, revelam um património que é de todos, mas que a ninguém pertence em concreto, permitindo aos transeuntes mais curiosos fazer uma viagem gratuita pelo presente e pelo passado. É este o conceito romântico que envolve as repúblicas de Coimbra.

No entanto, a realidade é diferente. Actualmente, a maior parte destas casas encontra-se num estado de "sofrimento constante", sen-

do-lhe diagnosticada a doença própria das inevitáveis consequências do tempo - degradação das condições de habitabilidade. Apesar de irem vivendo à custa de uma "auto-medicação" administrada pela boa vontade dos seus residentes, o certo é que a maioria das infraestruturas vão-se enfraquecendo e degradando, tornando quase impossível a sua ocupação.

Repúblicas dão a cara

Um caso flagrante de condições degradadas é o da Real República Trunfê-Kopos. Perto do Penedo da Saudade, a rua Aires de Campos perdeu alguns dos seus "fregueses" habituais. Não sendo a primeira vez que esta república troca de edifício, é sempre com alguma tristeza e nostalgia que os seus membros abordam a questão. As suas instalações encontram agora um repouso provisório no número 64 da rua António José de Almeida, efectuando-se a mudança definitiva para as novas instalações quando as obras do número 66 da mesma rua findarem.

Luís, um dos repúblicos, esclarece que a mudança se ficou a dever ao facto da antiga casa apresentar graves problemas estruturais, que se prolongavam há

muito tempo, sendo praticamente insolúveis com as verbas de que dispunham. Todavia, garante que, durante dez anos, "a malta reuniu esforços para tentar manter e recuperar a casa, mas como era enorme e as deficiências eram de raiz, tornava-se muito dispendioso e difí-

cil colmatá-las".

Na base desta mudança esteve uma mobilização para arranjar dinheiro. Os repúblicos acumularam uma soma considerável com a intenção de realizarem obras de fundo na casa e inscreveram-se no projecto RECRUA, um programa

que nasceu em 1988 para recuperar imóveis arrendados que tenham pelo menos um inquilino habitacional e um contrato de arrendamento anterior a 1 de Janeiro de 1980. Neste âmbito, realizaram-se várias inspecções camarárias ao edifício até que lhe foi

Historial das repúblicas

A origem das repúblicas de Coimbra quase coincide com a criação da própria universidade, instituída em 1290 por D. Dinis. Assim, logo em 1309, mercê de um crescimento significativo da população estudantil, o rei emite um diploma régio que prevê a construção de casas para estudantes na zona de Almedina. O custo do aluguer era fixado por uma comissão constituída por estudantes e "homens bons".

Porém, é só na segunda metade do século XIX que estas habitações atingem maior dimensão e criam a identidade que hoje as caracteriza, isto é, de partilha e intercâmbio de experiências. Eram verdadeiros centros de boémia, associados à "dolce vita" e às tertúlias, onde o debate, a exposição de concepções, a dúvida e a procura de soluções estavam sempre presentes. É precisamente desta atitude de questionamento permanente, aliada a uma forte tendência republicana contestatária que vigorava no seio estudantil da época, que estas casas comunitárias adquirem a designação de repúblicas.

Durante o século XX, verifica-se um reforço da identidade destas casas, com as gerações que por lá passam a ganhar mais consciência da necessidade de dar

continuidade a um património comum. Neste sentido, as repúblicas são reconhecidas como entidades autónomas em 1947, através do "Código da Praxe", compilação dos usos e costumes dos estudantes de Coimbra. Contudo, a maior parte das repúblicas não reconhece nem segue este código, desde o luto académico de 1969, que foi inicialmente decretado pelo Conselho de Repúblicas, órgão que reúne todas as repúblicas de Coimbra. De resto, assumindo nesta altura um papel deveras importante, as repúblicas tornam-se uma referência da luta anti-regime até à Revolução dos Cravos, pugnando pela instauração de valores democráticos e de liberdade.

Na década de 80, a lei nº2/82 surge do reconhecimento social do papel das repúblicas e da necessidade de as proteger do problema das constantes acções de despejo a que eram sujeitas, devido às rendas baixas ou congelamento das mesmas. Desta forma, são também reconhecidas pelos Estatutos da Universidade de Coimbra, através do artigo 21, como "pólos autónomos, dinamizadores de cultura e vivência comunitária académica", estando nestes expresso o apoio institucional e financeiro às repúblicas.

levantada uma ordem de despejo, com base no perigo eminente de desmoronamento de uma das zonas centrais da sala. O senhorio, até então desconhecido, foi notificado e, segundo Luís, “ressuscitou das trevas, exigindo a casa, dado que fica situada numa zona privilegiada e possui um elevado valor imobiliário”. Os habitantes da república resistiram, sensibilizando e envolvendo um grande número de pessoas e entidades. Sorrindo, Luís afirma que o maior trunfo da república não foram os copos, mas o contrato de arrendamento, que está protegido pela Lei das Repúblicas (ver caixa). A solução passou, portanto, por um acordo entre o senhorio e os arrendatários, culminando na cedência do número 66 da rua António José de Almeida, propriedade do senhorio, que foi obrigado a fazer todas as obras necessárias para que se procedesse à mudança. Na opinião de Luís, apesar do anterior edifício ser emblemático e “de ter visto fazer de tudo um pouco - festas, teatro, concertos, feiras”, dadas as suas dimensões, “também promovia um pouco a dispersão”. Deste modo, tenta ver as coisas de um prisma positivo, salientando que a renda da casa será mantida, com a sua actualização a reger-se pela lei que protege as repúblicas. Revela ainda que os membros da casa estão a decidir a organização interior da futura casa, ou seja, “há pormenores que marcam a diferença e a experiência passada ensina a não cometer os mesmos erros em termos de funcionalidade”.

Bota abaixo?

Fundada em 1949, em plena demolição da Alta coimbrã, a Real República da Bota-Abaixo, antiga casa comunitária, teve que transferir o seu recheio para a rua de S. Salvador, adquirindo o estatuto de república e o nome que actualmente ostenta. Com o passar do tempo, a casa começou a sofrer de alguns problemas físicos e os seus habitantes foram fazendo, de acordo com as possibilidades, umas operações de “cosmética” regulares.

Porém, a idade não perdoa, e, no ano passado, deu-se o pontapé de saída para a reconstrução. Os seus membros, com a ajuda económica de antigos moradores e com fundos que angariaram, decidiram comprar a casa pois, na perspectiva de Lena, actual residente, como pagavam “apenas 25 euros de renda, não era justo pedir ao senhorio que fizesse as obras, dado que envolveriam uma quantia muito elevada”. Desta forma, segundo explica a estudante, “o risco da república se extinguir é menor”, visto que a responsabilidade de assegurar a sua continuidade é dos próprios moradores e não depende de terceiros. Por outro lado, a compra do imóvel possibilitou também o acesso ao quintal e a execução de várias obras. O sótão, por exemplo, passou a ter quatro quartos, disponibilizando assim, espaço para a criação de um arquivo.

Contudo, ainda há muito para fazer, pelo que estão previstas obras de fundo. Infiltrações, um quarto que se transformou em biblioteca (visto que era cada vez mais notório o desnivelamento do chão do espaço anterior), “são situações que condicionam a normal vivência e podem pôr em causa a segurança do pessoal”, comenta Dulce, moradora da Bota-Abaixo. Tiago, outro dos elementos, acres-



Repúblicas remam contra a maré da degradação dos edifícios que ocupam

centa que a república já conheceu a visita de três engenheiros e que agora aguardam os orçamentos para se dirigirem ao gabinete do centro histórico da Alta. Falta escolher os projectos aos quais vão concorrer, fazer uma simulação destes, e ver qual é o que oferece mais contrapartidas a nível de subsídios.

Uma nau “sui generis”

Apesar de vir assinalada no roteiro turístico da cidade e de ser considerada de “interesse público”, a Casa da Nau, que acolhe a Real República Prá-Kys-Tão, parece só conhecer o interesse dos habitantes, na medida em que carece de uma intervenção urgente. Daniel, um dos moradores, refere

que vive “numa casa do século XVI” e que, “dadas as suas características peculiares”, qualquer obra que se faça, requer um trabalho e tratamento profundo. Contudo, segundo explica, apesar de estarem a concorrer ao programa RECREIA, “é complicado prosseguir com qualquer projecto, visto que a única solução é montar um

sistema de andaimes, o que implicaria, necessariamente, o corte prolongado da rua”.

Ainda assim, Fernando, outro dos elementos da Prá-Kys-Tão, afirma que há uma preocupação em manter e melhorar a república, o que envolve muitas vezes as próprias mãos. Por outras palavras, para economizar, são os moradores que consertam o que “não funciona”.

Dois exemplos de sucesso

“A economia do momento levava os estudantes a prepararem as suas festas com guarnição adquirida em casa alheia... as galinhas roubadas eram o petisco que fazia as delícias de qualquer um; ao mesmo tempo, o título de galifão também era positivo, pois despertava o interesse feminino” - estas são as origens da designação da Real República dos Galifões cuja casa, em 1984, um incêndio consumiu.

No entanto, contando com um grande apoio dos antigos membros para a reconstrução tornaram-se associação, o que possibilitou a obtenção de subsídios e compra do terreno e, mais tarde, a reconstrução integral da casa. A este respeito, a residente Patrícia sublinha que, “neste momento, existe um fundo de segurança, que mais não é do que um depósito de dinheiro numa conta à parte, para ser utilizado se algum dia suceder um imprevisto”.

Outro exemplo é o esforço levado a cabo pela Real República dos Kágados para reconstruir e preservar o seu património histórico. Na década de 80, a casa esteve fechada devido às más condições que apresentava, com os Kágados a serem deslocados para uma outra casa. Todavia, um carinho especial pela casa impulsionou e mobilizou a república a voltar a viver no antigo espaço, ainda nessa década, e mesmo apesar da falta de condições.

Entretanto, o confronto diário com instalações precárias levava os seus moradores a arranjar soluções imaginativas para as superar. Nas palavras de Tiago, um dos actuais moradores, “a primeira grande intervenção foi no telhado, pois a chuva já estava a interferir e a danificar outras partes da casa”. Mas, apesar do edifício ter ficado minimamente habitável, continuava “bastante degradado a nível estrutural, pois as obras eram superficiais e sem ajuda técnica, de âmbito caseiro”, completa o repúblico.

O verdadeiro processo de recuperação só teve início em 1994, com a compra do edifício ao senhorio pela câmara de Coimbra. A partir deste período, os Kágados passam a pagar uma renda simbólica, em troca de serem eles a organizar grande parte da empreitada de reconstrução do imóvel. Como alude Paulo, um dos habitantes, “para concentrar algum capital financeiro venderam autocolantes e postais, foram contemplados com a ajuda de antigos membros e fizeram campanhas de sensibilização, que passaram pela visita de personalidades conhecidas como a Sophia de Mello Breyner Andersen e o José Mário Branco”. Atrás destas, vinham os media, que davam projecção à causa, contribuindo para se gerar uma grande onda de solidariedade, que se traduzia, principalmente, na doação de bens materiais.

Kimbo dos Sobas em risco

A República Kimbo dos Sobas, que se pode traduzir como “Ninho dos Chefes”, foi criada em 1962, e é sempre recordada pelo seu forte envolvimento na luta anti-colonialista e anti-fascista, e pela forte presença de elementos provenientes dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa. Ajudaram a garantir a intensa actividade política da casa personalidades como Alberto Vilaça, Orlando de Carvalho e Agostinho Neto. Mas a Kimbo dos Sobas corre sério risco de extinção.

Esta situação deve-se à saída brusca de grande parte dos residentes e às péssimas condições físicas em que se encontra o edifício que oficialmente alberga esta república. De resto, dois despachos emitidos pelo Gabinete Técnico da Reitoria da Universidade de Coimbra e pela câmara consideram-na mesmo como “um edifício que não reúne as mínimas condições de habitabilidade e segurança”. Desta forma, os repúblicos do Kimbo tiveram que abandonar o edifício e ir viver para uma outra casa até Junho deste ano.

No entanto, segundo Bernardo, “como saíram vários elementos”, actualmente está praticamente sozinho. Como explica, além de trabalhador-estudante, está a acabar o curso, portanto, dispõe de “pouquíssimo tempo para tratar da reconstrução da república, de modo a conferir-lhe a vida que ela precisa”. Contudo, colabora

com antigos membros, nomeadamente Vítor Lamas, e com uma equipa de arquitectos, de forma a reanimar a casa. Ilya Semionoff, um dos arquitectos, considera que “a casa pode ruir a qualquer momento, pois o muro de suporte da fachada está a ceder, alterando toda a estrutura do edifício, que se está a inclinar para a Avenida Sá da Bandeira”. Assim, neste momento, a equipa está “à espera de um estudo rigoroso da parte dos engenheiros e de um orçamento, que ainda não está completo”. O começo das obras depende do Gabinete Técnico da Reitoria, que só tem disponibilidade para trabalhar neste projecto no próximo ano.

Quanto a dinheiro, Bernardo recorda que, em 2001, num Conselho de Repúblicas (centro de encontro, discussão e coordenação das 27 casas existentes) que visava distribuir 275 mil euros de apoio especial governamental, as casas abdicaram de 50 mil euros em prol do Kimbo dos Sobas, de forma a apoiar a sua reconstrução. A partir daí, o Kimbo constituiu-se como associação de forma a obter apoio jurídico e adquirir com mais facilidade apoios financeiros. Contudo, se não se proceder a uma rápida intervenção no edifício e no reanimar da própria república, todas as histórias, lutas e sonhos que a povoaram, podem cair no reino do esquecimento.

FRANCISCA MOREIRA

16 CIÊNCIA

Português chefia associação científica

Coimbra marca pontos na investigação do comportamento dinâmico de materiais

Docente da Universidade de Coimbra é o novo presidente da associação europeia para esta área científica

Inês Saraiva

José Sousa Cirne, professor do Departamento de Engenharia Mecânica (DEM) da Universidade de Coimbra, foi eleito no final do mês passado presidente da DYMAT. Torna-se assim no primeiro português ao leme da associação europeia que se dedica à investigação do comportamento dinâmico dos materiais.

A DYMAT nasceu em 1983, pela mão de investigadores franceses ligados à energia atómica. Com a adesão dos países comunitários a esta associação, também o espectro se alargou e hoje o interesse recai sobre indústrias de ponta como a aeroespacial ou de defesa, e ainda sobre a automóvel.

A associação é aberta a membros de qualquer país, mas nem todos têm as mesmas capacidades financeiras. Enquanto coordenador das actividades da instituição, o recém-eleito presidente alerta para o desafio futuro que representa a integração dos países de leste. Estes possuem investigadores com forte tradição na área, mas com "dificuldades financeiras graves que muitas vezes os impedem de estar presentes em conferências". Um facto que o docente lamenta ter sido visível na última conferência, a DYMAT'2003, decorrida no Porto, na qual "muitos dos autores das comunicações apresentadas eram da Rússia e acabaram por não ter meios para se deslocar a Portugal".

A DYMAT tem três objectivos de base. O primeiro é a divulgação dos estudos feitos nesta área, através de



José Sousa Cirne, docente da FCTUC, lidera associação europeia de materiais com comportamento dinâmico

conferências bi-aneais, meetings anuais temáticos e cursos. Outro é a promoção do esforço de normalização. A nível europeu, a aposta é agora a criação de normas para os ensaios de comportamento dinâmico de materiais, de forma a que todas as instituições europeias efectuem ensaios que possam ser comparáveis. O último objectivo recai sobre o campo da educação e pretende incentivar estudos aprofundados na área. Desta forma, foi instituído um prémio monetário atribuído cada três anos à melhor tese de doutoramento na Europa sobre

comportamento dinâmico de materiais.

Importância da Mecânica

Muitos avanços se têm verificado no campo da mecânica estrutural, graças à inovação nos materiais, técnicas de produção e ferramentas de análise, mas, para José Sousa Cirne, o "comportamento dinâmico dos materiais é algo que ainda não está bem estudado". A sua importância surge da necessidade em desenvolver materiais que sejam estáveis quando submetidos a um impacto. É desta forma que

surge uma nova área científica, no cruzamento da engenharia mecânica com a engenharia de materiais. O docente ilustra com o exemplo do pára-choques de um carro: "Se no passado se acreditava que o melhor pára-choques seria uma estrutura rígida, hoje sabe-se que a melhor opção é o uso de um material capaz de se deformar e desta forma absorver o máximo da energia envolvida no impacto".

No DEM é possível observar alguns dos últimos trabalhos desenvolvidos nos laboratórios do Grupo de Investigação em Mecânica Estrutural. Entre

eles incluem-se hélices para ultra-leves desenvolvidas por alunos de Seminário e ainda um sistema de monitorização para barcos, que permite avaliar em tempo real o desempenho dos remadores e comunicar essa informação ao treinador em terra, por exemplo, via telemóvel. O docente revela a sua aposta num material em forma de sanduíche com peles externas de carbono e camada interior composta por uma mistura de resíduos de cortiça e borracha, ambos baratos, que "poderia ser usado nas portas dos aviões".

Aposta nacional

O Grupo de Investigação em Mecânica Estrutural pertence ao Centro de Engenharia Mecânica, que recentemente renovou a sua classificação como unidade de investigação "excelente" dada por um painel de avaliadores estrangeiros. José Sousa Cirne considera que esta distinção "é um incentivo, mas não traz grandes benefícios a nível do financiamento recebido". Estes apoios podem garantir-se com candidaturas a projectos europeus, mas estas "são complicadas porque é difícil arranjar parceiros". O docente remata com a sua mais recente candidatura, uma parceria luso-espanhola, para o estudo das potencialidades da cortiça - um material nacional que, pela sua capacidade de absorção de energia, pode ser usado como amortecedor. José Sousa Cirne mostra interesse em colaborar com o Grupo Amorim, que "apesar de possuir unidades de investigação próprias na Bélgica, poderia também apostar na investigação nacional".

Falta de verbas para o Herbário de Coimbra

A instituição debate-se actualmente com problemas que podem comprometer a sua continuidade

Rita Delille
Rosa Ramos

A escassez de funcionários, a falta de verbas e o aparente desinteresse da Universidade de Coimbra são alguns problemas com que se debate actualmente o Herbário do Departamento de Botânica da universidade. Fátima Sales, a responsável pelo herbário, considera-o "um património tão importante como a Biblioteca Joanina ou a Sé Velha" e sublinha que "o Departamento de Botânica tem um estatuto financeiro que não corresponde às reais necessidades do património que possui".

O Herbário de Coimbra, que é o maior do

país, conta com cerca de 800.000 exemplares vegetais e está alojado no antigo Colégio de São Bento. A sua colecção integra espécies desde o século XVIII e, possivelmente, plantas já extintas. Representando bem o reino vegetal, o herbário inclui espécimes que vão desde pequenas algas a grandes árvores.

As colecções estão arrumadas de acordo com as respectivas zonas geográficas. No rés-do-chão encontram-se o Herbário Geral e a colecção de Portugal Continental. No primeiro andar está a colecção geral de ex-colónias africanas, bem como a dos ex-territórios indianos portugueses, a de Timor e de Macau, e as dos arquipélagos da Madeira e dos Açores. Cada um dos andares do herbário tem ainda uma biblioteca temática.

A actual curator (termo latino que designa a pessoa responsável pela herbário) explica que as verbas para recolha e pesquisa de espécimes são, essencialmente, cedidas por bolsas da Fundação para a Ciência e a Tecnologia. A

responsável sublinha o facto "do Departamento de Botânica [apesar do encargo adicional do herbário] receber verbas equivalentes a qualquer outro departamento com despesas muito inferiores" e acrescenta ainda que "o herbário é um património mundial e deve ser encarado pela universidade como tal".

Ofertas, permutas e colheitas para a ampliação da colecção faziam parte das actividades regulares do herbário. Contudo, estas têm estado suspensas devido ao número reduzido de funcionários. Hoje apenas resta um funcionário para co-adjugar a responsável, "o que é pouco para um trabalho que é contínuo e diário", assinala Fátima Sales.

Anteriormente, o herbário era uma instituição anexa ao Departamento de Botânica e beneficiava, como tal, de um financiamento independente. Isto permitia uma melhor situação financeira e a não vinculação a um critério de restrição do número de funcionários consoante o número de alunos. Actual-

mente, o Departamento de Botânica só pode ter a seu cargo 13 funcionários. Os funcionários que se reformaram não foram, por esta razão, substituídos.

O departamento tem tentado solucionar a situação através de métodos alternativos de financiamento mas, "de momento não há perspectivas de resolver a situação dramática em que nos encontramos", diz Fátima Sales.

O herbário pretende estar acessível a estudos de natureza diversa, tanto de investigadores desta instituição, como de outras congéneres quer portuguesas quer estrangeiras.

Inserido num sistema internacional de permuta de informação, o herbário troca material com mais de 30 instituições por todo o mundo. Esta permanente correspondência de espécimes é feita por correio, embora esteja a ser esboçada a construção de um herbário on-line que pretende "facilitar as múltiplas trocas internacionais e chegar a um público mais vasto", explica a responsável.

Orfãos de Dário

Despedida amarga dos estudantes, no primeiro jogo sem Dário e último em Taveiro

Exibição descolorida da Briosa resulta em nova derrota caseira. Pouca inspiração no ataque e brinde defensivo ditaram o resultado

Tiago Pimentel
Bruno Vicente

Após o jogo com o FC Porto, Vítor Oliveira prometeu "uma Académica diferente". Tal não se verificou frente ao Nacional da Madeira. Na realidade, a Briosa apresentou-se fragilizada pela ausência de Dário, sendo notória a falta deste na manobra ofensiva da equipa. O Nacional logrou obter os primeiros pontos fora de casa, ao passo que os estudantes continuam sem vencer no seu recinto.

A baliza ficou entregue a Pedro Roma, sendo Fouhami relegado para o banco, depois da exibição desastrosa que rubricou nas Antas. A linha defensiva foi composta por Pedro Henriques (à esquerda), Alvim (à direita) e Tonel e José António no eixo da defesa. No meio-campo, Lucas surgiu descaído sobre a direita, ficando Paulo Adriano encostado à esquerda e Dionattan no centro do terreno. Tixer, com uma exibição de bom nível, surgiu mais recuado, no apoio à linha defensiva. Na frente atacante, Delmer e Fábio Felício procuravam abrir caminho para a baliza de Carrapato.

O jogo começou por ser bem disputado, com a bola a percorrer toda a extensão do relvado. As equipas jogavam de igual para igual, chegando à grande área adversária, mas sem grande perigo. Após os dez minutos iniciais, a partida foi perdendo dinâmica, com as formações a apresentarem um futebol morno. Progressivamente, o Nacional tomou conta do jogo, pertencendo à formação madeirense as melhores oportunidades de golo da primeira parte. Pedro Roma, no seu primeiro jogo na presente temporada, foi decisivo para a manutenção do nulo ao intervalo. Registe-se a



Numa tarde de mau futebol, a Académica perde no adeus à "fortaleza" de Taveiro

boa resposta que deu a um remate de Adriano, aos 31 minutos.

Ao longo da primeira parte, a Académica apresentou uma postura demasiado defensiva, com o meio campo mais próximo da defesa, não existindo o devido apoio ao ataque. Só em contra ataques rápidos ou com remates de fora da área - saliente-se a "bomba" de Alvim aos 40 minutos - conseguiu levar algum perigo à baliza adversária.

Ao intervalo, Vítor Oliveira efectuou duas alterações, com as entradas de Akos e Ricardo "El Gato" Perez para os lugares de Dionattan e Fábio Felício. A Académica entrou melhor na segunda parte, com mais velocidade e empenho, surgindo mais rematadora. Valeu ao Nacional a disciplina táctica dos seus defesas e a importante acção do meio campo, bem povoado, na construção de jogadas ofensivas.

O único golo da partida surge aos 76 minutos, como consequência do

domínio da equipa da Madeira. Um mau passe de José António para Pedro Roma foi bem aproveitado por Serginho, que centrou para Adriano marcar. Até ao final do jogo a Académica procurou o golo, criando algum

perigo, que acabou por não ser suficiente.

O árbitro João Roque, que se estreou na SuperLiga, revelou-se sereno e à altura do desafio.

Nas cabines...



Vítor Oliveira

- "Foi um mau jogo de futebol. Um jogo quando é fraco, é-o para os dois lados"
- "Na primeira parte esperava melhor. Na segunda parte melhorámos"
- "Vamos continuar a trabalhar para conseguir resultados"
- "O Dário já não é jogador da Académica. Se tirarem o melhor jogador a qualquer equipa, ela ressentir-se"



Casemiro Mior

- "Não foi um grande espectáculo."
- "Foi um jogo muito estudado e disputado a meio-campo"
- "O Nacional esteve bem tacticamente"
- "As lesões de Ivo e João Fidalgo dificultaram mas a equipa portou-se bem"
- "Jogámos para o resultado e levamos os três pontos na bagagem"

Orabolos!

António Leitão

Opinião

Eh malta, e p'ró Dário não vai nada, nada, nada?

"Se quiserem fazer AAC/OAF um grupo desportivo de Coimbra, matam a Académica"

Não pretendo aqui dizer que o Dário faz falta e que a verba poderá não justificar a saída. Que o jogador faz falta é uma verdade tão crua e cruel que nem o treinador da Briosa ousou desmentir. Quanto à vertente financeira, quem tem a "corda na garganta" que responda por este acto de gestão.

O Dário poderá nem ser o jogador mais importante na história da Académica, se calhar longe disso, mas foi e é um jogador que encarnou por completo o que é a Académica, enquanto instituição formadora, cívica, pessoal e humana.

O Dário chegou a Coimbra ainda jovem, tinha perdido o pai não havia muito tempo e chegou com a missão de sustentar a mãe e os três irmãos. Triunfar era a sua "missão impossível". Mas escolheu a Académica porque queria estudar. No tempo que cá esteve cumpriu no futebol e frequentou um curso superior. Mas mais importante do que tudo isto, tornou-se homem. Integro, sincero, honesto, enfim, um "bom homem". Num tempo em que o futebol se tornou uma indústria, o Dário remou contra a maré. Lutou em campo pela melhoria do contrato, rejeitou propostas para a Académica conseguir os seus objectivos, manteve irredutível a sua posição de não ter empresário, porque na sua opinião para negociar com a Académica não era preciso, enfim manteve-se à margem do "mundo empresarial" do futebol. Mas nem por isso deixou de triunfar. O que é e o que tem, deve-o, em parte, à Académica. E ele sabe disso. Por isso, ao sair, não abandona apenas amigos e um clube de futebol. Abandona uma casa, a sua casa, pela segunda vez na vida.

Para a Académica, o Dário deve servir de referência. Porque prova-se que pode ser possível, hoje em dia, encontrar jogadores de qualidade, que façam a diferença, que queiram vir para a Académica e que por aqui fiquem e se tornem cidadãos dignos e responsáveis.

É esta a essência da Académica.

Se quiserem fazer da AAC/OAF um grupo desportivo de Coimbra, matam a Académica e duvido que esse "novo" clube sobreviva - vejam os exemplos dos outros clubes de Coimbra.

O OAF não pode desligar-se da AAC, não por questões sentimentais, não para manter a "tradição", mas porque esta é o seu seguro de vida.

"Estão a tirar os estudantes do futebol!"

A claqué Mancha Negra está dividida sobre os preços para o Estádio Cidade de Coimbra

Vítor Aires
Dinarte Melim Velosa

Foram aprovados, em Assembleia Geral do Organismo Autónomo de Futebol, os valores das quotas sociais e bilhetes de época para o novo Municipal de Coimbra. Para os sócios da claqué, esta é "a melhor proposta da direc-

ção em 19 anos", uma vez que o bilhete de época custa 2,5 euros, um preço simbólico, que cobre apenas os custos administrativos do cartão. Por outro lado, é uma má proposta para o AAC/OAF, pois os preços normais vão levar um estádio com capacidade para 30 mil lugares a ficar vazio.

Para Ricardo Lopes, vice-presidente da Mancha, "é melhor ter dez sócios a pagar cinco euros do que um a pagar 50", pois o lucro é idêntico, mas o estádio fica cheio. Os membros da claqué não acreditam que a Académica venda os 12 mil bilhetes de época, afirmando,

até, que "os dirigentes vão bater com a cabeça contra as paredes por não aceitarem outras propostas". Para o exemplificar, o dirigente refere que no dia da segunda assembleia (a primeira foi suspensa), membros da Mancha Negra foram convocados para uma reunião extraordinária com a direcção: "Cedemos a pressões para aceitar a proposta da direcção, porque não queremos ser uma força de bloqueio, como já nos acusaram", afirma Ricardo Lopes. Porém, estão dispostos a esperar "pela reacção dos sócios e do povo de Coimbra" e afirma que "se a direcção

conseguir vender seis ou sete mil bilhetes já é muito bom para os valores e a quotização que são".

A claqué lança ainda outras críticas. Uma delas prende-se com as quotas, pois na temporada transacta um sócio pagava, no mínimo, 32,5 euros por ano e agora paga cerca de 60 euros. Também as televisões são responsabilizadas pelo preço base dos bilhetes, já que em nove jogos, seis são transmitidos.

Por fim, a claqué deixa um desafio: criar um bilhete especial para estudantes e transferir os jogos para a segunda-feira, para obter maior apoio estudantil.

“A Académica é um gigante adormecido”

Treinador da Associação Académica de Coimbra/Organismo Autónomo de Futebol triste com últimos resultados

Após a saída de Dário, o treinador da Académica afirma que está atento aos novos valores e revela a sua opinião acerca dos casos que assolam o futebol português

Vítor Rodrigues e Oliveira
Rui Pestana

Depois de em 1997 ter “subido” a Académica ao topo futebol português, Vítor Oliveira regressa a uma casa que atravessa graves dificuldades financeiras. Nos balneários da Briosa falou-se dos bastidores do espectáculo e da equipa que agora enfrenta o desafio da manutenção.

No final do jogo das Antas afirmou que a Académica terá de ser diferente. Como será a sua Académica?

O que temos de mudar em relação ao jogo das Antas é que não podemos ser subservientes em campo algum. Nós na primeira parte das Antas fomos subservientes.

E a Académica por filosofia, pela qualidade do plantel, pela exigência da própria massa associativa e adeptos não pode ser subserviente em campo algum. Essa Académica não queremos. Queremos uma Académica que lute pelos três pontos em qualquer campo, embora saibamos que há jogos que são extremamente difíceis. Um bom exemplo foi o jogo com o FC Porto, dada a diferença de potencial entre as duas equipas. Queremos uma Académica activa, viva, com gosto pelo jogo, e que lute estoicamente.

A Académica vem de excelentes prestações fora de casa. Conseguindo melhores resultados em Coimbra, acha possível lutar por outro lugar?

Eu não diria de uma forma absoluta que não. Mas o objectivo da Académica é conseguir a manutenção na Superliga. Se esse objectivo for conseguido cedo, a dez ou 12 jornadas do fim do campeonato, seria excelente e poderíamos reformular os nossos objectivos para uma melhor classificação.

Era este plantel que escolheria se tivesse iniciado a época na Académica?

Provavelmente teria escolhido alguns jogadores que seriam mais do meu agrado, como é óbvio, e que estariam mais de acordo com aquilo que eu penso que deverá ser o futebol. Mas neste momento terei

que rentabilizar estes jogadores e com certeza que muitos destes agradam a qualquer treinador, independentemente da sua filosofia de jogo.

O plantel é um pouco extenso...

Muito extenso. Atendendo a que há uma equipa B, a extensão do plantel da equipa A não augura um bom futuro para os jogadores da equipa B. Deveríamos ter menos atletas na equipa A de forma a que quando tivéssemos alguma lacuna pudéssemos recorrer à equipa B com mais frequência. A Académica B dará frutos se for bem estruturada, se o projecto for bem pensado e bem apoiado. Se tal não acontecer, é evidente que será um desperdício de dinheiro.

De que forma pode o Vítor Oliveira ajudar as camadas jovens da Académica?

O treinador principal da Académica, seja ele quem for, não pode pôr a sua marca no futebol juvenil porque as camadas jovens não têm o mínimo de condições para trabalhar. Trabalham em péssimas condições e os resultados estão à vista:

“Há uma grande promiscuidade entre os agentes do futebol, que conduz a que haja situações menos sérias”

nos últimos anos a Académica tem tido muito pouco retorno das camadas jovens. Não pela falta de qualidade em Coimbra, não porque tenha dificuldade em recrutar novos valores, mas porque os jogadores trabalham em condições mínimas que não contribuem para o desenvolvimento do futebol juvenil. Penso que os novos campos sintéticos do complexo do Bolão podem dar um salto qualitativo no futebol jovem da Académica. Só com condições, em termos de infraestruturas é que podemos rentabilizar os miúdos que aqui aparecem.

Podem alguns jogadores da equipa B ter aproveitamento na formação principal?

Podem perfeitamente. Nós temos acompanhado com muito cuidado a Académica B e sabemos que há bons valores que podem “explodir” a qualquer momento. Temos jogadores que poderão ser acusados de demasiada juventude mas, por outro lado, também têm muita irreverência, têm sangue na guelra e poderão ser úteis. Estamos a acompanhar com muito cuidado o percurso destes atletas de forma a que os possamos integrar na equipa principal sem qualquer problema. Nós aqui não fazemos distinção

“As camadas jovens não têm o mínimo de condições para trabalhar”

entre “Ás” e “Bês”, só queremos que joguem os melhores.

Com a saída de Dário, a equipa atravessa uma crise ofensiva. O substituto pode vir do mercado brasileiro? Talvez já em Dezembro...

Neste momento ainda estamos a estudar hipóteses. Poderá vir do mercado brasileiro, de África e, obviamente, do mercado nacional.

E o Xano? Podia ser uma solução?

Não conheço o Xano, vi-o jogar só duas vezes. Não o conheço suficientemente bem para dizer se tinha lugar ou não.

Para contratar um jogador com a qualidade de Dário é preciso algum dinheiro...

Não conseguimos contratar um jogador como o Dário. No futebol português não abundam jogadores com a qualidade dele. Se calhar, era preciso muito mais dinheiro do que

aquele que a Académica recebeu.

Considera que o Dário foi vendido por pouco dinheiro?

Os aspectos financeiros não serão os mais importantes para mim, dado que é uma situação que me ultrapassa. Em termos desportivos foi um erro muito grande vender o Dário, e esse erro agrava-se pelo “timing” em que foi vendido. Se fosse em Dezembro, com certeza que nos daria a hipótese de minimizar a sua saída com uma substituição. Neste momento, vamos ter de jogar nove jogos importantíssimos sem ele.

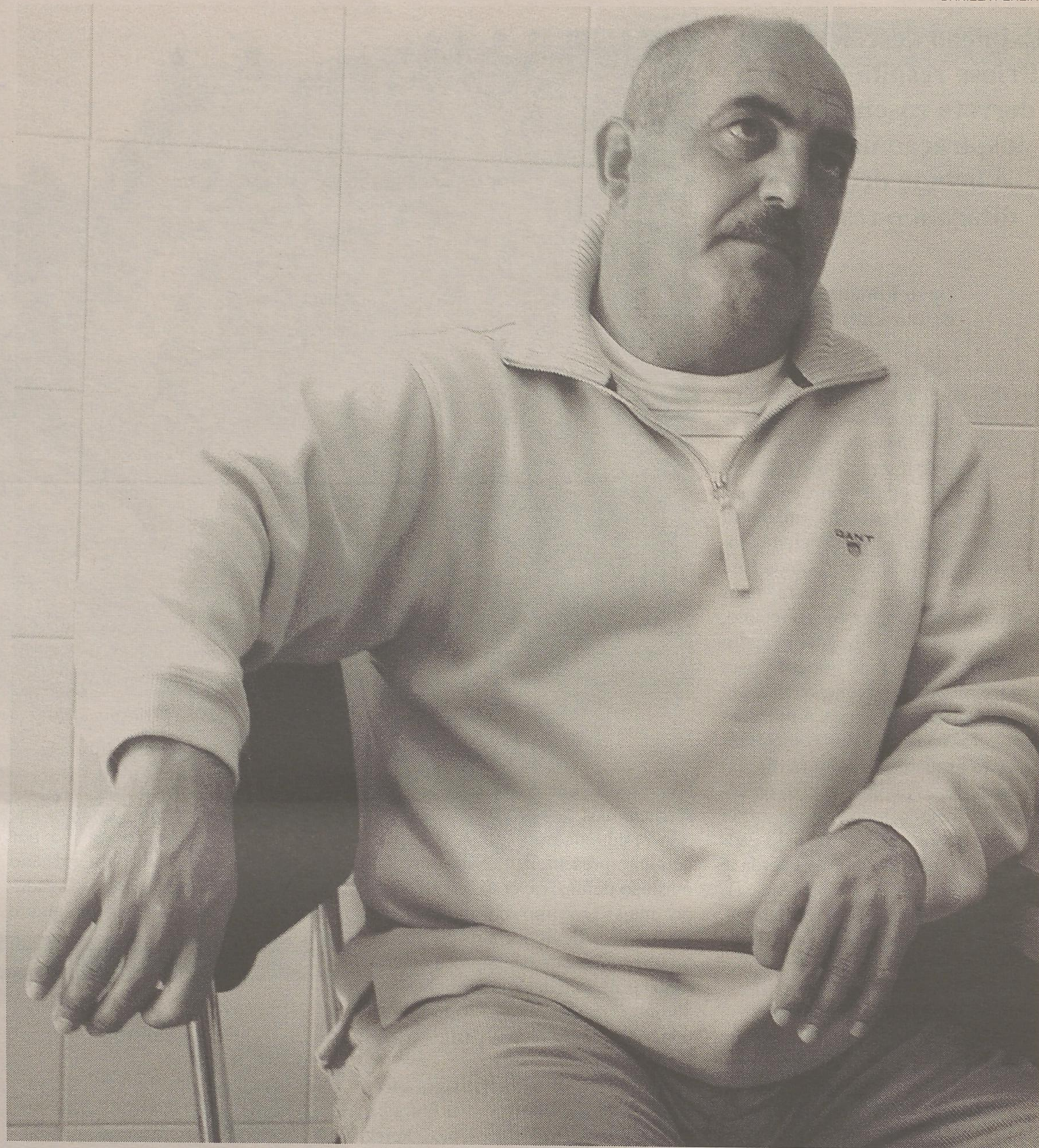
A direcção não teve esse aspecto em consideração?

Tiveram em consideração fundamentalmente o aspecto financeiro. Parece-me que esta verba é extremamente importante para o equilíbrio do clube. E quando assim é, não há nada a fazer.

Futebol viveu acima das possibilidades

O que fazer para superar a crónica falta de lucro?

Uma melhor gestão dos plantéis, uma melhor gestão do dinheiro



Vítor Oliveira acredita “numa época tranquila”

“Venda de Dário foi um erro desportivo”

Vítor Oliveira já não conta com o avançado moçambicano para o jogo inaugural do Estádio Municipal de Coimbra (dia 29) frente ao Benfica. O jogador transferiu-se para o Al-Jazira, numa venda cujo valor rondou o milhão de euros. Com saída do ex-capitão para o Dubai o “objectivo da manutenção ficou mais difícil”, alerta Vítor Oliveira.

Consciente que os valores financeiros falaram mais alto na venda do ponta-de-lança, o técnico afirma que “a Académica necessita de alguma agressividade e profundidade ofensiva”. Algo que até Dezembro, e durante nove jogos, terá de ser “colmatado colectivamente”. No entanto, Vítor Oliveira salienta a qualidade do plantel “em termos de defesa e meio campo”.

Após a reabertura do mercado de transferências, a urgência será “reforçar a equipa em termos ofensivos”, algo que “será fundamental nos jogos em casa”, acrescenta o treinador.

DANIELA PEREIRA

gasto no futebol. Há que trazer mais gente aos estádios, aproveitar melhor os direitos televisivos, que poderão ser o grande suporte do futebol. Tudo isto proporciona mais receitas, tal como a gestão da imagem dos jogadores e do clube.

Entende que houve uma má gestão da anterior direcção?

Não. Estou a falar de uma forma geral. Neste momento já se começa a sentir uma certa contenção, mas penso que o futebol viveu muito tempo acima das suas possibilidades. Pagava-se muito mais do que se podia. Hoje em dia já se começa a apertar o cinto.

Como conseguir um equilíbrio entre mais receitas e mais apoio desportivo à equipa? Antes os estudantes entravam de capa e batina sem pagar. Acredita que com o novo estádio isto continue a verificar-se?

Em termos desportivos, nós gostamos de ter sempre o estádio cheio e se for cheio de juventude, tanto melhor. Vibramos mais com o jogo, os gritos das claques incentivam a equipa e há uma certa cor e alegria no ambiente. Mas em termos economicistas, o futebol é um espectáculo e qualquer espectáculo é pago em Portugal. Não vejo por que razão o futebol não há-de ser pago. Mas aceito perfeitamente que haja preços distintos e que haja algum benefício económico para os estudantes, dado que o clube, na sua essência, representa a massa estudantil de Coimbra. Penso que deviam ter acessos privilegiados mas, como espectáculo que é o futebol, toda a gente devia pagar.

Nesse sentido, concorda que a Mancha Negra passe a pagar 2,5 euros para assistir aos jogos no novo relvado?

Eu não sei se a Mancha Negra deve pagar dois euros e meio ou um euro. Acho que toda a gente deve pagar nem que seja um preço simbólico. Também concordo que não se deva praticar preços exorbitantes porque neste momento a falta da Mancha seria um factor extremamente negativo para a equipa da Académica. A claque tem sido um apoio incondicional, não só em casa, mas fundamentalmente nos jogos fora. A Académica seria uma equipa despida se fosse a qualquer lado sem a presença da Mancha. Penso que à Mancha não chocará pagar um preço, ainda que simbólico, mas que legitime a sua presença nos estádios.

“A Académica está nas 14 melhores equipas nacionais”

Acha que se dá demasiada importância ao futebol em detrimento de outros desportos?

Não. É um pouco como a lei da oferta e da procura. As pessoas gostam de futebol e em Portugal este é o desporto-rei. Por conseguinte, tem a importância que as pessoas lhe dão. E em Portugal tem muita.

Há muito que se fala numa possível reestruturação da Superliga. Se o número de equipas no campeonato português baixasse para 14, a Académica teria possibilidades de se manter entre

os grandes?

Eu diria que a Académica é um gigante adormecido. É um dos grandes do nosso futebol que neste momento está a atravessar uma situação conturbada. Se formos a escolher pelo seu prestígio, currículo, massa associativa, número de sócios, carisma e amor clubístico que o país de norte a sul tem pela equipa, a Associação Académica de Coimbra faria parte das 14 melhores equipas nacionais.

Outra transformação no futebol português passa pelo Euro 2004. O que pensa dos dez novos estádios?

Os dez estádios são um exagero! Com seis podíamos perfeitamente organizar um Europeu. Se calhar com o dinheiro dos outros quatro podíamos

dar condições, em termos de infraestruturas, para o futebol juvenil, às equipas da Superliga e da Segunda Liga. E quer queiramos quer não, nós somos um país de exportação, nós exportamos jogadores e vivemos da formação. Essa aposta passa pela criação de relvados, balneários e por um aumento da qualidade dos formadores do futebol juvenil. Isso deveria ter sido fomentado com algum do dinheiro que, exageradamente, se gastou em estádios de futebol.

O futebol português tem muitos problemas?

Muitos. O problema da arbitragem é preocupante. Entre sorteios e nomeações, ninguém se entende e os erros são os mesmos porque as pessoas são as mesmas. Como algumas delas estão mal

preparadas, os erros sucedem-se com demasiada frequência. Depois há uma grande promiscuidade entre os diversos agentes do futebol, o que conduz a que haja situações menos sérias. Estou a falar de dirigentes, treinadores, jogadores, árbitros, toda a gente ligada ao futebol. E isto leva a que surjam estas estórias em que o futebol português é fértil. Os casos demoram demasiado tempo a ser julgados e um tribunal desportivo era extremamente importante para a credibilização do futebol. Chegámos ao caricato de os jogadores recorrerem de um castigo, cumprirem-no, e depois é que vêm a sua pena levantada, como é o caso do Mccarthy. Isto é ridículo!

“Num país de direito o Sanchez não seria treinador”

O que pensa de toda a polémica em torno do Sanchez e das qualificações do boliviano para treinar o boavista?

Num país de direito o Sanchez não seria treinador do Boavista. Não tem habilitações para ir para o banco e isso é inquestionável. Existe uma portaria que regula esta situação. Houve um curso de quarto nível há três anos em Portugal, e ele não frequentou esse curso. Penso que a entidade patronal contornou a lei, algo que em Portugal é muito fácil. Quero ainda dizer que, em todo este processo, o Sanchez se tem

portado com grande dignidade. Foi convidado por uma entidade patronal, que o suporta ilegalmente, e resta-lhe trabalhar e fazer o melhor que puder.

Acha que essa situação vai ficar impune?

Provavelmente, como ficam muitas no futebol. O futebol não é um modelo de virtudes, tem muitas coisas más que seria urgente eliminar o mais rapidamente possível para o podermos credibilizar.

A sua ida para o Boavista foi também muito falada...

Foi efectivamente muito ventilada, mas não passaram de rumores. Oficialmente, não houve qualquer contacto. Informalmente sim, tal como houve com outras equipas.

Pensa ficar a longo prazo na Académica?

O futuro no futebol é hoje. O futebol tem pouco passado porque as pessoas esquecem rapidamente. E o futebol tem pouco futuro porque a sua finalidade ainda são os resultados. Por conseguinte, para mim, o futebol é o presente. Essa é uma das razões pela qual assino sempre por um ano. E isso tem sido condição em todos os clubes por onde passo. Penso que é o mais vantajoso para mim e para as direcções. Se estivermos satisfeitos, rapidamente chegamos a um acordo, senão também muito rapidamente se resolve o problema, porque após um ano deixa de haver vínculo.

Fala-se de que o abandono de Artur Jorge e a entrada de Vítor Oliveira estava previamente acordada com a direcção. Confirma?

Desminto completamente. Eu fui contactado no dia 27 de Agosto pelo dr. João Moreno. Não havia qualquer contacto anterior e foi uma surpresa para mim.

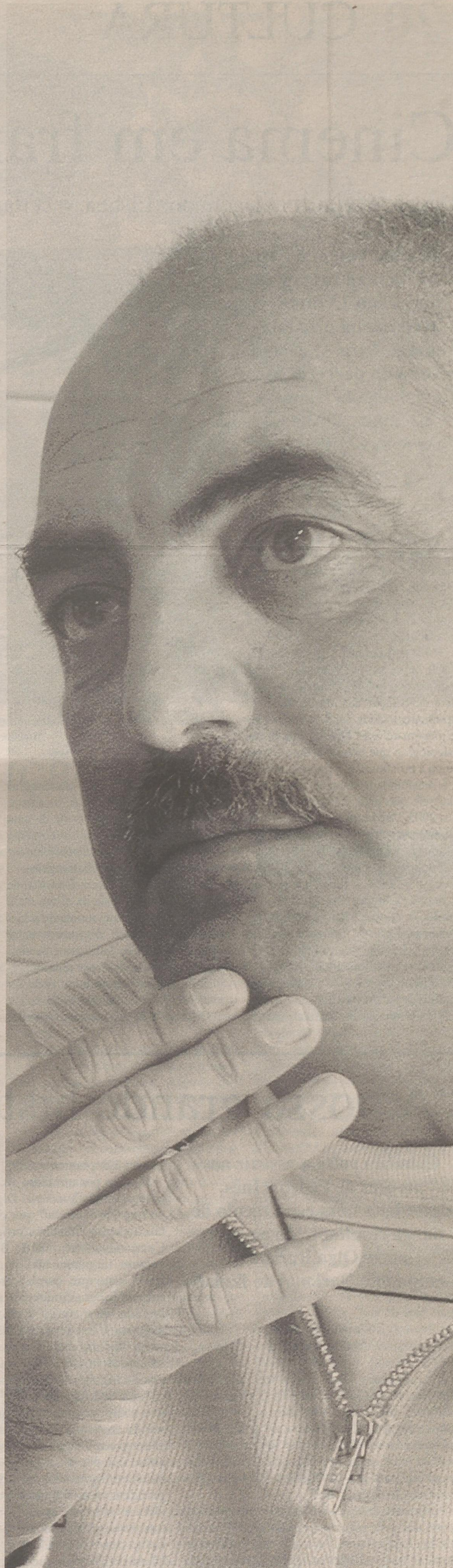
Tendo em conta a Académica que treinou em 1996 e 1997 e a Académica de hoje, que diferenças encontra?

Encontro duas diferenças. Primeiro, em Outubro, a generalidade da equipa tem os ordenados em dia, o que é extremamente importante e não era normal no tempo em que cá estive. A outra diferença é o campo do Bolão. Em tudo o resto não vejo diferenças.

O “papa-subidas”

Conhecido no futebol português por ter alcançado várias subidas de divisão, Vítor Oliveira tem fama, e currículo, de treinador com sucesso nas divisões inferiores. O técnico, natural de Matosinhos, regressa a Coimbra, depois de, em 1997, ter levado a Biosa à Primeira Divisão da altura.

Durante o seu percurso já liderou clubes como o Portimonense, Maia, Paços de Ferreira, Vitória de Guimarães, União de Leira, Sp. de Braga e, na última temporada, o Gil Vicente. Apesar de ter feito uma excelente primeira volta em Barcelos, a continuidade não se verificou devido a desentendimentos com a direcção.



Vítor Oliveira

20 CULTURA

Cinema em francês

Depois de uma passagem por Lisboa, o certame de cinema francófono chega agora aos cinemas Millenium

Começou ontem a Festa do Cinema Francês que apresenta 13 filmes e termina na próxima quinta-feira. O evento resulta da parceria entre a embaixada francesa, Coimbra 2003 e os cinemas Millenium

Ana Maria Oliveira
Susana Ventura

Hoje, às 14h00, decorre a antestreia do filme "Petites coupures", seleccionado para o Festival de Berlim 2003. Esta comédia conta-nos a história de Bruno, um jornalista quarentão e comunista, com uma vida amorosa muito atribulada.

"Ni pour ni contre", de Cédric Klapisch, passa às 16h30. Trata-se de um policial que marca um ponto de viragem em relação aos outros filmes do mesmo realizador. Ainda no dia de hoje, podem ver-se "Tiresia", um drama psicológico que aborda temas actuais como a prostituição, a transexualidade e a sensibilidade humana. De notar a sua selecção para o Festival de Cannes 2003. "Swimming pool" é o filme da noite, a cargo do já conhecido realizador François Ozon.

Também escolhido para o Festival de Cannes 2003, o filme "Ce jour-là" inaugura o terceiro dia desta festa. A produção coube a Paulo Branco. Seguem-se depois os filmes "Les triplets de belleville", de animação, "Les égarés" com Emmanuelle Béart, e "Son frère", vencedor do Urso de Prata do Festival de Berlim.

No último dia do festival, dia 23,



"Swimming pool", de François Ozon, com Charlote Rampling, é um dos filmes em cartaz neste certame

podemos contar com o documentário "Etre et avoir", um filme tocante e realista que relata o dia-a-dia de uma escola primária, e com a comédia "Bon voyage", nomeada para o Óscar 2004 de Melhor Filme Estrangeiro.

Seleccionado para o Festival de Yokohama 2003 está o filme "Un homme, un vrai", que retrata uma história de amores e desamores entre Maryline e Boris. Esta comédia dramática caracteriza-se por uma imprevisibilidade surpreendente e pode ser vista às 19h00 de quinta-feira.

O filme "Choses secrètes" encerra-

rá o certame. Trata-se de um drama sexual, seleccionado para os Festivais de Roterdão, Moscovo e Karlovy Vary 2003 e vencedor do prémio France Culture 2003.

Daniel Lequertier, embaixador de França em Portugal, afirma que "um festival de cinema é sempre um acontecimento", e que "a vitalidade do cinema francês é um facto que se deve principalmente aos criadores que lhe imprimem a sua magia". É também "um notável trabalho de defesa da diversidade das culturas, das línguas, e dos patrimónios". Segundo o embai-

xador, estão presentes nesta mostra os filmes surpreendentes como "Les égarés", de André Téchiné, "Bon voyage", de Jean-Paul Rappeneau, "Son frère", de Patrice Chéreau, entre outros.

O festival chega a Coimbra depois de ter passado por Lisboa. Na capital, o presidente da câmara municipal, Pedro Santana Lopes, também se pronunciou acerca deste evento, referindo que "a Festa do Cinema Francês constitui já uma referência e uma oportunidade única para o público português ter acesso privilegiado ao

melhor que a sétima arte tem para oferecer".

Segundo o director da Alliance Française de Coimbra, Alain Didier, este evento conta com "filmes para todo o público, desde policiais, documentários, thrillers, filmes de animação e comédia".

Didier refere também que o festival "é uma boa maneira de desmistificar a ideia do cinema francês como sendo uma actividade para intelectuais".

O preço dos bilhetes é de 3,50 euros e os filmes serão exibidos no cinema do Centro Comercial Avenida.

"A nossa grande história de amor"

Coimbra volta a assistir aos amores de Pedro e Inês, desta feita num espectáculo de dança resultante da parceria entre Olga Roriz e a Companhia Nacional de Bailado

Carina Fonseca
Marta Poiares

A coreógrafa Olga Roriz traz ao Teatro Académico de Gil Vicente (TAGV) o bailado "Pedro e Inês", que considera ser um "presente engraçado", visto que se trata da sua quinquagésima obra. Depois de uma estreia bem sucedida no Teatro Camões, em Lisboa, chega agora a vez de Coimbra reforçar a perenidade do mito.

Perfeitamente enquadrada no seu universo particular, esta história - "incontável", garante Olga Roriz - sublinha um facto histórico de elevada carga simbólica. "É a nossa grande história de amor, se não é das mais bonitas, é

quase; é duplamente real", diz-nos.

Mas, se por um lado, ao debruçar-se sobre o seu "tema favorito", Olga Roriz se sentia na sua "casa interna", por outro era importante conseguir manter a própria linguagem da Companhia Nacional de Bailado (CNB). No entanto, tal parece não ter constituído um entrave, visto que, como a própria afirma, o resultado foi unanimemente positivo. Nas palavras da coreógrafa, "Pedro e Inês" deu uma abertura à imagem da CNB. Existe, inclusive, a possibilidade de levar esta obra além fronteiras, como comprovam os convites vindos de Inglaterra e Espanha, entre outros.

À partida, "Pedro e Inês" retrata o clássico que todos conhecem, o qual toca "desde o miúdo da escola de treze anos, até ao próprio estrangeiro". Porém, e apesar de podermos como que prever o seu desenrolar, o espectáculo conta com uma série de surpresas que se prendem essencialmente com a presença dos elementos terra e água. Com efeito, para a criação de um ambiente tão trágico e intenso muito deverá contribuir a cenografia de João Mendes Ribeiro - que visa retratar nada mais nada menos que a própria Quinta das Lágri-

mas -, que Olga Roriz classifica como sendo "simples e mágica". De registar também o desenho de luz, da responsabilidade de Cristina Piedade, bem como os figurinos de Mariana Sá Nogueira. Quanto à banda sonora, trata-se de uma selecção pessoal de Olga Roriz, que visa "servir o ambiente desejado".

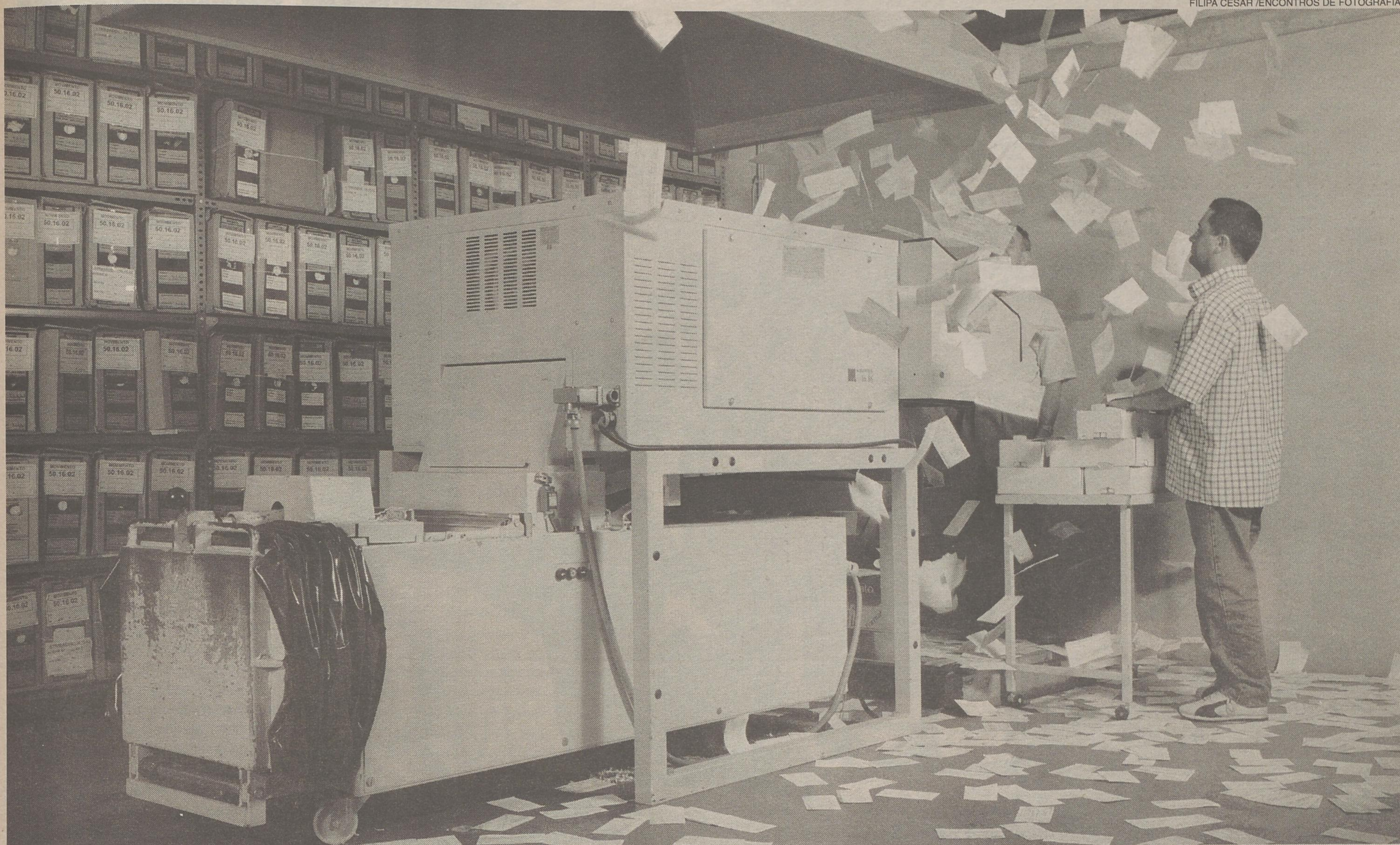
De acordo com a coreógrafa, na base do êxito deste trabalho está a grande adesão da totalidade dos bailarinos (e não apenas de Didier Chazeau e Ana Lacerda, que encarnam o par protagonista). Cada um destes elementos funciona, de alguma maneira, como uma autêntica mais-valia na reconstrução de um episódio que faz parte do imaginário de todos.

"Pedro e Inês" iniciam nova temporada da CNB

Esta performance da CNB, que inicia a temporada 2003/2004, teve começo no mês passado e estende-se até Julho de 2004, visitando locais tão diversos como Évora, Santa Maria da Feira, Castelo Branco ou Lagos. Além disso, durante este mês e o próximo, estarão em cartaz os bailados "A Dama das

Camélias" e "Cinco Estações", ambos com coreografia de Mehmet Balkan. Em Dezembro deste ano, no Teatro Camões, a CNB inaugura uma nova produção do clássico "O Quebra-Nozes", com coreografia de Mehmet Balkan.

Para 2004, Porto e Viana do Castelo - em Janeiro - e Bragança e Vila Real - em Julho - deverão receber "Pedro e Inês". Em Abril, Maio e Junho, a CNB seguirá para Aveiro, Coimbra, Évora, Serpa e Lagos. De registar ainda a apresentação de "Sonho de uma noite de Verão", em Santa Maria da Feira, em inícios de Julho. De 26 de Março a 4 de Abril, destacam-se "Without Words" de Nacho Duato e "Kammerballett" de Hans van Manen, a par com uma coreografia de Renato Zanella, ainda a anunciar. A 1 de Maio, a CNB apresenta a Gala Internacional de Bailado. Por fim, de salientar, também, o programa "Parabéns Mr.B", que se prende com a comemoração do centenário do nascimento de George Balanchine. Este, a ter lugar no Dia Mundial da Dança (29 de Abril), inclui três bailados de Balanchine, nomeadamente, "Serenade", "Apollo" e "Who Cares?".



"TrabalhoWork", nova exposição do Centro de Artes Visuais/Encontros de Fotografia, abre portas ao público no sábado

CAV inaugura quinta exposição

Uma reflexão pela história do trabalho é a mais recente sugestão do Centro de Artes Visuais/Encontros de Fotografia

Sofia Carvalho
Sónia Nunes

O Centro de Artes Visuais/Encontros de Fotografia (CAV) apresenta "TrabalhoWork", uma exposição sobre o trabalho no mundo contemporâneo. A iniciativa reúne peças fotográficas e de vídeo, de artistas

portugueses, e é patrocinada pelo Ministério da Segurança Social e do Trabalho. A inauguração está marcada para o próximo sábado e marca o início da temporada 2003/2004.

"TrabalhoWork" pretende mostrar a contemporaneidade e, através do olhar de cada artista, sugerir uma aproximação à actualidade. Miguel Amado, um dos comissários da exposição, revela a intenção de "conceber uma exposição que não estivesse muito ancorada no passado, mas que reflectisse os nossos dias". Sublinha ainda a vontade de reunir elementos mais convencionais, associados à produção industrial, e de "introduzir uma vertente que reflectisse o traba-

lho dos serviços e da economia imaterial". Daí as propostas de Filipa César, que recria o Banco Espírito Santo como "um mercado de acções, onde não se vê dinheiro", ou de Nuno Ribeiro, com um filme a partir de uma cirurgia nos Hospitais da Universidade de Coimbra.

A exposição procura traçar uma panorâmica das actividades laborais, respectivos contextos e protagonistas, que melhor caracterizam o país. Para tal, reúne projectos de nove criadores portugueses, que "foram desenvolvidos especificamente para a exposição e para o CAV", afirma o co-comissário. Miguel Amado diz ainda que a selecção dos artistas foi

feita com base em critérios de ordem estética e ética: "Procurámos artistas que respondessem às necessidades de uma exposição temática e colectiva e que explorassem outras linguagens para além da fotografia". Hugo Canoilas é um dos nomes apontados neste sentido pelo "trabalho mais pictórico e escultórico". Inês Gonçalves, conhecida fotógrafa lisboeta, também apresentará um portfólio sobre a Lisnave (empresa de reparação naval).

Por outro lado, tentou-se estabelecer um equilíbrio entre nomes mais ou menos conhecidos. Alguns dos trabalhos expostos pertencem a autores "do CAV", expressão utilizada por Miguel Amado para designar artistas que "já colaboraram com a instituição ou com encontros de fotografia em ocasiões passadas": Augusto Brázio (exposição inaugural do CAV - "Coimbra") e Daniel Malhão ("Encontros de Fotografia 2000", realizados no Edifício das Caldeiras), são os exemplos dados pelo co-comissário.

Albano Silva Pereira, director do CAV e também comissário da exposição, considera "TrabalhoWork" uma "produção da mais alta qualidade - com obras exclusivas para o CAV - que custa cerca de 200 mil euros". O director fala ainda de um livro a ser distribuído pelo público durante o evento e aponta para os 90 mil exemplares. A política de encomenda, explica, tem como fim estabelecer um património e aumentar a colecção da instituição.

Nas palavras de Miguel Amado "as aquisições inserem-se num acervo que tem vindo a ser constituído desde a década de 80. Estes trabalhos vão pertencer ao CAV, aos Encontros de Fotografia, no fundo, à cidade".

Prémio de arquitectura "Diogo Castilho"

No passado dia 14 de Outubro, o projecto "Centro de Artes Visuais", da autoria de João Mendes Ribeiro, recebeu o Prémio Municipal de Arquitectura "Diogo Castilho". A primeira edição do prémio cifra os 7500 euros e teve lugar no pavilhão Centro de Portugal. A iniciativa é da responsabilidade da Câmara Municipal de Coimbra e insere-se na programação da Coimbra Capital Nacional da Cultura 2003.

Albano Silva Pereira, que inicialmente propôs a criação de um edifício de raiz, sublinha agora a dimensão do projecto de João Mendes Ribeiro: "A pretexto da instalação dos Encontros de Fotografia, desenvolveu-se um projecto de recuperação e requalificação do Pátio da Inquisição e da Cerca de S. Bernardo, com um arquitecto da mais alta qualidade". O director do CAV diz-se ainda "felicíssimo" visto que de um "espaço que era restrito, um estacionamento camarário, fez-se um Centro de Artes Visuais".

O júri - Carlos Encarnação, presidente da Câmara de Coimbra, Vasco da Cunha, presidente do Núcleo dos Arquitectos da Região de Coimbra, José António Bandeirinha, representante da Assembleia Municipal, Santiago Faria, técnico da autarquia e Pedro Maurício, membro do departamento da arquitectura da Universidade de Coimbra - atribuiu ainda três menções honrosas.

Galeria comemora oito meses de existência

Com oito meses de existência, o Centro de Artes Visuais/Encontros de Fotografia organizou quatro exposições. "TrabalhoWork" finaliza esta primeira temporada. Miguel Amado analisa a actividade da instituição: "As exposições têm cada vez maior projecção nacional e trazem a Coimbra a oportunidade única de acesso a determinados artistas." Fazendo um balanço dos painéis apresentados - "Coimbra", "Sem Limites", "Gabriel Orozco" e "Dia di Bai" - destaca o primeiro, pela afluência e divulgação mediática, e a exposição do fotógrafo mexicano pelo relevo que deu ao CAV.

"Foi um parto tardio, foram mais de 17 anos para conseguir ter instalações para os Encontros de Fotografia - um tempo que acabou felizmente a 14 de Fevereiro", refere Albano Silva Pereira a propósito da criação da instituição. "Coimbra" foi a exposição que inaugurou o edifício. Porém, o director confessa que gostava de o ter feito com "uma exposição com trabalhos dos miúdos da escola, mas só agora é que o projecto está em desenvolvimento". Foram dadas máquinas descartáveis a alguns alunos e o material está a ser escolhido para integrar uma nova exposição. Com esta ideia pretende-se "estimular a relação com a imagem e criar um novo público para o CAV", evitando "a formação de uma elite cultural", explica Albano Silva

Pereira.

Os "Encontros de Fotografia" nascem a partir do Centro de Estudos de Fotografia da Associação Académica de Coimbra (CEF) na década de 80. Hoje, segundo o director do CAV, são da responsabilidade desta instituição. "Houve um estrangulamento logístico do CEF. Era evidente uma situação de ruptura", explica Albano Pereira. Com a instalação dos "Encontros de Fotografia" no Pátio da Inquisição, o fotógrafo garante a programação para o CAV até 2005 e explica que o "sucesso da implementação de uma agenda passa por regras rigorosas e por um protocolo financeiro". Acrescenta ainda que a qualidade do CAV não se resume à programação: "Para mim é fundamental limpeza, segurança, profissionalismo e respeito pelo público. É esta a minha filosofia e a minha atitude".

Albano Silva Pereira considera-se um produtor de cultura mas confessa ter tido problemas: "O CAV e os 'Encontros de Fotografia' só se realizam porque eu assumi riscos e responsabilidades. Quem avaliza os empréstimos bancários sou eu!". Em jeito de conclusão e com tom irónico remata: "Dizem que o meu Jaguar foi comprado com os dinheiros dos Encontros. Mas eu não tenho direito a receber honorários, como o director de Serralves?".



O filme mudo "Os crimes de Diogo Alves" vai ganhar voz através dos actores da companhia de teatro Camaleão

Primeiros filmes nacionais

O primeiro português a "filmar" foi um fotógrafo amador da cidade do Porto, chamado Aurélio da Paz dos Reis, nos finais do século XIX. O equipamento que utilizava era uma máquina de manivelar produzida pelos irmãos Lumière, e o primeiro registo a ser exibido foi "A Saída do Pessoal Operário da Fábrica Confiança", em 1896.

A partir de então, as imagens animadas serviram como documentários, nomeadamente para testemunhar os acontecimentos da realeza e as cerimónias oficiais. No geral, os filmes eram exibidos em intervalos de peças de teatro, em feiras e outros espectáculos como forma de atrair o público para esta arte ainda em desenvolvimento.

A ficção começou a ser produzida em Portugal apenas em 1911, altura em que João Tavares realizou "Os Crimes de Diogo Alves", que inaugurou a venda de bilhetes no território nacional e vai estar em cartaz no ciclo "Animatógrafo de Coimbra". No entanto, a indústria do cinema mudo teve início efectivamente em 1918, com a fundação da Invicta Film, no Porto. Utilizava-se frequentemente a técnica das fitas faladas e o acompanhamento musical para cativar as pessoas.

Durante os anos 20, a produtora foi a responsável por filmes adaptados da literatura portuguesa, como "Amor de Perdição" (1921) e "O Primo Basílio" (1922). Para além disso, foram realizadas diversas ficções, como "Os Lobos" (1923) e "José do Telhado" (1929), ambos de Rino Lupo, e "O Táxi 9297" (1927), de Reinaldo Ferreira, que também será exibido no festival.

A chegada do cinema sonoro determinou o fim dos filmes mudos em Portugal, no início dos anos 30. As últimas produções de maior destaque foram "Lisboa, Crónica Anedótica" e "Maria do Mar", de Leitão de Barros, e "A Dança dos Paroxismos", de Jorge Brum do Canto. Estes dois últimos integram a programação do "Animatógrafo de Coimbra".

Cinema mudo dá que falar

Apresentar os passos pioneiros do cinema português em sessões acompanhadas de música ao vivo é a intenção do "Animatógrafo de Coimbra", um ciclo de filmes mudos que decorre de 28 a 31 de Outubro, no TAGV

**Bruno Fernandes
Bruno Vicente**

Ao todo, vão ser quatro noites de homenagem ao cinema mudo feito nas primeiras décadas do século passado, em Portugal. Pretende-se levar este tipo de obra ao grande público, que dificilmente tem acesso aos registos do passado, em especial no grande ecrã.

A iniciativa procura destacar alguns dos realizadores e filmes com um papel importante na evolução e na história do cinema nacional, relacionando-os com a música. Assim, durante a projecção dos filmes, ocorrerá um acompanhamento musical ao vivo, como forma de reviver o ambiente da época e atrair as pessoas.

Para o programador do evento, Gonçalo Barros, "espera-se que haja uma mistura de público". O cinema mudo "poderá apontar para os saudosistas, enquanto a música para o pessoal mais novo. Será um

público que tem vontade de ver coisas diferentes", explica.

O festival também vai apresentar uma técnica rara, denominada "fitas faladas", que consiste num grupo de pessoas posicionadas atrás do ecrã, que criam sons, através de diálogos e efeitos sonoros. Este processo será realizado pela primeira vez em Portugal e vai ocorrer durante a projecção do filme "Os Crimes de Diogo Alves", de João Tavares. A película retrata as façanhas de um famoso delinquente lisboeta, entre 1836 e 1839. No decorrer da sessão, os actores vão apresentar diálogos interpretados com base num guião livremente adaptado e "a expectativa é grande, porque é uma experiência única", explica o programador.

No cartaz, encontram-se dois filmes de Reinaldo Ferreira, "O Táxi 9297" e "Rita ou Rito?", ambos de 1927, com o acompanhamento musical de Paulo Furtado (The Legendary Tiger Man) e de Luís Pedro Madeira (Belle Chase Hotel), respectivamente. Estarão ainda na programação "Maria do Mar" (1930), de Leitão de Barros, "A Dança dos Paroxismos" (1929), de Jorge Brum do Canto, e "A Fonte dos Amores" (1924), do francês Roger Lion. Este último é o único filme realizado por um estrangeiro a ser exibido no festival e tem a particularidade de ter sido filmado em Coimbra, na década de 20 do século passado. A história gira em torno de uma actriz francesa em visita a Coimbra e que perturba a relação entre um estudante e a sua noiva.

Para além disso, no primeiro dia do evento, terá lugar um debate intitulado "Conversas Sobre Música: Acompanhamento Musical para Filmes Mudos", no Café-Teatro do Teatro Académico de Gil Vicente, às 18 horas. O encontro vai contar com a participação do animador da Rádio Universidade de Coimbra, José Braga, e dos músicos Paulo Furtado, Luís Pedro Madeira e Pau-

lo Soares, que vão explicar quais foram as opções tomadas para elaborar as partituras. "A ideia é que haja uma interactividade com o público", afirma Gonçalo Barros.

O ciclo de filmes é co-organizado pela Fila K Cineclube de Coimbra, Cinemateca Portuguesa, Arquivo Nacional de Imagens em Movimento e pela Coimbra Capital Nacional da Cultura 2003.

Gonçalo Barros na primeira pessoa



O programador do "Animatógrafo de Coimbra", Gonçalo Barros, fala do projecto que pretende desafiar o público e os artistas da cidade. Para o cinéfilo, a principal particularidade da iniciativa está não nos filmes, mas no desafio colocado aos músicos

Como surgiu a ideia deste ciclo de filmes?

É a primeira vez que acontece algo do género em Coimbra e parece um risco, porque para além dos filmes serem portugueses, são mudos. Mas espero que este lado diferente atraia as pessoas. O projecto consistiu sobretudo em desafiar os músicos de Coimbra, que elaboraram um trabalho que não estão habituados a fazer. É uma iniciativa que prova que, se derem oportunidades aos artistas locais, eles não precisam de sair.

Quais os critérios para a escolha dos artistas?

O primeiro era serem de Coimbra. A excepção é o Bernardo Sassetti. O Paulo Soares, por exemplo, é um dos grandes guitarristas de Coimbra e o objectivo era cruzar o cinema mudo com a guitarra portuguesa. O Luís Pedro Madeira é o único que vai compor originalmente. Portanto, a ideia era também atrair o público em função dos artistas. Este é também um desafio ao público.

E para a escolha dos filmes?

Foram causas diferentes e dependiam da disponibilidade da Cinemateca [Portuguesa]. "A Fonte dos Amores" foi rodado em Coimbra. Era importante ter um filme com ilustrações da cidade, porque Coimbra é muito pobre ao nível do registo das imagens históricas. Já os dois filmes do Reinaldo Ferreira foram escolhidos porque ele foi uma personalidade única em Portugal nos anos 20: foi jornalista e escritor revolucionário, bem como realizador. É uma homenagem pela irreverência dele.

Quais foram as maiores dificuldades?

Foram em termos pessoais, ou seja, estar só a fazer isto, apesar de sermos um cineclube. É um projecto de um ano e de muita paciência para coordenar várias coisas.

Porquê Coimbra?

Porque sou de Coimbra e também porque surgiu esta oportunidade no âmbito da programação da capital nacional da cultura.

O facto do ciclo começar no dia do cortejo da Lata não será um entrave?

Não. As pessoas que vão para a festa querem outra coisa. Até pode ser vantajoso. Se calhar, de mil que estejam na rua, trinta podem pensar ir ver um filme antes de ir para os concertos.

Lilástico apanha o comboio em “Coimbra B”

Uma jovem companhia de teatro parte de uma estação ferroviária para uma reflexão sobre a vida de uma cidade habituada a olhar para o passado

Sandra Dias

Jacinto Lucas Pires, Catarina Requeijo e Hugo Torres encontram-se em Coimbra desde Setembro a preparar o mais recente trabalho da Companhia .Lilástico: “Coimbra B”. O espectáculo, com estreia marcada para as 22 horas do próxi-

mo dia 30 no Museu dos Transportes (com repetição nos dias 31 de Outubro e 1 de Novembro) concretiza exercícios teatrais que se projectam em ambiente real, como é o caso da estação de comboios.

Centrado numa concepção de projecto teatral que se baseia nas capacidades criativas dos actores (e que há muito vêm caracterizando o trabalho desta companhia), este é um painel que pretende, como adiantam os responsáveis, “olhar a cidade de uma das suas margens, nos gestos dos seus habitantes, nos espaços dos lugares concretos. Não a cidade das canções, da tradição, das lendas, mas sim a cidade presente, tal como existe hoje”.

Segundo a produção, as ideias de espectáculo e de guião existem,

mas o texto acontece no palco, no desempenho dos actores. É a partir desse mesmo desempenho e dos contributos da cenografia, dos figurinos e do próprio encenador, Marcos Barbosa, que o texto ganha forma. Todos juntos vão, aos poucos, montando aquele que é o espectáculo final.

“Coimbra B” parte assim dum processo de criação que encara a peça de teatro como algo simples, experimental, diferente. Pensa-se o espectáculo a partir dum lugar real, a estação de Coimbra B, e de pessoas reais (aqui no corpo de duas personagens: um homem e uma mulher). Um simples pedido de lume é utilizado para desenvolver palavras, gestos e silêncios que desembocam numa reflexão sobre o mundo.

A estação dos comboios é um espaço particular da cidade: secreto, vazio, intenso, repleto de cicatrizes humanas. É como que um espaço simbólico, onde se chega e se parte ou simplesmente se espera, podendo portanto funcionar como espelho dessa estranheza sumptuosa a que a companhia chama de “estranheza do mundo de hoje, a estranheza nas relações entre as pessoas, a estranheza da língua que usamos todos os dias, a verdade de sempre”.

O ponto de partida é assim a apresentação desse microcosmo cha-



“Coimbra B”, um texto de Jacinto Lucas Pires

mado Coimbra B (no qual se descortina uma outra cidade que não a lendária). O ponto de chegada é tão simplesmente a realidade. Entre os dois pontos, teatraliza-se. Mas a

ficção é apenas o método, como o confirma a companhia: “A partir da cidade real, das pessoas reais, queríamos uma peça em que a ficção nunca mentisse”.

Experimentalismo teatral

A Companhia .Lilástico existe há três anos. Em 2000, estreou “Variações Sobre os Patos”, de David Mamet, no Convento de S. Vicente de Fora. Em 2001, montou o espectáculo “Escrever, Falar”, seguindo-se, em 2002, a peça “No Fundo, no Fundo”. Ambas os textos que estiveram na origem da peça são da autoria de Jacinto Lucas Pires, o mesmo autor de “Coimbra B”. Segundo a companhia, o espectáculo que irá ser apresentado no próximo dia 30, no Museu dos Transportes inscreve-se no âmbito experimental que dá continuidade a estes dois projectos. De facto, em “Escrever, Falar” existem também duas personagens que falam do tudo e do nada, e em cujo diálogo se vão revelando as pormenores da existência humana, como a morte, o amor, o medo e a esperança. Antes de vir a Coimbra, a Companhia .Lilástico esteve no Porto com o espectáculo “Os Dias de Hoje”, texto também ele com a assinatura de Jacinto Lucas Pires.

De Nova Iorque a Tianamen

Aproximar Oriente e Ocidente é o grande objectivo do colóquio que começa no dia 29 de Outubro em Coimbra. Maria de Lourdes Pintasilgo e Adriano Moreira são apenas alguns dos nomes que vão falar sobre a importância do diálogo entre civilizações

João Vasco

De 29 a 31 de Outubro de 2003 realiza-se no Auditório da Reitoria da Universidade de Coimbra o colóquio “Ocidente, Oriente. Diálogo de Civilizações”. O simpósio tem, no entanto, ante-estreia marcada para a noite do dia 27, no Teatro Académico de Gil Vicente, com a apresentação do filme “Os Olhos da Ásia”, da autoria de João Mário Grilo.

A abertura de “Ocidente, Oriente. Diálogo de Civilizações” vai contar com a música do Orfeon Académico de Coimbra e com uma conferência sobre o reencontro entre oriente e ocidente, que estará a cargo de Gérard Dédyan. A primeira mesa-redonda, a ter lugar na tarde do dia 29, tem como tema “Olhares sobre o Oriente: da Índia à China e ao Japão” e conta com a presença de nomes como Paulo Varela Gomes, professor da Universidade de Coimbra e Carlos João Correia, professor da Universidade de Lisboa.

No dia seguinte prosseguem os debates, com destaque para “O diálogo inter-religioso: Cristianismo, Islamismo e Judaísmo”, palestra que junta três nomes importantes de outros tantos cultos religiosos: Frei Bento Domin-

gues (teólogo Dominicano), Faranaz Keshavjee (professora da Universidade Nova de Lisboa) e Joshua Ruhá (membro da comunidade israelita de Lisboa).

Mas é para as 9h30 do dia 31 que está agendado o debate mais aguardado da iniciativa. Intitulado “O diálogo Ocidente-Oriente nas relações internacionais do século XXI”, esta mesa-redonda terá como oradores Adriano Moreira (professor emérito da Universidade Técnica de Lisboa), José Alberto Azeredo Lopes (professor da Universidade Católica Portuguesa), Maria de Lourdes Pintasilgo (ex-primeiro Ministro de Portugal) e Pedro Pezarat Correia (Tenente-General, professor da Universidade de Coimbra).

Para Gouveia Monteiro, pró-reitor para a Cultura da Universidade de Coimbra, este colóquio pretende “olhar o oriente para tentar compreender melhor os problemas do mundo contemporâneo”. O organizador salienta que “difícilmente se pode compreender e ser tolerante relativamente a algo que ignoramos, ou que conhecemos através de representações distorcidas e muito parciais”. Gouveia Monteiro realça a importância do diálogo de civilizações nos dias que correm, nomeadamente, depois do 11 de Setembro e da guerra no Iraque. Daí que “esta seja mais uma oportunidade para aproximar as diferentes culturas”. O pró-reitor deixa ainda uma reflexão final: “Na Universidade de Coimbra não há nenhuma área de formação ao nível de estudos orientais. Gostava que este colóquio fosse uma semente para que essa lacuna fosse preenchida”.

A iniciativa conta ainda com duas exposições, “Na dobra da Manga”, uma colecção de M. Teixeira Gomes, e “Cavalos de papel e encantos de pessegueiro”, uma xilogravura chinesa, no Museu Nacional de Machado de Castro. A entrada é livre em todos os eventos.

PUBLICIDADE

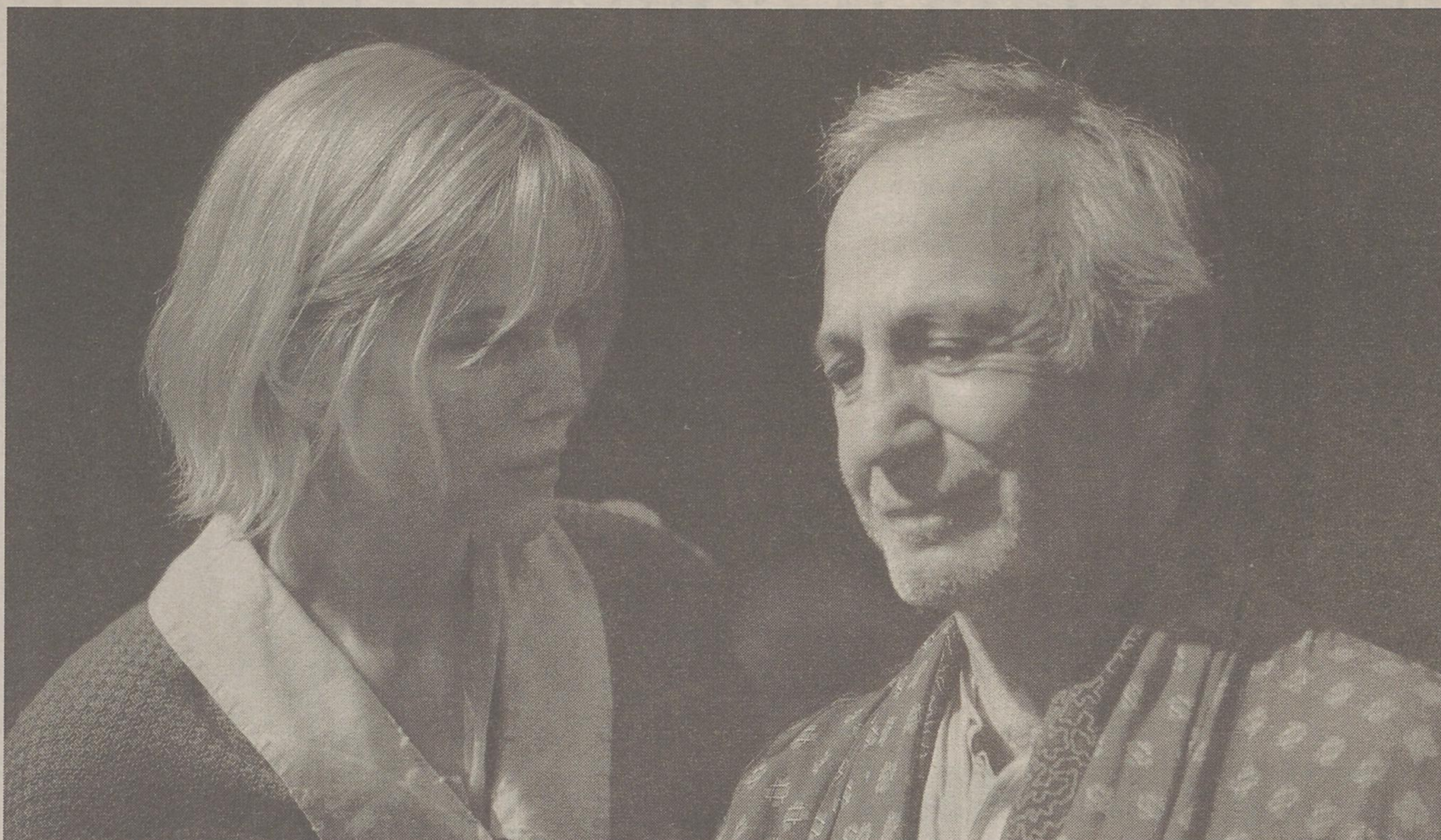
UM PORTAL PARA QUEM É DOUTOR, QUER SER DOUTOR, CONHECE UM DOUTOR, OU AINDA TEM UMA VAGA ESPERANÇA DE PASSAR A ÁLGEBRA LINEAR III.

www.cup.cgd.pt.
O portal dos universitários

Caixa Geral de Depósitos
Um Banco de verdade.

Chegou o portal de todos os universitários. Em www.cup.cgd.pt encontra facilmente o que precisa para dar outra vida à sua vida académica: agenda pessoal, chats, programas de curriculum, informação sobre cursos, comunidades académicas, bolsas de estudo e programas de intercâmbio, notícias e classificados, enfim, uma enorme quantidade de informação. O www.cup.cgd.pt tem até uma secção de informações financeiras, e um serviço de internet banking da Caixa Geral de Depósitos. E é tão fácil de consultar, que nem precisa de ter a licenciatura.

Vê-se...



Lars Von Trier

Dogville

Com Nicole Kidman, Harriet Andersson e Lauren Bacal. 177 minutos, M/16, Drama/Thriller

8/10

Avassalador

É difícil escrever sobre "Dogville" sem referir o tipo de cenário utilizado na concepção do filme, de forma a não estragar a intensa sensação de surpresa e de choque gerada em cada espectador logo no princípio da história, essencialmente contada através de "voz-off" (como um narrador de uma peça de teatro e a sua voz sempre serena e neutral). Mas é imperativo que o espectador não saiba de antemão o que o espera, que embarque bravamente numa aventura dos sentidos e das ideias, que se deixe levar pela fervilhante corrente de pensamentos que decerto o vai trespassar ao longo do filme. Porque só quem não está vivo é que não sente a força deste filme, o que ele representa, o que ele denuncia, a violenta estalada de realidade que desfero no nosso rosto culpado e rancoroso, onde germinam os mais vis sentimentos de maldade e vingança inerentes à própria condição humana, parcialmente selvática e incontrolável. Reciprocamente, este filme só pode gerar indiferença a pessoas mortas ou totalmente adormecidas do real.

A mais recente obra do dinamarquês Lars Von Trier (autor de filmes como "Os idiotas" ou "Ondas de paixão") volta a questionar fortemente os limites do carácter humano, explorando os mais recônditos sentimentos e expondo todas as fraquezas escondidas e continuamente negadas perante quem nos é mais próximo. É esta coragem de mostrar o que ninguém quer ver, o que todos procuram ignorar, desprezar ou esconder, que

provoca um choque frontal nas mentalidades mais conservadoras. Como tal, a rejeição deste filme é matematicamente proporcional ao cinismo de cada indivíduo e à sua alienação do real através de subterfúgios ilusórios que o afastam da verdade. E é precisamente nesta equação que surge a grande contradição de "Dogville" enquanto criação cinematográfica. Sendo o cinema a recriação artificial das sombras da célebre caverna de Platão, qual a sua legitimidade para reprovar esse mesmo jogo de luz e sombra que deturpa a interpretação da realidade inerente a cada indivíduo?

Tal como fizera com Björk em "Dancer in the dark", Lars Von Trier explorou ao máximo a capacidade interpretativa da protagonista do seu filme, desta feita Nicole Kidman (em brilhante actuação!). Não tão polémicas como no primeiro caso, as relações entre o realizador e a actriz voltaram a não ser as melhores. É sabido que o dinamarquês exige demasiado dos seus actores e da sua equipa, que tem uma personalidade muito marcada, que não é fácil lidar pessoalmente com ele, e voltaram a surgir profundas divergências ao longo da rodagem do filme, o primeiro de uma trilogia que Lars Von Trier pretende dedicar aos Estados Unidos da América. Embora nunca lá tenha estado (é público que tem pavor de voar de avião!), o cineasta conseguiu o que poucos conseguem: recriar uma imagem muito própria da mítica e enigmática "América profunda". Talvez uma analogia moderna do que conseguiu o alemão Wim Wenders com o subliminar "Paris, Texas". **Gustavo Sampaio**

Em negativo...



Abílio Hernandez, presidente da Coimbra Capital Nacional da Cultura 2003

Último filme que viu - Neste momento ando a rever filmes. "A Alemanha - ano zero" de Roberto Rossellini. É um filme fundamental do neo-realismo italiano que retrata a Alemanha após a segunda guerra mundial.

Um realizador actual - David Lynch

Um realizador do passado - Alfred Hitchcock

O casal mais perfeito de sempre no ecrã - Lauren Bacall e Humphrey Bogart.

O beijo mais famoso - "The kiss", de Thomas Edison

Um filme português - "Os Ossos", de Pedro Costa

Um sinónimo para cinema - a síntese de todas as artes

Navega-se...

Pensadores, espiritualidades e (des)informação

Pensamentos electrónicos

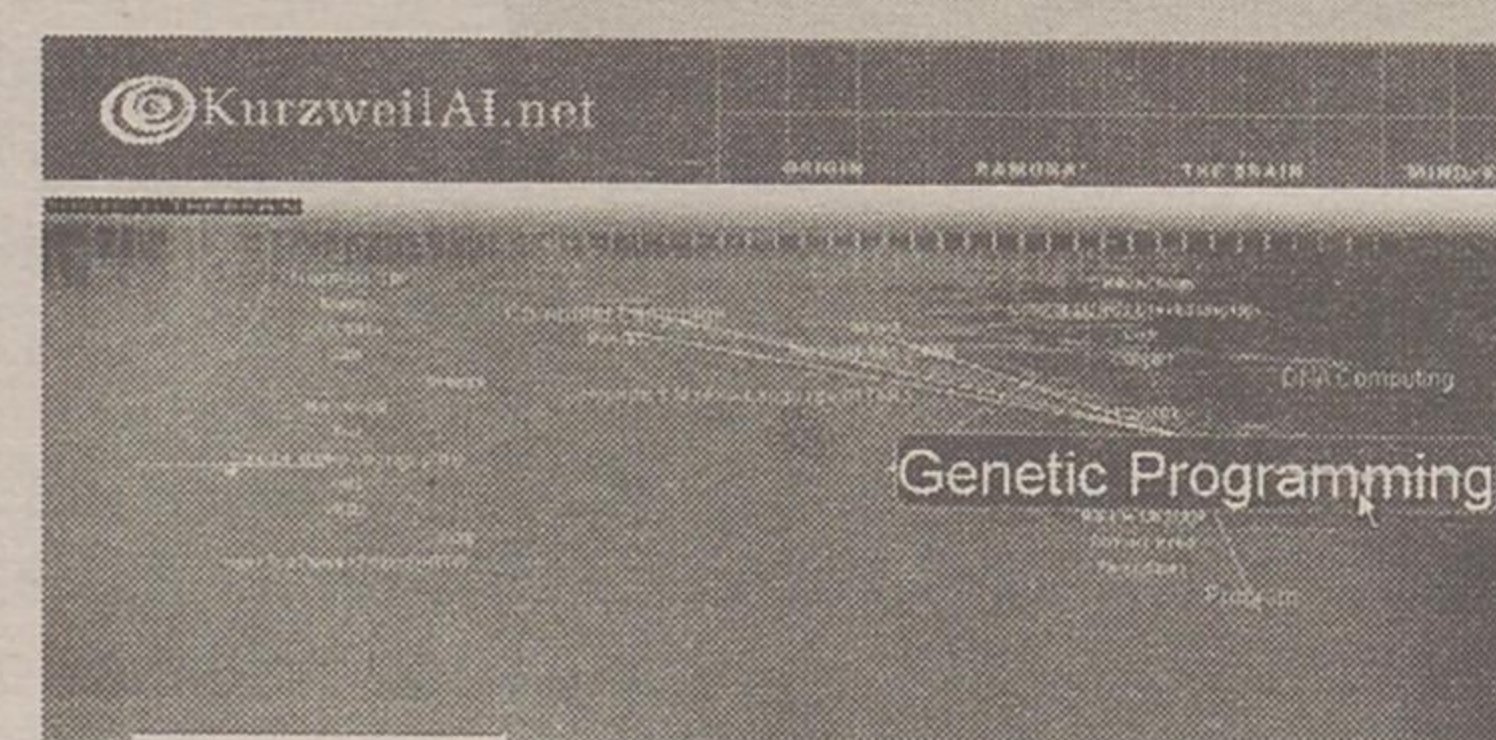
Neste sítio, Ray Kurzweil tenta juntar artigos de alguns pensadores da actualidade para examinar as revoluções culturais e científicas que acontecem nos dias de hoje. O sítio está dividido em quatro partes: Origin, Ramona, The Brain e Mind-X. Este último é um fórum para todos os visitantes. Ramona é o nome de um avatar com quem se pode conversar na Internet. Ela é uma "chatterbox" (robot de conversa) com um cérebro (que pode ser analisado na secção The Brain). As conversas com a Ramona demonstram que ainda estamos longe de conseguir criar uma inteligência artificial credível, mas no entanto já é possível ter uma conversa com sentido (desde que simples). Finalmente a secção Origin é o início de tudo, é a página inicial e dá acesso também à lista de "big thinkers" que partilham os seus conhecimentos com o sítio.

<http://www.kurzweilai.net>

Misticidades

Gosta de fazer introspecções espirituais? Então este é o sítio indicado para visitar. O Facade existe desde 1993 e providencia leituras (electrónicas) gratuitas de Tarot, Runas, I-Ching, Bioritmos e Numerologia entre outros. Um sítio simples, com um menu no topo que acompanha todas as páginas que o constituem. Deste modo é sempre fácil mudar a leitura que se está a fazer caso não esteja a gostar do resultado. Uma das secções são exemplos de leituras feitas a pessoas famosas, tais como Adam Sandler, Abraham Lincoln, Pol Pot e Roman Polanski entre outros.

<http://www.facade.com>



Hypertext Markup Language (HTML)

The language used to create World Wide Web pages, consisting of elements that tell a browser how to interpret text.

Articles on KurzweilAI.net that refer to Hypertext Markup Language (HTML)

Language Hierarchy by Robert A. Freitas Jr.
Not Your Father's Internet by Bill Gates
The Engines of Creation: Introduction to the Web Version by K. Eric Drexler
Artificial Intelligence in the 21st Century by David H. Stern

A Cebola

The Onion intitula-se como "a fonte noticiosa mais refinada da América" e é uma revista satírica que nasceu em 1988 em Madison nos EUA. A sua cara-metade na Internet serve como um portal de notícias e à primeira vista ninguém a consegue distinguir de outro qualquer portal noticioso. No entanto, aqui as notícias são inventadas mas sempre com uma pitada de realidade. Títulos como "Schwarzenegger eleito primeiro cavaleiro do Apocalipse" ou "Bush desapontado ao saber que o ministro dos negócios estrangeiros da China não sabe karate" são exemplos do humor feito nesta revista. Mas o site tem também uma outra cara (The Onion AV Club) que trata os assuntos noutro tom. Aqui encontram-se entrevistas, críticas literárias, de música, etc...

<http://www.theonion.com>

<http://www.theonionavclub.com>

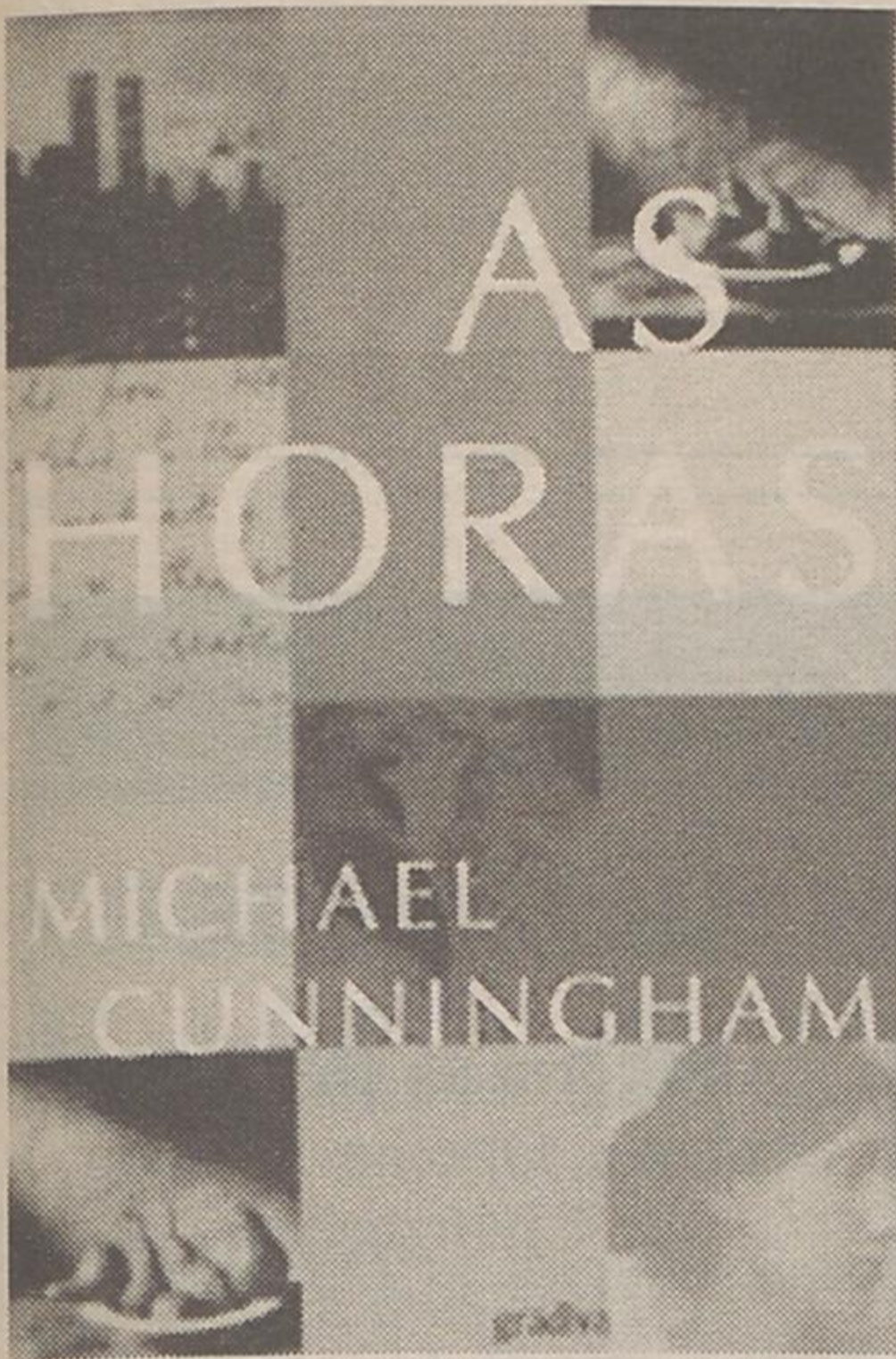
Informa o

The Onion

www.theonion.com

Nuno Curado

Lê-se...



Michael Cunningham

“As horas”

Editora Gradiva, 1999, 228 pp.

7/10

O universo feminino

Nos tempos medievos, surgiu o “Livro de Horas”, que mais não era que uma simplificação para leigos do breviário utilizado pelos padres de então. O “Livro de Horas”, para além de um calendário das festas religiosas, escalonava o dia em Salmos, sendo, por isso, cada momento do dia um voto de fé, perpetuando-se esse dia em anos, como uma linha de sentido que estava para além da própria vida quotidiana de cada um.

De modo diferente, “As Horas”, de Cunningham - um re-inventar do livro de Virginia Woolf com o mesmo nome que será substituído pelo título de “Mrs. Dalloway” - as vinte e quatro horas de um dia espraia-se para além do tempo cronológico para um tempo de sentido: a memória do passado, que sabemos imaterial, e um futuro que não se resigna a ser alimento para Cronos - o pai tempo que nos come - mina o presente, que se torna desconfortável.

É este desconforto, o desanixe que sentimos no papel que no presente nos propomos a representar, que une as três personagens d’ “As Horas”, elo esse correlato da personagem do livro “Mrs. Dalloway”: Virginia Woolf, que o escreve, Laura Brown, que o lê, e Clarissa Vaughan, que o personifica.

À semelhança de Virginia Woolf, Cunningham faz do retrato de um dia de cada personagem, num trabalho de “patchwork”, um romance que nos leva para o universo feminino de três mulheres de épocas diferentes, que no sentir são contemporâneas.

Se o travesti Amparo, em “Tudo sobre a minha mãe” de Almodovar, garante que somos mais perfeitos quanto mais nos aproximamos da ideia que queremos ser de nós, aqui, tal epíteto põe em fuga interior as personagens de uma vida que à força encarnam, sem coragem para os abandonar e insistindo para que eles funcionem. Clarissa Vaughan - Mrs. Dalloway actual - organiza uma festa para um amigo ex-amor, que morre com sida, revisitando o passado no percurso que faz para comprar flores, tentando-se convencer que o passado não passa disso mesmo; Laura Brown, esforça-se para criar um bolo perfeito de aniversário para o seu marido perfeito, na tentativa de concretizar uma perfeição existencial que não sente e a empurra para a leitura de “Mrs. Dalloway” numa ansiedade que a leva a manter-se incógnita durante uma hora num hotel; Virginia Woolf prepara um lanche para a irmã e sobrinhos e escreve o livro, numa tentativa de se agarrar a um mundo a que já sabe não pertencer.

“As Horas”, mais do que descrever os factos de um dia, mostra-nos o universo feminino nas suas idiossincrasias e paradoxos, em segundos em que se evoluem tantos anos, como nos diria David Mourão-Ferreira, numa leitura simples mas densa e enriquecida pela óbvia influência de Virginia Woolf. **Andreia Ferreira**

Desenha-se...



Pedro Pires

“Anjos e outras armadilhas”

Devir, 2002.

9/10

Melodia orgânica

“Quando comecei a escrever este conto, eu pretendia, acima de tudo, relatar uma história sobre alguém que tinha na música a sua única e grande paixão. Assim, em jeito de fábula, comecei a idealizar essa melodia orgânica como algo transcendente, algo místico, mas também algo negro e visceral. (...) E assim, um pouco acidentalmente, Anjos e Outras Armadilhas acabou por ser uma única história constituída por um trio de contos aparentemente isolados.” É deste modo que Pedro Pires, autor relativamente recente no panorama bedéfilo nacional, introduz aos seus leitores esta obra utópica acerca de anjos e demónios, música, seres orgânicos, luz e sombra, vida e morte.

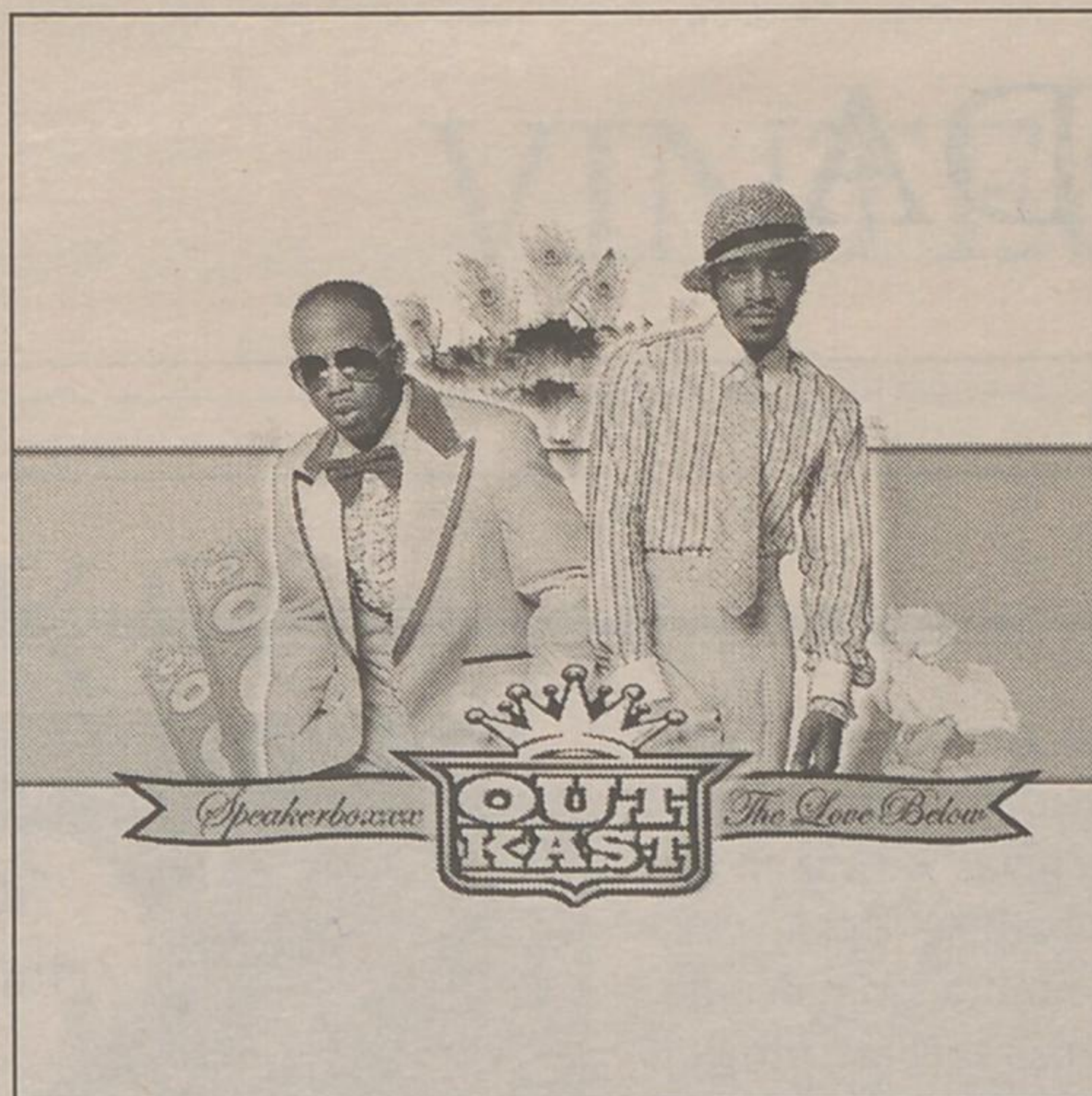
O autor não só realizou o argumento e os desenhos, como também produziu a capa e to-

do o processo gráfico necessário à conclusão da obra.

A história divide-se em três partes, num esquema evolutivo de nascimento/vida/morte, mas que se distinguem sobretudo pelo tratamento ilustrativo dado a cada uma delas. Assim, enquanto que a primeira parte é totalmente feita à mão, onde as figuras e os cenários vão surgindo definidos por manchas de aguarelas, a segunda, ainda que tenha recebido um tratamento semelhante ao da primeira, apresenta já alguns efeitos criados digitalmente. Esta segunda parte serve de transição para a terceira, quase totalmente feita em computador.

“Anjos e Outras Armadilhas” surge-nos assim como um livro cativante graças à sua combinação de imagens oníricas e narrativa em tons de poesia, o que o torna uma obra-prima da BD portuguesa. **José Miguel Pereira**

Ouve-se...



Outkast

“Speakerboxxx/The love bellow”

Arista - BMG, 2003.

9/10

Hip hop & rock’n’jazz’n’qualquer coisa que lá fique bem...

São raros os exemplos de projectos que normalmente alcançam a cada disco maior sucesso comercial e que conseguem ainda assim evoluir e continuar a receber rasgados elogios da imprensa especializada. Os Outkast são, definitivamente, um fenómeno.

O segredo (se é que o há) baseia-se na criatividade, no assumir o hip hop como base de trabalho mas não esquecer o rap, o soul, o funk, o rock e o jazz; e, por outro lado, o hip hop não tem que ser agressivo e que se prender constantemente com questões sociais e políticas. A dupla Dre e Big Boy colocaram o hip hop de Atlanta no mapa musical do tio Sam e conseguiram o longo dos últimos cinco discos vários primeiros lugares no top por esse mundo fora.

Confesso que nem sou um grande admirador de hip hop, mas se discos como “Handsomeness” ou “Gorillaz”, tal como composições de Prince Paul, Kid Koala, Blackalicious ou até Missy Elliot me deixam bem impressionado, este “Speakerboxxx/The Love Below” rapidamente se assume como o melhor registo dos Outkast (se bem que não passa de dois discos a solo na mesma embalagem).

Antwan Patton (Big Boy), ao longo de “Speakerboxxx” explora os mais variados ritmos do hip hop numa toada tão ecléctica quanto frenética e psicadélica. Ao mesmo tempo que assalta o mercado norte-americano, surpreende os mais distraídos que nunca lhe tinham reconhecido grande valor enquanto músico.

Andre Benjamin (Dre) ainda chega mais longe e faz um disco, “The Love Below”, que tanto vai ao pop, como ao jazz, à soul e à spoken word, assume-se como crooner e cantautor D. Juan a quem a inspiração (divina) não tem faltado. “Hey Ya!” é um dos singles do ano e só pode ser nomeado a prémio de melhor video do ano.

Não faltam sequer colaborações de peso como Kelis ou Norah Jones.

Sempre funcionaram como duo e agora resolvem cada um fazer 20 músicas e juntar os dois discos a preço de um só (como se se tratasse do resultado de uma aposta)... Os fans agradecem e a indústria musical também.

Constatando que os discos superaram todas as expectativas, fica o véu por levantar acerca da transposição para palco onde os Outkast têm um estatuto quase imbatível em relação a todo o movimento hip hop. **Hugo Ferreira**



Animal Collective

“Spirit They’ve Gone, Spirit They’ve Vanished/Danse Manatee”

Fat Cat, 2003.

10/10

Tempestade de sensações

Animal Collective é actualmente composto por Avey Tare (Dave Portner), Panda Bear (Noah Lennox), Conrad Deakin (Josh Dibb) e Geologist (Brian Weitz). Para muitos - como eu próprio - o primeiro contacto com o grupo terá apenas surgido através da sua participação no álbum Invoke (2002) de Arto Lindsay onde, com um único tema, “In the city that reads”, combinavam bonitas melodias vocais típicas de uns Beach Boys assombrados, filigranas ambientais, texturas psicadélicas, ruídos analógicos e a liberdade do free jazz, paradoxalmente ancorada num único ritmo primário. Lindsay sabe bem o que faz e, nas suas palavras e nas de muitos outros, este é um dos mais inventivos projectos que a actualidade tem para nos oferecer. Por isso os convidou.

Agora reeditados num único volume pela Fat Cat, Spirit They’ve Gone, Spirit They’ve Vanished e Danse Manatee são dois álbuns respectivamente de 2000 e 2001, lançados nos Estados Unidos em edições muito limitadas e com uma fraca distribuição. Graças à sua originalidade, ou graças à forma original como combinam um largo espectro de influências, têm vindo a conquistar os favores da crítica e o interesse de um número crescente de ouvintes. Finalmente estão disponíveis na Europa.

Spirit... é fruto da imaginação dupla de Avey Tare e Panda Bear. Uma viagem por um certo imaginário infantil, de fragilidade e violência, simultaneamente maravilhoso e monstruoso, inocente e retorcido como um filme de Tim Burton. Começa com uma lânguida voz planante, banhada por ondas de melodia e imersa numa tempestade electrostática e vai saltitando entre guitarras nervosas e ritmos livres, ganchos pop e explosões desesperadas, melodias simples e timbres que nos fazem regredir até ao berço, terminando com um épico sem título, procurando o fantasma da voz perdida durante a viagem ao interior da floresta negra.

Danse Manatee, além de Avey e Panda, conta também com a participação de Geologist mas resulta num álbum mais difuso. Mantém a mesma matriz de condimentos, a mesma amálgama sonora mutante, e provavelmente foi gravado na mesma casinha de chocolate, mas o seu sabor não é nem mais doce nem mais amargo, apenas ligeiramente mais pálido. Tem mais electrónica (que chega por vezes a lembrar Raymond Scott), mais vozes processadas - que não perdem o sentido da melodia nem a sensibilidade pop - e um bocadinho menos de nervoso miudinho. Em compensação, quando se despede, deixa cócegas no ar. **Rodrigo Paulino**

26 AGENDA

Em palco...

A morte de Danton e não só

"A morte de Danton"

Texto: Georg Büchner
Encenação: Paulo Cardoso
Local: TAGV
Dia 16 de Outubro, às 21h30
Peça com duas representações (16 e 17 de Outubro)

Paulo Castro continua a instalar a desordem nos palcos e nas consciências de quem vê os seus trabalhos. Desta vez, trouxe a Coimbra, ao palco do TAGV, o mais recente projecto, "A morte de Danton", um misto de conferência e performance, em que coloca em confronto duas marcantes figuras históricas da Revolução Francesa: Georges Jacques Danton e Robespierre.

A partir de textos de Georg Büchner "A morte de Danton" e "A missão" de Heiner Müller, Paulo Castro faz uma rábula da Revolução e das Revoluções de esquerda. "Quem faz a Revolução? Não somos nós que fazemos a Revolução mas a Revolução é que nos faz a nós" diz a determinado momento Danton. Para esta encenação, Paulo Castro, optou pela abertura total do espaço cénico, pondo a nu os recursos cenográficos e técnicos: são os actores que colocam a música, que operam a luz e que representam.

Parte do elenco vem de ou-



FRANCISCA MOREIRA

tras vertentes artísticas, como são os casos de Vera Mantero e da inglesa Jo Stone, que são mais conhecidas pela dança contemporânea, o que, no caso de Vera Mantero, foi claro. Denotou falhas na interpretação, optando mais pelo registo adolescente da irreverência do que pela séria e convicta exposição dos ideais revolucionários da personagem de Danton. Já Jo Stone, ao interpretar Robespierre, demonstrou segurança e credibilidade no dis-

curso que encarnava.

Foi um espectáculo que se pautou por algumas desistências de público, talvez pela densidade textual, talvez pela falta de hábito de ver uma conferência/performance que não esconde os podres e onde realmente se discute, tempestuosamente, duas facções políticas: a direita e a esquerda.

Qual delas a melhor? Talvez ... Caso para dizer: aux armes et caetera! **Hélder Wasterlain**

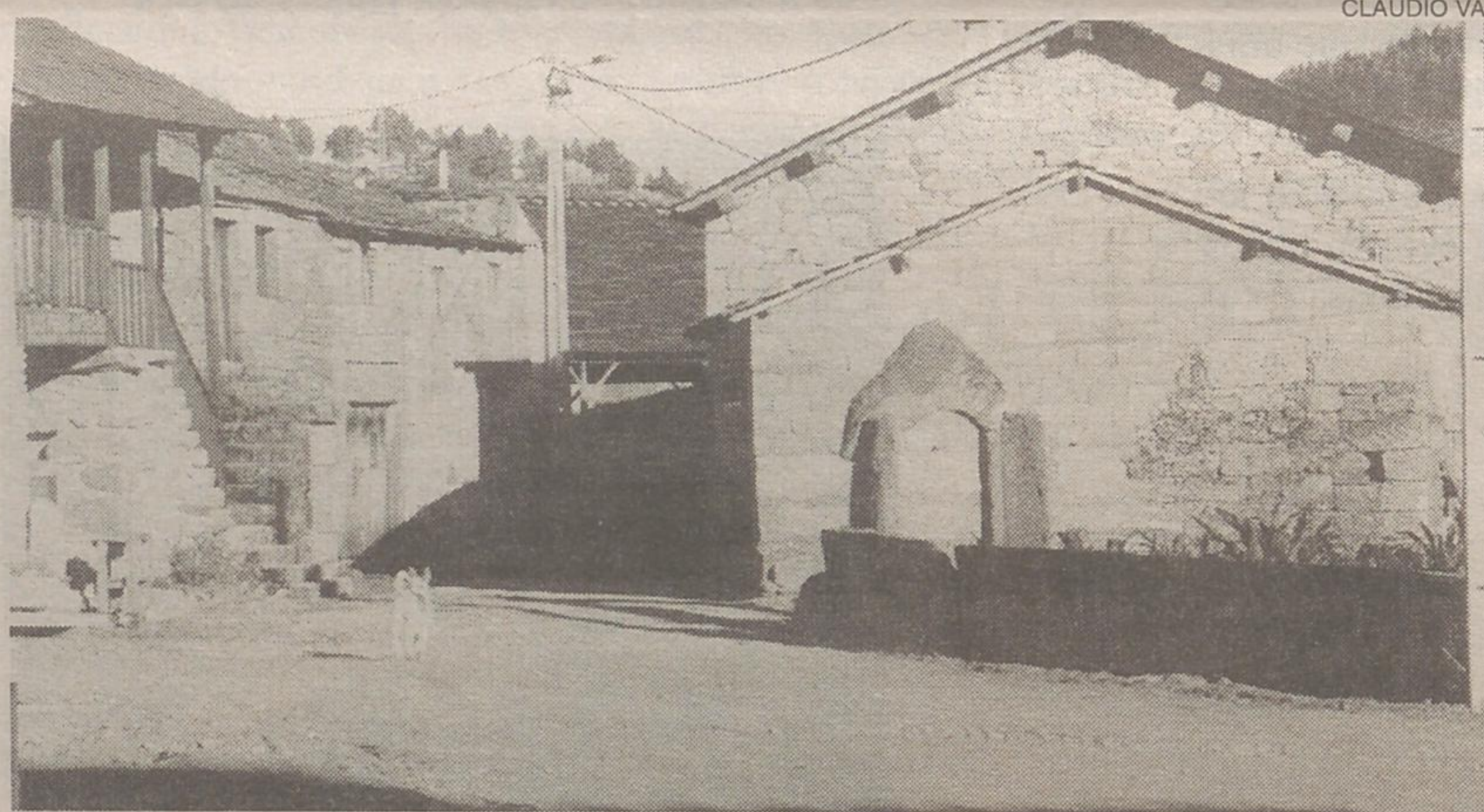
Outros rumos...

Uma viagem às aldeias do Parque Natural de Montesinho

A lenta perda de identidade

Aldeia que dá nome ao parque sofre da progressiva intrusão de materiais modernos de construção

Saindo de Bragança e tomando a estrada nacional 103-7, corte à esquerda antes de atingir a aldeia fronteiriça do Portelo e siga pela (excelente) estrada florestal. Prepare-se pois a subida começa a ser puxada. O isolamento é total e o silêncio começa a ser perturbador. O clímax é atingido quando vislumbramos desde o topo da serra, quase a querer se esconder, a aldeia de Montesinho. O local é habitado por cerca de 40 pessoas e a escola primária fechou há 3 anos. Apesar de manter o seu aspecto primitivo de construção (granito e lousa), nota-se nalgumas casas a utilização do tijolo, quer seja na sua construção ou no seu alargamento. O ambiente é agradável e já existem valências que permitem uma visi-



CLAUDIO VAZ

Aldeia de Montesinho

ta mais prolongada com a existência de casas para alugar. Mas algumas conservam o traço da tipicidade apenas no telhado de lousa...

As origens sobre as gentes e o local estão mal exploradas, mas especula-se que Montesinho surgiu como um lugar de exploração mineira ou como suporte de exploração agrícola desde os tempos da romanização. O suporte desta tese assenta no historiador Estrabão que indicava que os Zuelas, um dos 22 povos que formavam os Ástures e que pertenciam à região de Bra-

gança, eram reconhecidos pelas suas produções com o linho e o ouro. Posteriormente, com as lutas da independência nacional com o Reino de Leão, a zona ficou escassamente povoada. Daí o esforço de repovoamento dos primeiros reis, principalmente D. Sancho I e D. Dinis. Mas esta responsabilidade deve também atribuir-se à acção dos mosteiros: o de Meirola e o de S. Martinho de Castanheira, ambos cistercienses, cabendo ao primeiro o repovoamento de Montesinho no tempo de D. Sancho II. **José Manuel Camacho**

A não perder...

Teatro

- Museu dos Transportes - Coimbra B
Lilástico, dias 31 de Outubro a 1 de Novembro

Música

- Auditório do ISEC - Ricardo Barceló e Yakov Marr, evento integrado no Festival de Guitarra de Coimbra
Dia 23

- Igreja de Santa Cruz - Coimbra: A Divina Música
Dia 30

Dança

- TAGV - Pedro e Inês
Companhia Nacional de Ballet, dias 24 a 25

Exposições

- Edifício Chiado - Pintura portuguesa contemporânea nas colecções particulares de Coimbra - IV
Até 9 de Novembro

- Sala da Cidade - Vicente Gil e Manuel Vicente - Pintores da Coimbra Manuelina
Até dia 31

- Museu Nacional Machado Castro - Frei Cipriano da Cruz em Coimbra
Até dia 26

- Convento S. Francisco - ADN, Os Genes e a Alimentação
Até dia 18 de Dezembro

- Centro de Artes Visuais/ Encontros de Fotografia - Trabalho Work
A partir de dia 25

- Jardim Botânico da Universidade de Coimbra - Um passeio pelo tempo
Até dia 23 de Novembro

Colóquios

- Auditório da Reitoria - Ocidente, Oriente. Diálogo de Civilizações
Dias 29 a 31

Cinema

- TAGV - O Animatógrafo de Coimbra
De 28 a 31

- Cinemas Millenium Avenida - Festa do Cinema Francês
Organização: Alliance Française e Cinemas Millenium

Hoje
Petites Coupures - 14h
Ni pour ni countre (bien au contraire) - 16h30
Tiresia - 19h
Swimming poll - 21h30

Amanhã
Ce jour-là - 14h
Les égarés - 19h
Son frère - 19h

Quinta-feira
Être et avoir - 14h
Bon voyage - 16h30
Un Homme, Un Vrai - 19h
Choses Secrètes - 21h30

Cine-Teatro: Bad Boys II
De Michael Bay
Todos os dias, 13h20, 16h15, 19h, 21h45, 00h30

Estúdio 1: Um filme falado
De Manoel de Oliveira
A partir de quinta -, 14h, 16h, 18h, 20h, 22h, 24h

Estúdio 2: Dogville
De Lars Von Trier
Todos os dias, horários especiais devido à Festa do Cinema Francês

- Cinemas Girassolum - Sala 1: Bad Boys II
De Michael Bay
Todos os dias, 14h, 16h30, 19h15, 21h45.

Sala 2: Liga de Cavalheiros extraordinários
De Stephen Norrington
Todos os dias, 14h30, 16h45, 19h, 21h30

Viagem de carroça até ao Estádio da Luz

A inauguração do novo Estádio da Luz levou um adepto benfiquista a iniciar uma viagem de carroça entre Campo Maior e Lisboa.

O alentejano Carlos Mourato, de 43 anos, partiu no sábado passado da povoação de Monte da Serrinha e vai chegar a Lisboa na próxima sexta-feira, véspera da inauguração.

Na carroça pode-se ver uma bandeira da Casa do Benfica de Campo Maior, a primeira a abrir em Portugal. O aventureiro é acompanhado por um carro em que seguem colegas de trabalho da sua oficina de pintura de automóveis.

À chegada a Lisboa, a carroça e o animal vão ficar instalados no hipódromo do Campo Grande. Carlos Mourato regressa a Campo Maior depois de assistir à inauguração e ao jogo entre o Benfica e o Nacional de Montevideo, do Uruguai, no próximo dia 25.

Roupa salva-vidas

Cientistas alemães desenvolveram peças de roupa capazes de enviar um pedido de SOS. Ligados a serviços de emergência estarão pequenos aparelhos eléctricos instalados na roupa interior

Os Laboratórios Philips Research, em Aachen na Alemanha, desenvolveram pequenos dispositivos electrónicos que monitorizam os sinais vitais do corpo humano podendo alertar para alterações respiratórias ou dos batimentos cardíacos.

Esta tecnologia sem fios destina-se à assistência dos clínicos no momento do diagnóstico e ao acompanhamento de doentes de risco, especialmente daqueles que não estão internados em hospitais.

Além de alertar os serviços de emergência em caso de enfarte ou ataque cardíaco, estes dispositivos, graças à sua memória de 64 megabytes, permitem armazenar os dados vitais de uma pessoa ao longo de três meses. Assim, torna-se mais fácil em situações de emergência diagnosticar o problema do paciente.

O aparelho poderá ser usado em cuecas, soutiens ou cintos, dentro de um fino bolso de onde podem ser retirados a fim de lavar a roupa.

Em declarações ao jornal holandês Algemeen Ggblad, o director do laboratório referiu que inicialmente, ou seja, daqui a dois anos, este sistema será apenas usado em hospitais, principalmente na Alemanha e na Holanda.

Pamela enfrenta KFC



Pamela Anderson activista da PETA

A ex-menina de formas voluptuosas das "Marés Vivas" apelou ao boicote dos produtos da cadeia multinacional "Kentucky Fried Chicken", depois de acusar o gigante norte-americano de "crueldade para com os animais".

Numa carta enviada a esta cadeia de fast-food, a estrela loura afirma que a empresa é responsável pelo abuso de milhões de galinhas. Numa das frases presentes no documento Pamela Anderson refere que "se as pessoas soubessem como a KFC trata as galinhas, nunca mais comeriam outra coxa".

A associação People for the Ethical Treatment of Animals (PETA) aproveitou o mediatismo de Pamela Anderson para se associar a esta causa, pondo já a circular o documento nas mailing lists, no site e nas diversas iniciativas de sensibilização. O texto de protesto contra a KFC termina com a seguinte frase: "Crueldade é crueldade, e a KFC está a ser cruel ao extremo. Apelo a um boi-

cote a todos os restaurantes da companhia até que os meus amigos da PETA me digam que vocês estão a ser mais gentis nas vossas práticas". Uma das partes do documento de protesto elaborado por Pamela Anderson explicita que a KFC coze as galinhas até à morte além de as drogarem até que estas fiquem "estropiadas debaixo do seu próprio peso".

Em resposta a Anderson, a KFC já difundiu um comunicado onde faz saber que os seus produtos são confeccionados a partir dos melhores ingredientes, sendo as suas refeições preparadas na hora.

A ex-estrela de Baywatch, que actualmente integra o elenco da série V.I.P. conta com o apoio de outras celebridades, como sir Paul McCartney ou o mogul do hip-hop Russel Simmons.

A KFC detém o franchise sobre cerca de 13 mil restaurantes em 90 países, incluindo Portugal.

Daniel Pearl nas telas

Aos 38 anos o jornalista americano Daniel Pearl foi raptado e assassinado no Paquistão por militares com supostas ligações à Al-Qaeda. "A Mighty Heart: The Brave Life And Death Of My Husband Danny Pearl" foi o livro que Mariane Pearl, a viúva, escreveu e deu o mote à realização do filme.

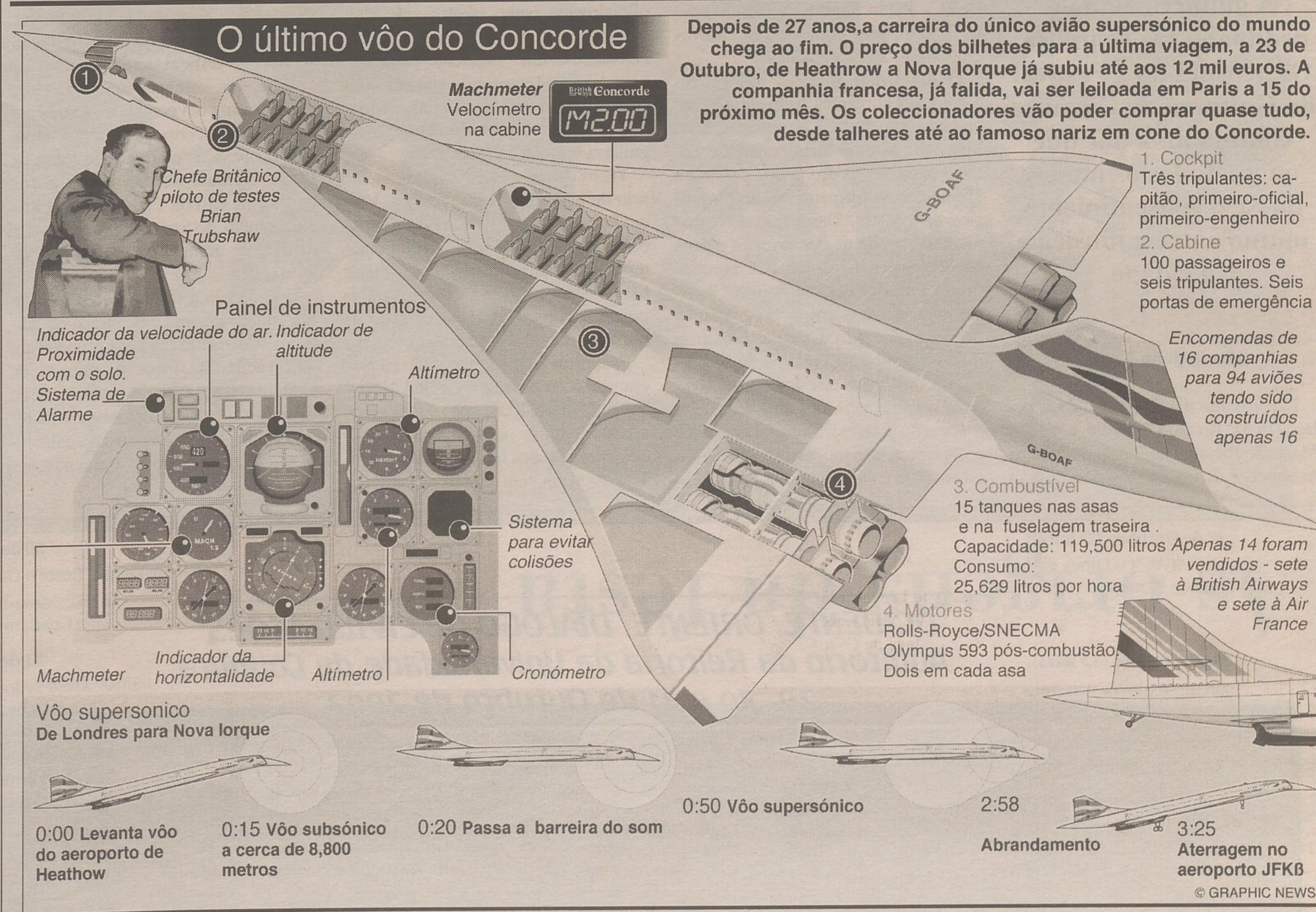
A Warner Bros. comprou os direitos deste livro para que a produtora de Brad Grey produza o filme. Esta produtora é encabeçada pelo casal Brad Pitt e Jennifer Aniston, que serão os responsáveis pela realização da película sobre o jornalista.

Daniel Pearl era o chefe da delegação do Sul da Ásia do Wall Street Journal e em 2002, quando morreu, a sua mulher encontrava-se grávida do terceiro filho. Inicialmente, Mariane recusou-se a vender os direitos do livro. No entanto mudou de ideias mais tarde e referiu à imprensa americana estar à espera de que este filme seja um tributo ao marido.

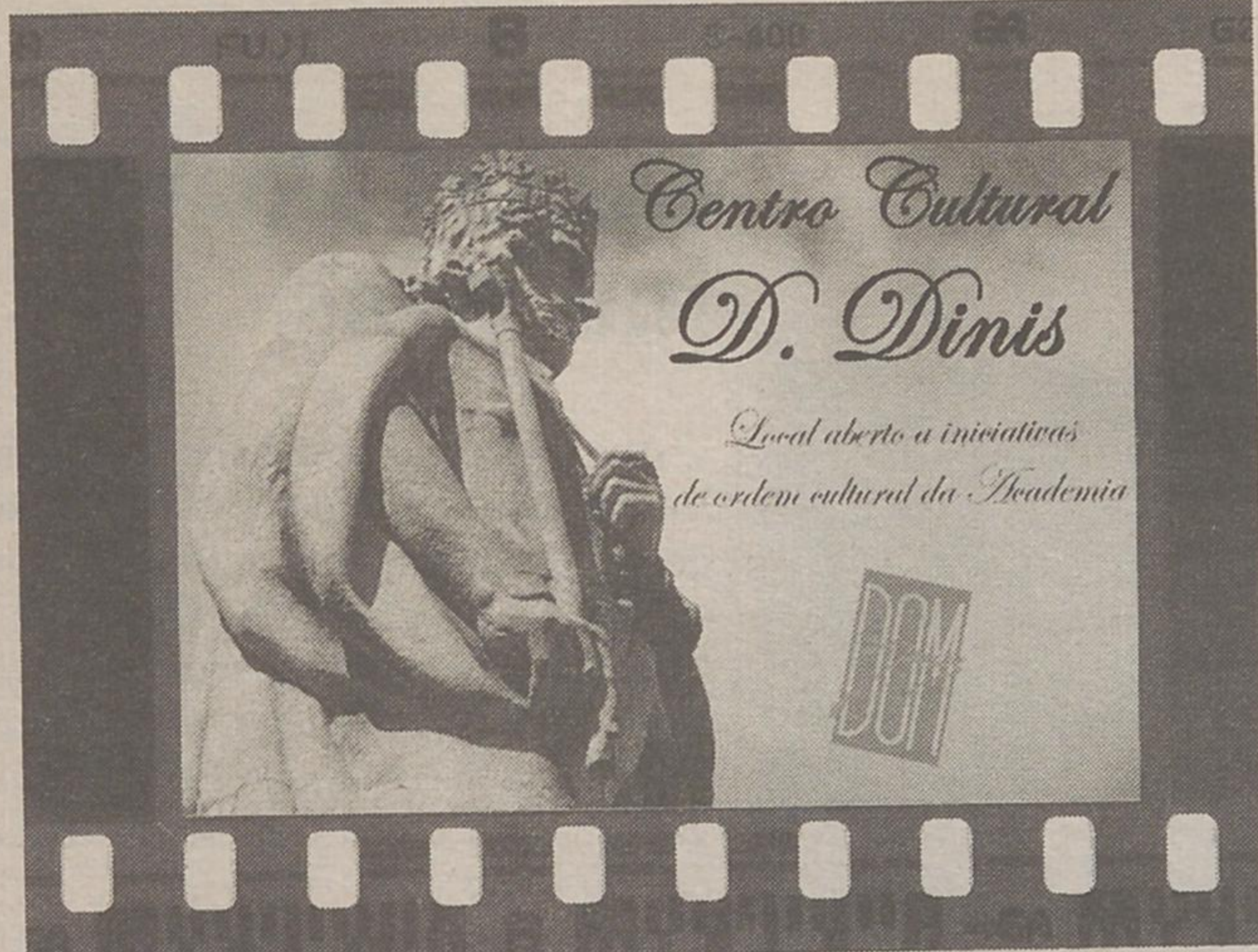
Markl de volta

Nuno Markl vai lan ar a sequela de O Homem que mordeu o Cão no próximo mês.

A publicação do O Regresso do Homem que mordeu o Cão - a Irmandade do Can deo - está a cargo da Texto Editora e o livro conta com um prefácio assinado por Catarina Furtado.



PUBLICIDADE



IMAGETICA

Por Gustavo Sampaio (texto) e Jonas Batista (fotografia)

A realidade é um vasto e abstracto território, o qual pode ser observado sob diferentes perspectivas. Ao caminhar serenamente pela galeria, surgem três janelas de luz perfiladas no sentido horizontal a representarem a subjectividade do mundo, como que questionando a forma como se pretende percepcionar o real. Tal como o cineasta ou o fotógrafo que escolhem o género de película na qual gravam respectivamente o filme ou a imagem, tal como o escritor ou o poeta que escolhem o tipo de papel e a cor da tinta que utilizam na escrita de um novo romance ou poema, o visitante procura a janela com a qual mais se identifica. Sempre a questão da identidade, da individualidade. E observa a intensidade da luz, a dimensão da janela, apalpa os caixilhos, inspira profundamente, pa-

ra enfim escolher observar o mundo através do holograma solar que lhe parece mais familiar na altura, por uma questão de comodidade intelectual. Quanto mais preconceituoso, quanto mais agarrado a estereótipos, quanto mais dogmático for o indivíduo, mais forçada é a sua escolha, delimitada por um conjunto de fundamentos preconcebidos, advindos de uma sociedade que oprime a liberdade individual em prol de uma crescente estandardização de comportamentos e rotinas. Por esta razão, escolher o feixe de luz mais estranho, mais distante, mais provocativo, representa um verdadeiro acto de coragem. Uma pedra lançada contra a engrenagem do sistema, com capacidade para suspender o infame processo de aniquilação do livre-pensamento.



Direito da Universidade Católica mais prático

Anselmo Câmara

Os alunos da Faculdade de Direito da Universidade Católica Portuguesa (FDUCP) vão poder contar com um sistema que lhes permite o contacto com casos reais. Este sistema é inédito no nosso país e baseia-se na ideia "learn by doing", já preconizado pelas universidades norte-americanas.

O intuito deste sistema - denominado "clínicas legais" - é proporcionar aos estudantes melhores condições para o início da vida profissional, ajudando a resolver casos reais em parceria com professores e advogados, oferecendo um contacto mais próximo com a profissão.

Como explica o presidente do Conselho Directivo da FDUCP, Rui Medeiros, "supervisionados por professores e advogados, os estudantes farão investigação, desenvolvimento, articulação e interpretação dos factos". De acordo com Rui Medeiros, os estudantes poderão ainda "servir pessoas carenciadas no apoio jurídico, incapazes de suportar os respectivos custos".

O resultado esperado é acabar com a "tendência para o divórcio entre o que se ensina nas faculdades e o que o recém-diplomado encontra depois na vida real", conclui o professor.

Os alunos estão sujeitos a uma avaliação que, no aspecto curricular, corresponde à de uma cadeira semestral.

"Coimbra capital nacional da guitarra"

A guitarra ainda é dedilhada em Coimbra. Os acordes do I Festival da Guitarra de Coimbra continuam a dar que ouvir. Todos os meses, dá-se o consentimento mútuo entre a música e a cidade

Maria João Lopes

No próximo dia 23 de Outubro, pelas 21h30, Ricardo Barceló e Yakov Marr vão tocar no auditório do Instituto Superior de Engenharia de Coimbra

(ISEC). Paulo Soares, da organização do evento, tem grandes expectativas em relação ao espectáculo.

O duo Marr-Barceló nasceu em 1999 em Guimarães fruto de um encontro inesperado. Os músicos criaram entre si uma forte empatia e entendimento recíproco já que possuíam afinidades na forma de encarar a música de câmara. Desde então, o duo não tem parado de percorrer os palcos de Portugal e Espanha. E é precisamente a música de compositores ibéricos que privilegiam na programação dos seus concertos. Uma das próximas metas a cumprir é a realização de gravações dos temas que costumam fazer parte do repertório dos músicos.

Ricardo Barceló é um guitarrista e compositor hispano-uruguaio, lecciona em Fafe e na Maia, e é reconhecido

oficialmente como mestre pela Universidade de Aveiro. Paulo Soares considera-o um "excelente pedagogo e também compositor de guitarra clássica". E acrescenta: "Estou ansioso por vê-lo tocar". No dia 23 vai tocar guitarra barroca e clássica.

Yakov Marr nasceu na Rússia, no seio de uma família de músicos. Vive em Portugal desde 1998, onde tem trabalhado como professor em conservatórios e academias de música, e é também compositor e concertista. Na próxima quinta-feira são os sons do seu violino que se vão poder escutar.

Este é um festival, integrado na programação da Coimbra Capital Nacional da Cultura 2003, que se tem vindo a realizar todos os meses. O balanço que Paulo Soares faz é bastante positivo: "As salas têm estado quase todas

cheias e o público tem vindo a crescer. Há mesmo pessoas que se têm mantido fiéis ao festival desde o início." O organizador assegura que o evento "vai de vento em poupa" e que de concerto para concerto o ambiente melhora. "Há pessoas que vêm de Faro, de Braga, da Maia, de Viseu, da Figueira da Foz, de Lisboa", garante satisfeito. Na opinião do organizador, este é o festival de guitarra mais marcante de todo o país.

Em relação à faceta dual de Coimbra, cidade amante ou cansada da guitarra, o responsável pelo espectáculo não vacila. Reafirma a guitarra de Coimbra e em Coimbra: "O facto de este instrumento fazer parte da história da cidade, dá às pessoas mais conhecimento sobre o instrumento, sobre a ambiência musical."

PUBLICIDADE

27 de Outubro (2ª feira):

21h30, TAGV: "Os Olhos da Ásia"
(um filme de João Mário Grilo, 1996)

29 de Outubro (4ª feira):

09h30: Sessão de Abertura

10h30: Conferência de Abertura

"La rencontre entre Occident et Orient: confrontation ou fondement d'un humanisme?"

15h00: Mesa-redonda:

"Olhares sobre o Oriente: da Índia à China e ao Japão"

18h30: Inauguração de Exposição de peças orientais no Museu Nacional de Machado de Castro

"OCIDENTE, ORIENTE. DIÁLOGO DE CIVILIZAÇÕES"
Auditório da Reitoria da Universidade de Coimbra
29, 30 e 31 de Outubro de 2003

Organização



Reitoria da UC

Com o apoio de:
Fundação Oriente
Caixa Geral de Depósitos

Um evento integrado na programação de "Coimbra, Capital Nacional da Cultura"

30 de Outubro (5ª feira):

09h30: Paineis "Entre o Ocidente e o Oriente: Viagens na História"

15h00: Mesa-redonda: "O diálogo inter-religioso: Cristianismo, Judaísmo e Islamismo".

31 de Outubro (6ª feira):

09h30: Mesa-redonda: "O diálogo Ocidente - Oriente nas relações internacionais do séc. XXI"

15h00: Conferência de encerramento
"Diálogo de civilizações Oriente-Occidente. Aporte al entendimiento internacional"

18h00: Sessão de Encerramento

21h30: Recital de Piano e Canto,
por Francisco Monteiro e Ana Ester Neves
(Capela de S. Miguel, Universidade de Coimbra)

As origens da festa



A Festa das Latas teve origem numa outra latada, a "arruaça das latas", tradicional na segunda metade do século XIX. Nesse tempo, os estudantes de Direito e Teologia, que acabavam o ano lectivo mais cedo, exprimiam ruidosamente a sua alegria com o propósito de incomodar os seus colegas. Utilizavam para isso todos os objectos que produzissem barulho, nomeadamente latas...

Esse género de arruaças terminou com a reforma estatutária de 1901 que, por decreto, lhes pôs cobro, marcando o ponto para o mesmo dia em todas as faculdades.

Nos anos 20, as Latadas ocorriam no final do ano lectivo, para remate das festas da Queima das Fitas. Foi a partir dos anos 50 e 60 que as Latadas passaram a ocorrer não no ter-

mo do ano lectivo mas sim no início, coincidindo com a abertura da universidade, e a chegada da população escolar de férias.

A Imposição de Insígnias, no início de cada ano escolar, destina-se a destacar o dia em que se começam a usar as insígnias - "grelo" ou fitas.

A denominação de "Festa das Latas" ou "Latada" advém do facto dos caloiros que participam no desfile o fazerem carregados de latas que, presas por barbantes ou arames, são arrastadas pelas artérias da cidade, da Alta à Baixa, de maneira ruidosa.

Os caloiros, além de arrastadores de toda a espécie de objectos de lata e de ferro, vêm ornamentados com roupa extravagante, muitas vezes do sexo oposto, frequentemente vi-

rada do avesso, e transportando cartazes com legendas de conteúdo crítico, alusivos à vida académica e outros acontecimentos nacionais e internacionais.

Os caloiros deverão seguir em duas filas paralelas, com os padrinhos (doutores da praxe) no meio, que devem ter um comportamento digno de um estudante de Coimbra, dando o exemplo àqueles que estão a iniciar na praxe académica.

O cortejo da Latada atinge o auge quando os padrinhos orgulhosos, com a ajuda de um penico, baptizam o seu caloiro nas águas do Mondego.

No desfile tomam lugar de relevo os novos grelados e fitados desse ano. Os grelados, além de trazerem o grelo já colocado na pasta, trazem também um nabo adquirido, geralmente

de manhã no Mercado D. Pedro V. Nem sempre há necessidade de comprar aquele tubérculo tradicional. Muitas vezes é oferecido por uma ou outra vendedeira, ou então é o estudante que, com "artes de magia", se vê possuidor do nabo.

Esta tradição do nabo está relacionada com um feliz episódio da academia. Ano houve em que as vendedoras do mercado foram agravadas com uma taxa autorizada de venda dos seus produtos demasiado alta. Os estudantes, num acto de solidariedade, resolveram comparecer em peso no mercado municipal e compraram todos os produtos ali existentes.

Mas os costumes nem sempre evoluem no melhor sentido e são muitos os estudantes que confundem o acto de compra do nabo com o roubo do nabo.

Programa cultural e desportivo da Festa das Latas

A outra Latada

Para além dos concertos no Pavilhão Universitário, a Latada de 2003 vai contar com actividades culturais, desportivas e com um autocarro especial

Depois de no passado sábado o Quinteto de Coimbra A Capella ter efectuado um concerto, as comemorações da Festa das Latas e Imposição de Insígnias 2003 prosseguem amanhã com a Serenata, na Via Latina, à meia-noite. No mesmo dia realizam-se três convívios: na cantina dos grelhados, na cantina das químicas e na A das Gerais.

No dia 25 tem lugar no Instituto Português da Juventude o "IX Mondego", festival académico de folclore. A partir do dia 30 de Outubro e até ao dia 20 de Novembro realiza-se um workshop de Música,

organizado pela secção de fado da Associação Académica de Coimbra (AAC).

O dia 3 de Novembro está reservado para a comemoração dos 116 anos da AAC, no Teatro Académico de Gil Vicente (TAGV). As actividades devem principiar com a apresentação de um suplemento denominado "Feira AAC", a ser produzido pela Secção de Jornalismo da AAC. De seguida ficará a ser conhecido o "Livro 115 anos da Associação Académica de Coimbra", que antecede a realização de uma mesa-redonda "Sobre Sexualidade", organizada pela SOS-Estudante. Ainda na mesma tarde, e também no TAGV, estão programadas a actuação da "Imperial Tertúlia In Vino Veritas", uma conferência sobre a praxe académica (organizada pelo Concelho de Veteranos) e a actuação de coros.

Destaques ainda para o lançamento do

CD "No Palheiro", pelo grupo de cordas da Secção de Fado, no Pavilhão de Portugal, dia 8 de Novembro, e para o concerto de Carl Hancock Rux e dos Balla, dia 13, no TAGV - espectáculo de apresentação da nova grelha da Rádio Universidade de Coimbra.

No Pavilhão Universitário, durante os dias da Festa das Latas e Imposição de Insígnias 2003 tem lugar a iniciativa "Descobre Outros Prazeres" e várias actividades desportivas como bungee run, orbital ou bonecos de sumo.

A Latada deste ano conta também com um meio de transporte especial: a LatoVia - um autocarro nocturno que fará percursos a partir do Largo da Portagem para os principais locais da cidade, a custo zero, e nos períodos compreendidos entre as 22h30 e as 00h30 e as 05h30 e as 06h30.

- Bilhetes -

POSTOS DE Venda:

Posto 1:
Faculdade de Economia - Sala do "BIG ONLINE" (Piso 2)

Posto 2:
Pólo II - Núcleo de Estudantes de Engenharia Electrotécnica de Computadores

Posto 3:
Sala de Estudo da Associação Académica de Coimbra

Posto 4:
Largo D. Dinis - Carrinha da Região de Turismo do Cento

Posto 5:
Bilheteiras do Pavilhão Universitário (a partir de dia 23 de Outubro)

PREÇOS:

Bilhetes Gerais

Estudante do Ensino Superior de Coimbra - 28 euros
Cartão de sócio da AAC - 26 euros

Bilhetes Pontuais

Quinta-Feira, 23 de Outubro:
Estudante - 2 euros
Não-estudante - 2 euros

Sexta-Feira, 24 de Outubro:
Estudante - 8 euros
Não-estudante - 13 euros

Sábado, 25 de Outubro:
Estudante - 12 euros
Não-estudante - 20 euros

Domingo, 26 de Outubro:
Estudante - 8 euros
Não-estudante - 13 euros

Segunda-feira, 27 de Outubro:
Estudante - 8 euros
Não-estudante - 13 euros

Terça-feira, 27 de Outubro:
Estudante - 5 euros
Não-estudante - 13 euros

Moloko e prata da casa prometem

O cartaz musical da Festa das Latas e Imposição de Insignias 2003 apresenta alguns nomes inevitáveis e outras boas surpresas. Assim, o mote é dado com o Sarau Académico na quinta-feira dia 23, onde 14 tunas e grupos académicos vão provar a qualidade do produto da Academia.

No dia seguinte, começam no Pavilhão Universitário os concertos que apelam às massas, numa noite totalmente preenchida por bandas portuguesas: primeiro os Yellow W Van e os portugueses Blind Zero, e a terminar os veteraníssimos Xutos e Pontapés. Ainda na mesma noite, a Estudantina volta a interpretar o seu rico reportório tuno.

O primeiro grande nome internacional da Latada deste ano apresenta-se no Sábado, dia 25. São os Moloko de Roisin Murphy, com novo álbum na bagagem. Na mesma noite há ainda os nacionais Sally Lune e os alienígenas Blasted Mechanism.

O fim-de-semana fica completo com a doninha mais famosa de Portugal (os Da Weasel), a par dos rapazes com nome de fruto (Toranja) e ainda David Fonseca.

Na segunda-feira, a noite vai ser anfitriã da outra banda internacional deste ano: os Mew. Responsáveis pela malha sonora que acompanha a publicidade de uma reputada marca de telemóveis, os Mew já passaram pelo palco principal do Festival Paredes de Coura deste ano. Na mesma noite, há os novatos Ashfield e o sempre fora-da-lei Jorge Palma. A Fan-Farra Académica completa o ramalhete musical da noite.

As noites musicais da Festa das Latas e Imposição de Insignias deste ano terminam como sempre com a chamada noite "pimba", bem regada de álcool e música pouco dada a interpretações ambíguas. Há as Delirium, mas o grande nome da noite é o Barreiros, o Quim. A noite, essa, termina com uma Festa da Espuma (uma novidade desta Latada), e a já habitual Orxestra Pitagórica.

Quinta-feira, 23 de Outubro

- Sarau Académico

O certame musical da Festa das Latas e Imposição de Insignias 2003 começa, como é habitual, no palco do Pavilhão Universitário, com mais um Sarau Académico. O espectáculo deste ano conta com a apresentação de Fernando Alvim e tem o início marcado para as 21h, sendo o alinhamento composto por catorze grupos universitários.

A Quantunna, tuna mista da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, cabe a responsabilidade de abrir uma noite que se quer festiva. Depois da actuação da Quantunna é a vez da Phartuna mostrar de que são feitos os tunos da faculdade de Farmácia.

O terceiro grupo a actuar nesta noite é o Coral Quecofónico do Cifrão, vindo da faculdade de Economia, ao qual se seguirá a Imperial Tertúlia In Vino Veritas.

A primeira dose de tunas estritamente femininas sucede-se com As Mondeguinas, que depois rendem o palco à Tuna de Medicina Masculina. As meninas da Tuna de Medicina Feminina seguir-se-ão aos seus congéneres masculinos.

Um dos momentos mais divertidos pode muito bem ser a actuação do Grupo de Rags da Tuna Académica de Coimbra, com as suas performances bem originais onde desfilam ver-



sões de temas como "Eleanor Rigby" ou "Pink Panther Theme".

A Fan-farra Académica de Coimbra sobe ao palco pouco depois com a percussão bem vincada, cedendo depois o Pavilhão Universitário às melodias interpretadas no feminino pelas Fans.

Em formato instrumental mas nem por isso menos atraente, o Grupo de Cordas da Secção de Fado é o próximo conjunto no alinhamento do espectáculo, exactamente antes do caos sarcástico-musical protagonizado pela Orxestra Pitagórica e seus acesórios.

A noite termina já alta com as prestações da Orquestra Típica e Rancho e finalmente da inolvidável Estudantina Universitária de Coimbra.



Sexta-Feira, 24 de Outubro

- Xutos e Pontapés

Foi a 20 de Dezembro de 1978 que Zé Pedro (guitarra), Zé Leonel (voz), Kalú (bateria) e Tim (baixo) tiveram o seu primeiro ensaio, apresentando-se ao vivo sensivelmente um mês depois. Em 1981, sai Zé Leonel, que vem a formar mais tarde os Ex-Votos, e é substituído por Tim. Nesse mesmo ano, os Xutos e Pontapés gravam os primeiros singles e participam no Rock Rendez Vous. No início de 1982, entram para o primeiro lugar do top de preferência nacional da Rádio Renascença que, mais tarde, proíbe a difusão de alguns dos seus temas. No ano seguinte, sai o guitarrista Francis, entrando para as suas funções o actual guitarrista João Cabeleira (ex Vodka Laranja), enquanto que no ano de 1984 entra igualmente o saxofonista Gui. Um ano depois, os Xutos e Pontapés dão o seu primeiro concerto no estrangeiro, seguindo-se-lhe uma série de concertos bem sucedidos dentro e fora de portas.

Já no início da década de 90, Gui sai da banda sem que, contudo, o grupo deixe de ter casa cheia em todas as suas actuações. O ano de 1995 marcou o reconhecimento mediático da banda com a atribuição do prémio de Carreira pelo jornal Blitz, e com a gravação de um concerto acústico em directo para a Antena 3, concerto esse que deu origem a mais um álbum.

Mais tarde, os Xutos e Pontapés são convidados por Joaquim Leitão para

compor a banda sonora do filme "Tentação", que acaba por ser um dos filmes portugueses mais vistos de sempre.

Em 1998, é lançado o álbum de tributo dos 20 anos de carreira do grupo, "XX Anos, XX Bandas", que conta com a participação de várias bandas de renome no panorama musical português, a interpretar alguns dos temas mais célebres da banda aniversariante. Depois disso, os Xutos e Pontapés ainda registaram alguns originais patenteados em "XIII", seguindo-se-lhe dois discos ao vivo. O primeiro chama-se "Sei onde estás" e inclui algumas gravações feitas em concertos dados nas festas académicas de Coimbra. O mais recente trata-se de um disco acústico chamado "Nesta cidade", que levou o grupo por várias salas espalhadas pelo país (Coimbra teve a oportunidade de os ver no Teatro Académico de Gil Vicente).

Entretanto, os Xutos e Pontapés estiveram há poucas semanas na cidade das capas negras, para aquele que consideraram ser o concerto mais importante das suas carreiras (e, ironicamente, talvez o mais curto) - a primeira parte dos Rolling Stones.

Festa das Latas e Imposição de Insignias 2003 apresenta programa eclético

animar noites da Latada

Sábado, 25 de Outubro

- Moloko

Os Moloko nasceram com a pergunta: "Gostas da minha camisola apertada?". Foi assim que Roisin Murphy se apresentou a Mark Brydon, numa festa em Sheffield, em 1994. No ano seguinte lançavam o primeiro álbum do projecto que, ironicamente, apelidavam de "Do You Like My Tight Sweater?". Tratava-se de um álbum pop de cadência funk e de humor matreiro. Eles próprios fizeram questão de se demarcar do síndrome que a imprensa britânica tinha de catalogar todas as bandas compostas pela trindade mulher, homem e computador de trip-hop, assumindo-se como uma banda pop.

Em 1998, registaram "I Am Not A Doctor", onde aparecia o tema "Sing It Back", que seria, mais tarde, alvo de uma remistura. Essa releitura fez-lhes vender mais de 500.000 cópias do single e o tema apareceu em mais de uma centena de compilações um pouco por todo o mundo.

O terceiro registo, "Things to Make and Do", leva os Moloko de regresso à sua essência pop. Deste disco de 2000 surge o mega-êxito "The Time Is Know", cozinhado segundo as mesmas fórmulas da remistura de "Sing It Back", e que lhes valeu uma enorme digressão pelos principais festivais europeus e a aquisição de um disco de ouro na Grã-Bretanha.

No ano seguinte, a banda recolhe algumas raridades e remisturas do seu trabalho, compilando o material no cd duplo "All Back to the Mine".

Entretanto, mudam-se de Sheffield para Londres, reconstruindo aí o seu estúdio e registando o quarto trabalho de originais: "Statues". Neste álbum contam com a participação de Eddie Stevens (teclados) e Paul Slowly (percussão), e ainda com um ensemble de cordas de 35 elementos, dirigido pelo primeiro. O disco marca também uma nova fase de relacionamento entre Roisin Murphy e Mark Brydon, que agora são somente amigos e companheiros de trabalho.

Os Moloko passaram ainda este ano pelo Festival do Sudoeste, num concerto onde Roisin Murphy foi inextinguível e que se qualificou muitos furos acima da sua anterior passagem pelo mesmo palco.



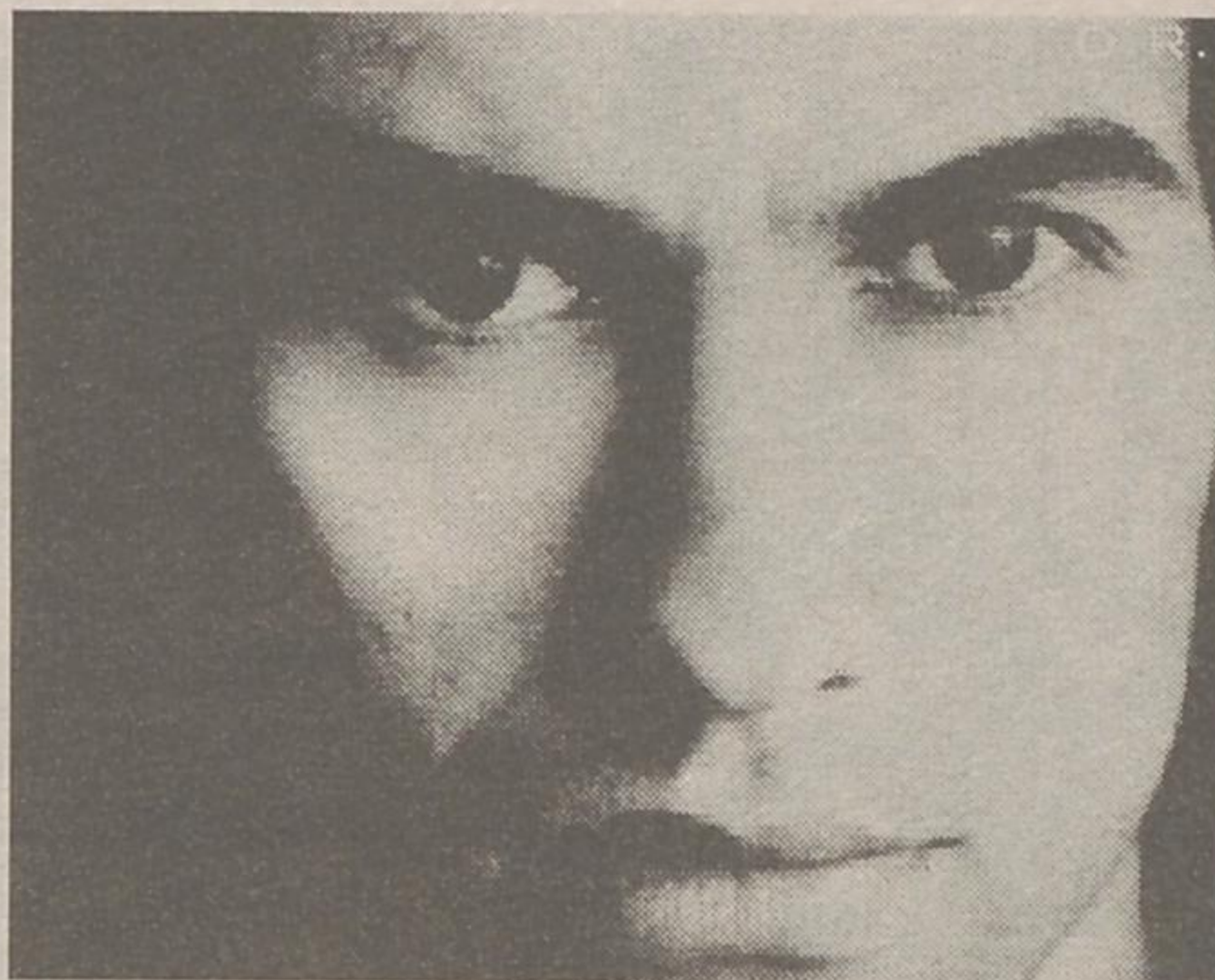
Domingo, 26 de Outubro

- David Fonseca

De Leiria chega uma das vozes que mais tem feito pela música em Portugal nos últimos tempos: David Fonseca. O seu nome não se consegue dissociar dos Silence 4, um dos fenómenos da indústria musical portuguesa, surgido em 1998, e cujo primeiro álbum obteve vendas superiores a 240 mil cópias (o equivalente a seis discos de platina).

Em 2000, o quarteto leiriense edita "Only Pain Is Real", que obteve um volume de vendas superior a 100 mil exemplares e com concertos memoráveis de promoção pelo país. Resolvem em 2002 fazer uma pausa na carreira ficando, segundo palavras do próprio vocalista, apenas "congelados". Este facto proporcionou o começo da carreira a solo de David que, já este ano, lança o álbum "Sing Me Something New", cuja produção é de Mário Barreiros (à semelhança dos dois discos do grupo da cidade do Liz).

No concerto desta Festa das Latas



e Imposição de Insignias 2003, espera-se a procura de ambientes intimistas, a par de momentos de pop perfeita e rasgos de alguma loucura contida. Não irão faltar, certamente, os singles "Someone that Cannot Love" e "The 80's", que agora serve de base musical para os anúncios publicitários de uma conhecida operadora de telefones móveis.

Segunda-feira, 27 de Outubro

- Mew

Os Mew são a nova coqueluche escandinava, formada por antigos colegas de escola que nutriam paixões comuns por música e cinema. Baseados nestas duas premissas conjugáveis, Jonas Bjerre, Bo Madsen, Johan Wohlerter e Silas Graae acabaram por juntar esforços, fazendo nascer a sua própria editora e, consequentemente, o projecto Mew, uma vez que todas as editoras dinamarquesas procuradas lhes fecharam a porta, por não se sentirem identificadas com as suas sonoridades.

Para além da facilidade de reconhecimento de qualquer música dos Mew aos primeiros acordes, é sobretudo pelo invulgar registo vocal de Jonas Bjerre que a obra do projecto

mais se distingue.

Lançaram o álbum de estreia "Frengers", que teve uma óptima aceitação por parte da crítica musical especializada, para não referir uma ainda maior recepção da parte do público. Todo este entusiasmo valeu-lhes em Portugal uma actuação no último festival de Paredes de Coura, muito por culpa da inclusão de uma das suas músicas nos anúncios publicitários de uma operadora de telefones móveis. Caso para dizer que a curta carreira dos Mew se rege pela máxima de seguirem o que sentem.

Segunda-feira, 27 de Outubro

- Quim Barreiros

Apesar de não ser propriamente um novato nestas andanças, Quim Barreiros é um daqueles fenómenos de invulgar juventude, capaz de deixar envergonhado um qualquer caioiro. A receita para essa jovialidade é muito clara: letras simples e passíveis de várias interpretações (sendo obviamente uma delas a brejeirice fácil), devidamente acompanhadas de música com traços populares.

Para ajudar à festa, acrescenta-se ainda a fácil comunicação do artista com o povo e a sua figura carismática com o célebre bigode, acordeão

e sorriso rasgado.

Os estudantes de Coimbra já o tratam por tu há alguns anos, tal a quantidade de vezes que o homem do acordeão já lhes encantou as boémias com "O mestre da Culinária", "Chupa Teresa", "A garagem da vizinha" ou "O bacalhau da Maria". Assim sendo, não deve ser muito diferente a sua actuação na apelidada Noite Pimba, logo após um desgastante cortejo, durante a tarde.

- CARTAZ -

- Quinta-Feira, 23 de Outubro

Sarau Académico:
Quantunna
Phartuna
Coral quecofónico do Cifrão
Imperial Tertúlia In Vino Veritas
Mondeguinas
Tuna de Medicina Masculina
Tuna de Medicina Feminina
Rags
Fan-Farra Académica de Coimbra
Fans
Grupo de Cordas
Orxestra Pitagórica
Orquestra Típica e Rancho
Estudantina universitária de Coimbra
apresentado por Fernando Alvim

- Sexta-Feira, 24 de Outubro

Yellow W Van
Blind Zero
Xutos e Pontapés
Estudantina

- Sábado, 25 de Outubro

Sally Lune
Blasted Mechanism
Moloko

- Domingo, 26 de Outubro

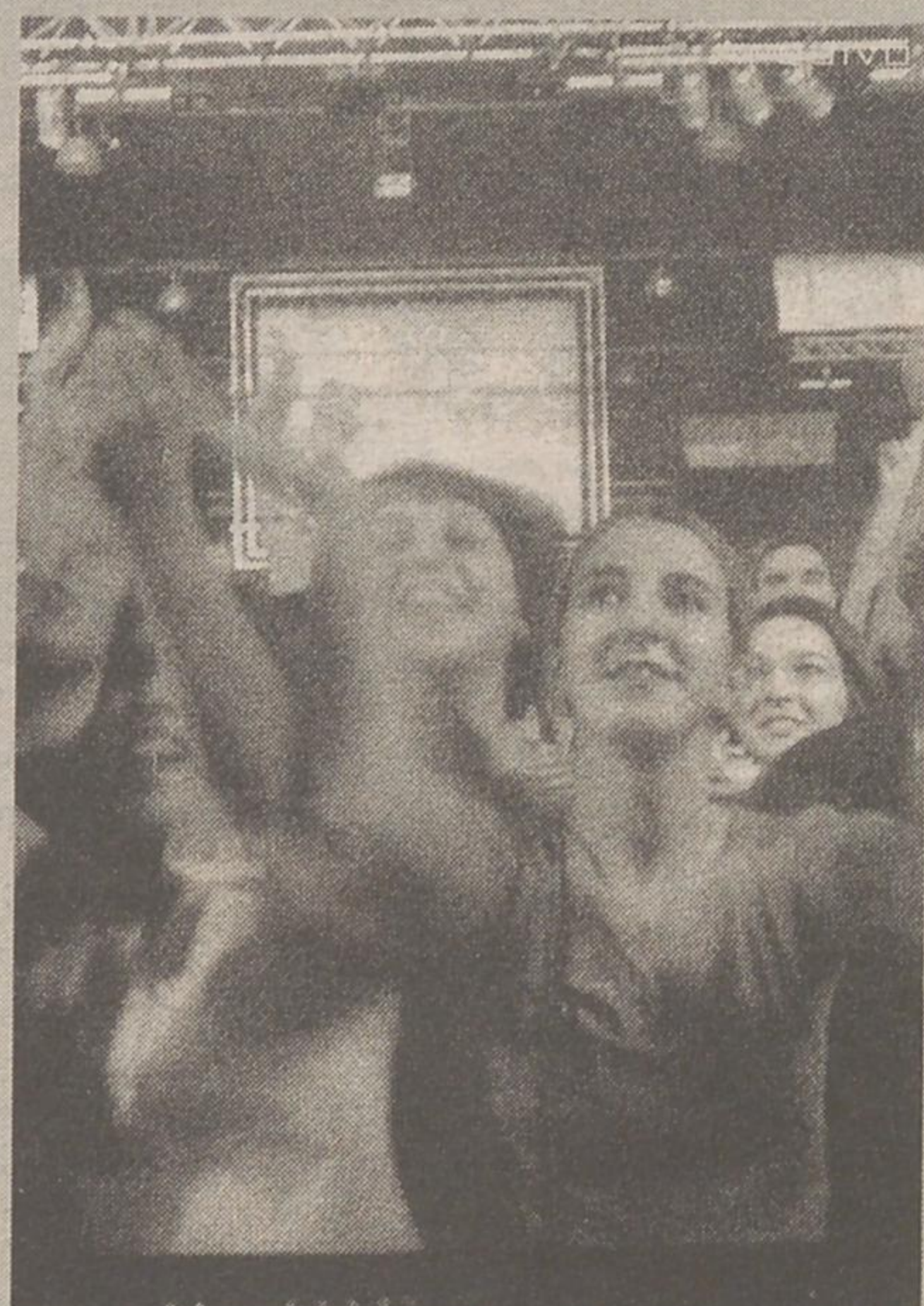
Toranja
Da Weasel
David Fonseca

- Segunda-feira, 27 de Outubro

Ashfield
Jorge Palma
Mew
Fanfarra

- Terça-feira, 28 de Outubro

Delirium
Quim Barreiros
Orxestra Pitagórica
Festa da Espuma



SUPLEMENTO

Este suplemento é parte integrante do Jornal Universitário de Coimbra - A CABRA nº101, não podendo ser vendido separadamente

FESTA DAS LATAS

&
IMPOSIÇÃO DAS INSÍGNIAS



23 A 28 DE OUTUBRO

2003